

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL**

DAURI BATISTI

**CAVALOS ALADOS E DRAGÕES DE FOGO:
O DESEJO BUSCA PALAVRAS**

**VITORIA
2012**

DAURI BATISTI

CAVALOS ALADOS E DRAGÕES DE FOGO: O DESEJO BUSCA PALAVRAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, na área de concentração Subjetividade e Clínica.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Leila A. Domingues Machado

**VITORIA
2012**

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

B333c Batisti, Dauri, 1958-
Cavalos alados e dragões de fogo : o desejo busca palavras / Dauri
Batisti. – 2012.
116 f.

Orientadora: Leila A. Domingues Machado.
Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) – Universidade
Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Subjetividade contemporânea. 2. Arte e Internet. 3.
Comunicação. I. Machado, Leila Aparecida Domingues. II.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas
e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9

DAURI BATISTI

CAVALOS ALADOS E DRAGÕES DE FOGO: O DESEJO BUSCA PALAVRAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, na área de concentração Subjetividade e Clínica.

Aprovada em 21 de dezembro de 2012.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Doutora Leila A. Domingues Machado
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
ORIENTADORA

Professora Doutora Elizabeth Maria Andrade Aragão
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Professora Doutora Rosane Preciosa Sequeira
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Professora Doutora Maria Elizabeth Barros de Barros
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

VITORIA
2012

Ao pensar em dedicatória dei-me um pensamento a teu respeito, mãe. Como uma tarde que presenteia a sala com sombras silenciosas dei-me este pensamento. E foi com surpresa que me vi imaginando tuas mãos, tuas mãos brancas, mansas, macias, nunca vazias. E elas permanecem aqui na lembrança e na saudade como música que canta a bondade e o amor.

Tantas lutas empreendeste, pai. Tão cedo fizeste o caminho dos inexplicáveis destinos. Mas ainda, na condensação dos anos, surge o vigor da recordação: és vivo! Tuas lutas e teus sonhos estão aqui, e me pergunto se haveria outro modo de lutar senão na rubra e suave nuvem do sonho, e se haveria outro jeito de sonhar senão na ardência da ferida e no suor da luta.

Ah, eis que apenas separo dos campos e dos tempos por onde vou estas palavras. Quisera eu por as minhas mãos em tuas mãos, mãe, pai, em gesto ritual, isso sim, como dedicação, como consagração de tudo que vivi.

AGRADECIMENTOS

O agradecimento sempre haverá de ser a singela e terna afirmação de que o agradável, o prazer pode ser parte de todos os nossos encontros, esforços e trabalhos. O agradecimento, por assim dizer, nos força a esse reconhecimento. Há alegrias, contentamentos e agradabilidades a serem recolhidas da vida em suas diárias e tortuosas e até mesmo sofridas vias. Mas, também, talvez em primeiro lugar, o agradecimento será a confirmação de que, para além do que alcançamos pelos nossos próprios méritos está aquilo que recebemos de graça, por graça. A graça nos afeta especialmente, e quase que exclusivamente, pela intermediação de um outro coração. E graça aqui pode ser entendida como a força da vida que se dá, força que singularmente pode se dobrar para formar o amor, o charme, a bondade de cada um, e tudo o mais que entregamos aos outros, mesmo sem querer. Ah, eis que muito recebi, e é com prazer, então, que ofereço a todos a minha gratidão.

Agradeço à professora orientadora Leila Aparecida Domingues Machado; à professora Elizabeth Maria Andrade Aragão; à professora Maria Elizabeth Barros de Barros; à professora Rosane Preciosa; a todos os professores do PPGPSI; à secretária do Departamento de Psicologia da UFES Maria Lierte Gurtler, à secretária do PPGPSI Sonia Fernanda Fagundes da Silva Dias, e aos outros funcionários; a CAPES, aos colegas, aos amigos e aos amigos da internet; à D. Luis Macilha Vilela, Arcebispo de Vitória; aos meus saudosos pais. E a Deus, decerto.

Nada se faz pela imaginação, tudo se faz pela
imaginação [...] movimento que percorre o
universo engendrando dragões de fogo, cavalos
alados [...].

Os homens não deixam de fabricar um guarda-sol
que os abriga, por baixo do qual traçam um
firmamento e escrevem suas convenções, suas
opiniões [...].

O artista abre uma fenda no guarda-sol, rasga
até o firmamento, para fazer passar um pouco de
caos livre e tempestuoso e enquadrar numa luz
brusca, uma visão.

Gilles Deleuze

RESUMO

Os modos de produção de subjetividade são atravessados pelos processos que se dão no mundo e nas suas contingências sócio-históricas. O fora do mundo e o dentro do sujeito entrelaçam-se por forças poderosas delineando, definindo, constituindo a subjetividade. Todavia o sujeito não ocupa nesse processo simplesmente o lugar da passividade. Ele não apenas se individualiza a partir deste processo dinâmico, metamorfoseante, mas também se singulariza no seu modo de lidar, de se articular com estas forças, de fazer usos delas. Entendemos que tanto os movimentos de individualização e singularização são potencializados pelas tecnologias de informação e comunicação, especialmente a internet, que consideramos um dos mais importantes vetores na constituição da subjetividade na contemporaneidade. Indagamo-nos, nos artigos que se seguem, sobre a atualidade, e sobre as subjetividades que nela se fundam, dirigindo nosso olhar para alguns aspectos que se evidenciam no e pelos meios comunicacionais e informacionais. Partindo do presente como passível de ser pensado, e com o apelo de uma urgência, dirigimos nosso olhar para os indicativos de mudanças que se dão na subjetividade pelo uso abundante da escrita na internet, pela passagem do cultivo da intimidade para a “extimidade”, pela exposição crescente do cotidiano e do banal. Para tanto, nos assessoramos de atitudes de inspiração cartográfica tendo em vista que a concepção deste trabalho segue na perspectiva crítica de que estes processos são atravessados pela heterogeneidade de vetores e multiplicidades. Utilizamos contribuições de autores como Foucault, Deleuze, Guattari, Certeau, Sennet, entre outros. Mas também, por sermos convictos de que, às vezes, o mesmo guarda-sol que nos protege dos dragões de fogo e dos centauros precisam ser rasgados para deixar fluir das asas dos cavalos alados uma corrente de ar, e do fogo da imaginação potente um raio a nos possibilitar visões – usando o linguajar metafórico de Gilles Deleuze para as forças do caos – o presente trabalho também é habitado por outras vozes, como as de Fitzgerald, Calvino, Bob Dylan, entre outras.

Palavras-chaves: Subjetividade. Contemporaneidade. Internet. Arte.

ABSTRACT

The modes of production of subjectivity are traversed by the processes that occur in the world and its socio-historical contingencies. The outside world and inner world of the subject intertwine by powerful forces delineating, defining, constituting subjectivity. But the subject simply does not occupy the place in the process of passivity. He not only differentiates from this dynamic process, by metamorphosis, but also stands alone as a way to deal with these forces, coordinating with them to make use of them. We believe that both movement's individualization and singularity are enhanced by information and communication technologies, especially the Internet, we consider one of the most important vectors in subjectivity in contemporary times. We wonder, in the articles that follow, about the present times, and about the subjectivities that are produced in it, directing our attention to some aspects that are evident by the World Wide Web. Considering that it is possible to think the present and it is an urgent, direct our gaze to indicate the changes that occur in subjectivity by abundant use of writing on the internet, by the passage of the cultivation from intimacy to "extimidade", by daily banality exposure. Therefore, we advise us of attitudes of inspiration cartographic, considering that the conception of this work comes from the critical perspective that these processes are crossed by the heterogeneity of vectors and multiplicities. We use contributions from authors such as Foucault, Deleuze, Guattari, Certeau, Sennet, among others. But also, because we are convinced that, sometimes, the same umbrella which protects us from the fiery dragons and centaurs need to be torn to let go of the wings of a horse an air stream, and fire of the powerful imagination a lightning enable us visions – using the metaphorical language of Gilles Deleuze to the forces of chaos – this work is also inhabited by other voices, such as Fitzgerald, Calvino, Bob Dylan, among others.

Keywords: Subjectivity. Contemporary. Internet. Art.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
INTRODUÇÃO	16
ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	20
ARTIGO I	23
RASTROS GRÁFICOS, TELAS, DISPLAYS: MODOS CONTEMPORÂNEOS DE PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE	24
ARTIGO II	42
CRACK-UP: AS SENSIBILIDADES SÃO OUTRAS, O SUJEITO SE EXPÕE	43
ARTIGO III	63
BANAL, ORDINÁRIO, COMUM: O QUE NOS CONSTITUI EM VISIBILIDADE	64
ARTIGO IV	85
FLUXOS, CONEXÕES, GAGUEIRAS, FABULAÇÕES: ARTEIROS USOS DA ESCRITA.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS.....	110

APRESENTAÇÃO

Ao me propor em impulsos e arranjos de desejos as primeiras linhas destes escritos – entrelaces e caminhos de estudos e poesias, forças e debilidades, raciocínios e fabulações – não há como me furtar à recordação das belas palavras pronunciadas por Michel Foucault (2006) quando da sua aula inaugural no Collège de France, no dia 2 de dezembro de 1970: “Gostaria de me insinuar sub-repticiamente no discurso [...] ao invés de tomar a palavra”.

Mas, comecemos. Arrisquemos tomar a palavra. Desenho esta apresentação a partir dos traços do memorial que apresentei como requisito para a seleção no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional (PPGPI) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) para afirmar o ir e vir do pensamento, a deambulação das ideias na retorta de uma alquimia do saber que se dá por amaziamentos, roubos, alianças, apropriações e reapropriações.

Ao escrever os caminhos – pois que caminhos mais são escritos nas pegadas que se deixa e na poeira que se leva nas sandálias do que nas hospedarias e albergues que se fixam às suas margens – caminhos que se aproximam da conclusão do mestrado neste programa de pós-graduação, e ao pensar os outros que se desenharão de agora em diante, decerto e de bom grado, me deparo, ainda, com dúvidas, inquietações, ambiguidades. Mas, eis que sabemos, e seguimos, na confiança de que é no entre, naquilo que se expressa pela delicadeza da conjunção “e”, que se articulam, na vida que está aqui, estes outros e novos encontros, outras poesias e mundos.

O que aparece agora com uma certa clareza se encobriu por tempos e tempos de muitas nuvens cinzas. Quando dos esforços as páginas que se escreviam ganharam tintas douradas de sol foi nos encontros que estas luzes se deram, encontros com professores, com colegas e funcionários, encontros com almas e corpos, em ruas e livrarias, em bytes e becos. Escrever esta apresentação e todo o trabalho que se segue, portanto, será reescrever, necessariamente. Escrever agora sob o foco de uma nova lucidez não apartará das linhas os delírios e fabulações, os outros, tantos corpos e almas, mortos e vivos que, pela minha simples e humilde intermediação, plasmaram os pensamentos que ora disponho em linhas.

Ah, deixe-me dizer, pois que sinto agora, eis que vêm umas saudades, já, e aqui. Exatamente aqui por entre as letras no teclado onde o corpo se presentifica, por entre os dígitos que na tela se volatilizam em luzes. Ah, perdem-se em nostalgias tantas palavras que não serão ditas, palavras que seriam traços de outras faces deste caleidoscópio que é a vida. Possíveis pensamentos, reflexões e meditações para outras horas, talvez. Avancemos assim mesmo.

Há curiosidades em mim que se mantêm desde a infância, curiosidades bobas, desejos de um saber sem imediatas “utilidades”, como aquela de subir a montanha e ver lá de cima a vila pequena ali embaixo. Ou então desejos de subir aquela outra montanha que se avistava da porta da cozinha para saber que mundos havia do outro lado. Ainda hoje estas curiosidades me provocam, tomam meu tempo, e me fazem propor um estudo como este que se presentifica nos artigos que compõem esta dissertação, que quer assuntar na internet as ligas das letras, a exposição dos banais, das intimidades, da imaginação de cada um, estes, muitos que por ali navegam, e de como isso tudo se entrelaça na constituição de quem somos.

O desejo! Tudo se passa assim, mais ou menos assim, surgiram e surgem em constantes investidas esses desejos de escrever desenhos na pele dessa luz, em folhas ou em planas telas de invenções, com meadas de energias de tantas cores, sensibilidades e bytes, desejos de mostrar a todos o que se tem, mesmo que o que se tem são os banais para viver. Não, esses desejos de escrever e se mostrar não pertencem às pessoas, nelas e por elas eles apenas vazam da fonte inesgotável e pulsante da vida. Vida que não se contenta em ser, mas que escancaradamente se mostra em mil formas e cores, em mil histórias e enredos. Estes desejos se forjam em arteiras tentativas e em palavras, jeito totalmente humano de lidar com o caos. Sim, ai se vai por imagens e palavras essa mania ancestral, essa beleza intemporal de dar nomes. Impulsos benfazejos, ou nem tanto, inspirados ou expirados, carregados de alguma beleza ou dela bem destituídos, traços, escritas e banais que se cruzam na constituição do humano, texto, exposto, corpo desnudo, tessitura humana que é uma, apenas uma, dentre as milhares e surpreendentes facetas da vida. Ah, que me acontece agora um verso de Manoel de Barros (2007, p. 13) com suas desacostumadas palavras, verso que se entrega em capturas e que capta a

minha atenção, no intervalo, ao folhear um livro: “As coisas que não tem nome são mais pronunciadas por crianças”.

Mas bom é que se diga, então, agora, no influxo da pronuncia das crianças, que o olhar analítico, austero, racional não se destitui neste texto, de jeito nenhum, de um outro olhar, o olhar de quem namora, olhar oblíquo de paixão, sinuoso de outras intenções, cavalos alados voando a espalhar e a juntar os pensamentos. Os dois olhares se afetam constantemente e produzem um outro cujo nome não sei dizer, mas que delineará comigo o olhar da dissertação que aqui apresento.

Sim, afirmo, é este olhar que sei e experimento como um olhar atravessado de austeridades racionais e obliquidades passionais que vou tomando para pensar, pensar a constituição das subjetividades na era da internet, e problematizar o que na rede se mostra, a escrita, as imagens, os banais, a vida exposta, os fluxos de sonhos, os dragões de fogo.

Ao fazermos estes caminhos nos avizinhamos ainda mais daqueles que acampam em territórios de sonhos e fabulações e confabulamos com os fugitivos, os arteiros, os “artistas”, os nômades, os re-existentes da era cibernética, e também tomamos suas rotas barrocas. E então novas compreensões das realidades, novas vitalidades se evidenciam, exatamente na dupla captura que se dá ao cruzarmos nossos pensamentos e sentimentos em tentativas de erigir tendas com eles, mesmo que com nossas desajeitadas contribuições. A palavra entender vem de estender, esticar, entrar na mesma tenda e conversar.

Ganhar aproximação, viver com esses mundos e sujeitos, outros, novos, que também se fazem e se refazem na exposição, na escrita, nas redes sociais, nos blogues, nos comentários das notícias dos grandes portais de notícias, foi o que nos propomos em nossos estudos. Num relance de pressa o olhar se depara com um imenso mar de obviedades, redundâncias, banalidades, um caos. Nós outros tomamos a pretensão de visões no rastro de pegasus, centauros e dragões.¹ Pretensões de ali descortinar vitalidades e ir em direção a elas.

¹ Deleuze e Guattari (2009) se referem ao caos e a necessidade de se lidar com ele. Falam com estas imagens de cavalos alados e dragões de fogo, do caos e do poder da imaginação, e dos planos que a arte, a ciência e a filosofia traçam sobre este caos.

E nas asas desses cavalos, na proposta deste trabalho foi se constituindo, de novo, uma crença no mundo, como diz Deleuze (2008), uma crença que significa suscitar acontecimentos,² mesmo pequenos, como os que foram e serão decorrentes desta dissertação.

O que vai dito aqui, vai dito assim no descompasso do ainda muito por fazer, nas janelas e portas sem bandas e taramelas a expor quem somos, nas paredes abertas por onde surge outras vozes e se insinuam velhos e outros novos desejos.

Se há várias línguas, avisa de longe Roland Barthes (2003) – me re-introduzindo nas linhas da escrita – é porque há vários desejos. O desejo busca palavras.

Transitarei, pelo que já ficou patente, entre o controle sobre as palavras, pondo-as em pautas retilíneas segundo as normas e as prescrições, e o seu domínio sobre meu corpo, minhas mãos, meu coração, quando elas se irromperem na página em movimentos de trapaças, delírios, lampejos, ideias, fantasias, impulsos de poemas, de contos, como meio lúcido, lícito, de expressão.

Transitarei, pois, entre os modos estabelecidos de se usar as palavras em um trabalho científico e a interrupção, às vezes abrupta, nestes modos usais. Tudo o que segue, portanto, vai neste cambalear. Ora o sujeito da escrita está em si, identificado, firme, ora sai-se de si, impessoaliza-se, empoetiza-se, é voz com distintas e estranhas entonações e timbres.

As palavras que por este trânsito se impregnaram nestes brancos de páginas, nessas luzes de tela, não são, destarte, somente palavras, nem elaborações mais ou menos racionais, mais ou menos líricas sobre um determinado tema. São experiências.

Maurice Blanchot (2011, p. 89) citando Rilke diz que “[...] para se escrever um único verso, é preciso ter visto muitas cidades, muitos homens e coisas”. Então, inspirado em Blanchot e Rilke, marco aqui a expressão experiência³ não como signatária de

² Deleuze (2008, p. 218) diz que “O acontecimento mais ordinário faz de nós um vidente [...] a mídia nos transforma em simples olheiros passivos”.

³ Para Blanchot (2011, p. 89) “Experiência significa, neste ponto: contato com o ser, renovação do eu nesse contato – uma prova, mas que permanece indeterminada”.

muitas coisas que se viveu e se acumulou, mas como encontros, contatos, contágios.

Para terminar esta apresentação tomo de empréstimo desejos de Milan Kundera (1988). Ele faz um elenco de quatro apelos que lhe são especiais no que diz respeito ao processo de escrever, ao que a escrita deve conter e promover: O apelo de diversão; o apelo de sonho; o apelo de pensamento; o apelo de tempo. Tomo de empréstimo estes quatro apelos e neles livremente me inspiro, para, humildemente, marcar uns traços que gostaria de ser capaz de imprimir nesse texto, nos artigos que se seguem.

Primeiro que o texto seja capaz de divertir, ou seja, que a escrita que vai se desdobrando nos seus vários tópicos seja capaz de divertir, que faça sorrir, que faça fluir por outros caminhos, mais leves, o que de costume, ordeiramente, segue por padrões e prescrições.

Segundo, que a escrita não se envergonhe de ceder à fantasia, ao sonho, e neles busque alguns outros elementos do real que só neles podem ser encontrados. Daí inclusive a razão do título deste trabalho. Ou seja, que a escrita favoreça no encontro com os sonhos um estouro nos ditos discursos verossímeis.

Terceiro, que a escrita seja lúcida, clara, ágil, audaciosa e que possa ser capaz de favorecer o pensar a contemporaneidade e os seus modos de nos constituir em algemas e fugas.

Por fim, que a escrita faça – ou procure fazer – vazar o tempo para além das experiências pessoais, e assim facilite a transposição de limites. Que faça aparecer um tempo coletivo, um tempo de todos que se dá em cada um.

INTRODUÇÃO

A vida, o mundo, as forças que agem sobre a vida, modos de vida, os jeitos de ser, de amar, de não amar, de sonhar, de sofrer, processos coletivos, múltiplos, interior e exterior, forças as mais variadas e diferentes interagem o tempo todo delineando nosso rosto, moldando nosso corpo, constituindo-nos em subjetividade. Mas esta noção – subjetividade – não é entendida como se correlata à identidade, refere-se antes ao que se dá nesses processos, nas sobreposições entre o fora do mundo e o dentro do sujeito. Processos que nos redesenham a cada dia.

Deleuze (2008) diz que subjetivação trata-se de uma dobra de força, trata-se da constituição de modos de existência, ou de invenção de possibilidades de vida. Estes modos se dão e se recriam constantemente no turbilhão em fluxo contínuo da vida. E, se eles não cessam de recriar-se, os tempos atuais – desiguais dos de ontem e dos de amanhã – desafiam-nos ao estudo de suas produções.

Também já é consenso que não se pode dar às costas aos modos de viver que se forjam com a mediação, a participação dos novos meios de comunicação e da informática. A internet inegavelmente se estabelece como uma força, um poder e um suporte para trocas entre as pessoas de um modo jamais visto. De uma velha língua ela faz uma nova, de pesados instrumentos novas ferramentas. É na interconexão entre antigas práticas – como o uso da escrita e das imagens – e a internet que se abre, segundo o nosso entendimento, a possibilidade de um campo onde se pode observar modos próprios dos tempos atuais de produção de subjetividades e também outras possibilidades de criar caminhos para re-existências.

Sabe-se que a subjetividade se constitui numa relação de forças em que modelos referenciais característicos de uma época conseguem imprimir modos de pensar, de agir e de ser, mas, ao mesmo tempo, também é sabido, este mesmo processo vai suscitar resistências a estes modos de vida. Partindo da imprevisibilidade de como e de que modo estas resistências se constituem e atuam atentaremos especialmente para a escrita, para a exposição da vida e de seus banais, e para os usos inventivos, arteiros, inusitados destes novos meios comunicacionais e informacionais. Esta atenção se mesclará, com certeza, de muitas questões e perguntas, e especialmente atentaremos para estes aspectos individuais e coletivos da produção de subjetividade produzida, tendo nestes novos meios um importantíssimo vetor. A informática não intervém apenas na ecologia cognitiva, diz

Pierre Levy (2010), mas também nos processos de subjetivação individuais e coletivos.

A internet, portanto, configura uma prática. Todos os seus usuários são mais do que usuários, são praticantes. E por estas praticas – atualizadas a cada instante – pelo uso da escrita, das imagens, da exposição de suas coisas, de seus banais ele inventa usos, constitui narrativas, ampara-se em frágeis e fragmentadas noções de identidades e “busca” outros “eus”, busca outros, faz-se, é feito.

A subjetividade assim configura-se como fluxo que se compõe e se decompõe em muitas cores. E na medida em que o que se faz na internet, o que se publica, o que se escreve, o que se mostra, o que se vive em movimentos constantes e instáveis, – ondas, usos e abandonos de usos, dispositivos que surgem e desaparecem, redes sociais que ganham muitos adeptos e depois os perdem – a subjetividade que se produz com a contribuição deste importante vetor é uma subjetividade que, decerto, rompe com concepções do sujeito enquanto entidade fixa, dada, estabelecida.

Há, então, decerto, um afastamento dos modos modernos de produção de subjetividade. Mas estes novos modos nessa produção ainda se mesclam dos padrões da modernidade. Dentre as mudanças que se estabelecem estão aquelas que transitam do cultivo da interioridade, da intimidade para a extimidade e exposição da vida que até então estava sob a égide do doméstico, do privado, do particular. Quando se poderia supor que o sujeito moderno, com o privilégio que concedia à vida interior, ao recolhimento e a privacidade – com seus respectivos tons de verdades imutáveis – pudesse ceder lugar a um insurgente sujeito que se expõe sem reservas, que não se acanha em expor-se – exatamente por se constituir já com este viés – que olha para a vida exposta em superfícies e telas de luzes sem dar-lhe a conotação de superficial e vulgar.

Mas se estes movimentos se evidenciam para nós como importantes elementos na constituição das subjetividades também atentamos para as ambiguidades desse fenômeno. Portanto, importa destacar que a internet, a constituição da “extimidade”, a exposição da vida com todos os seus banais também se presta ao encobrimento. Encobre-se que o sujeito cada vez mais é alvo de uma ação – da megamáquina capitalista, como diria Pelbart (2011) – que lhe rouba as forças da vida, forças criativas e inventivas. Por detrás do sujeito que transita-vive-expõe-se na internet

está o homem desamparado, subtraído de suas potencialidades, de seus desejos, consumidor de “bens”.

Mas também haveremos de ver que a prática da internet, a vida na internet, os desejos que nela circulam dão o vigor de um campo de experimentos, de inventos, de traquinagens, de usos arteiros de suas muitas possibilidades. Destarte, haveremos de não perder do nosso próprio ponto de vista a possibilidade de girar, de olhar sobremaneira a vida, a vida multiaxial em seus problemas, mas também, e especialmente, multifacetada em suas possibilidades.

No desejo, ainda, de dar à nossa palavra a entonação também de outras vozes, ecos e certas ressonâncias das artes caiu-nos em sentimentos a ideia de fazer falar aqui autores e personagens de outros mundos, a literatura, a música. Assim, tangenciando a desobediência das prescrições, deixamos aparecer contribuições desses outros olhares, outras vozes, pontos de vistas, poesias e delírios que magnificamente a literatura constitui, indicativos de vitalidades espalhadas por vários pomares. Na verdade esta contribuição da literatura que aqui introduzimos quer traduzir a convicção de que o favorecimento da vida se dá pelo entrelace de vários testemunhos, seja da filosofia, da psicologia, da literatura, da música, etc. Destarte estas intrometidas participações se dão de modo a tentar tornar o texto, ele mesmo, propositor das belezas dos enredamentos, da sinfonia das polifonias, do poder da imaginação. Ou seja, o próprio texto da maneira em que se foi construindo quer ser, para além das ideias que propõe, uma experiência de convocação e interpelação aos afetos bons, à imaginação potente e criativa, cavalos alados, dragões de fogo.

ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Os estudos que compõem esta dissertação de mestrado se organizam na forma de quatro artigos, a saber:

O primeiro artigo, intitulado **RASTROS GRÁFICOS, TELAS, DISPLAYS: MODOS CONTEMPORÂNEOS DE PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE**, põe-se na perspectiva de um olhar sobre o tempo presente – e de um indagar-se que daí decorre – acerca do que nos acontece e nos tece em interconexões nestes tempos marcados pela expansão da rede mundial de computadores e de sua influência inegável sobre a vida e os modos de viver. Como foco para a análise o artigo se volta para a escrita na internet como um dos importantes vetores deste processo de constituição de subjetividade na atualidade. Este artigo faz como que uma abertura de todos os outros que se seguem. Aqui tomamos especialmente a contribuição de Michel Foucault, Gilles Deleuze e feliz Guattari.

O segundo artigo, intitulado **CRACK-UP: AS SENSIBILIDADES SÃO OUTRAS, O SUJEITO SE EXPÕE**, quer pensar certos abalos que se dão na configuração das subjetividades na atualidade. A ênfase cairá especialmente sobre as mudanças que se evidenciam, e que passam do cultivo da intimidade para a exposição que se dá pelos meios informacionais e a rede mundial de computadores. Tomaremos para isso o pensamento de Gilles Deleuze, Felix Guattari e Giorgio Agamben, especialmente. Além de contarmos também com a reflexão desenvolvida por Paula Sibilia e outros. Fazendo eco ao que o artigo procura expor introduzimos vozes de Fitzgerald como uma contribuição da literatura aos entendimentos dessas realidades.

No terceiro artigo, intitulado **BANAL, ORDINARIO, COMUM: O QUE NOS CONSTITUI EM VISIBILIDADE**, empreendemos a tentativa de olhar o cotidiano e os banais dos quais se faz uso e que se evidencia pela exposição na internet. Queremos, portanto, forjar nesse olhar uma outra combinação do cotidiano e seus banais com as possibilidades de invenções e modos outros de lidar com a vida e seus desafios. Fugimos então da associação superficial e imediata do cotidiano com o vulgar, o grotesco, o desimportante. Para tanto tomaremos a contribuição de

Michel de Certeau, Richard Sennet, Guy Debord, Gilles Deleuze, e outros. Como voz outra a colaborar buscamos o escritor italiano Ítalo Calvino, especialmente com uma personagem: Marcovaldo.

No quarto artigo, intitulado **FLUXOS, CONEXÕES, GAGUEIRAS, FABULAÇÕES: ARTEIROS USOS DA ESCRITA**, voltamos à escrita como suporte e veículo para outros fluxos além dos que lhe são explicitamente inerentes. A escrita assim, nas mais variadas parcerias com imagens, e nas vastas alterações em seus usos e formas, ao modo de arte, não necessariamente arte, mas ao modo dos caminhos que a arte faz, de dar um sentido à vida e ao absurdo, merece aqui nossa atenção. Para isso nos norteamos pelo pensamento de Gilles Deleuze especialmente com o seu conceito de gagueira; com Bérgrson com seu conceito de fabulação, além de outras contribuições. Como expressão do nosso desejo de diálogo com outras vozes, e dando um tom polifônico ao texto, introduzimos neste artigo a poesia de Bob Dylan.

ARTIGO I

RASTROS GRÁFICOS, TELAS, DISPLAYS: MODOS CONTEMPORÂNEOS DE PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE

Dauri Batisti

Resumo

O artigo põe-se na perspectiva de um olhar sobre o tempo presente, e de um indagar-se que daí decorre acerca do que nos acontece e nos tece em interconexões nestes tempos marcados pela expansão da rede mundial de computadores e de sua influência inegável sobre a vida e os modos de viver. O artigo quer perguntar-se sobre os modos de constituição de sujeitos nestes dias, neste tempo que chamamos hoje, apelando-nos para o cuidado da vida e para a potencialização de suas belezas. Mas de modo especial analisa a escrita na internet, a profusão de palavras, a emergência copiosa, exagerada, apressada de textos na internet como uma das linhas de constituição do sujeito nos tempos atuais.

Palavras-chaves: Subjetividade. Contemporaneidade. Internet.

Abstract

This article aims to look upon the present times and question what happens with us and weaves us in this times marked by the expansion of a worldwide web of computers and its undeniable influence over life and ways of life. It interrogates the subject's constitution modes in present times, and in a special way, analyses writing on the internet, the profusion of words, and the copious, exaggerated and hurried emergence of texts on the internet as one of the subject's constitution lines in present times.

Keywords: Subjectivity. Contemporary. Internet.

Um modo de estar-pesquisar no presente

O contemporâneo momento que nos institui seus filhos e no qual re-existimos em tentativas de arte e pesquisa força nosso olhar, nosso corpo e alma para que em curvas e platôs nos demos em atitudes de dizer o que nele e por ele somos.

O tempo atual em suas belezas, mazelas, paradoxos e potencialidades nos desafia a olhar sua sempre caleidoscópica configuração. Transitando entre o fascínio e o encantamento de um filho por sua mãe – com os respectivos medos –, e também com a curiosidade do cartógrafo que ensaiamos ser, vemos estes tempos hodiernos eivados de grandes hortos: meio ambiente, mudanças climáticas, crescimento populacional, crises globalizadas, internet, etc.

É, contudo, a convicção de não desprezar o presente que nos coloca a caminho nessa pequena e humilde empreitada. E, parece, não há outro a não ser o voltar-se para o presente – como nos sugere Foucault (2006) – como atitude crítica.

É com este propósito que voltamos nosso olhar sobre a abundante produção textual que a internet constitui-mostra-facilita-expõe. E voltamos, ou tentamos voltar nosso olhar com a atenção no que Deleuze (2008, p. 120) diz, “[...] pensar é ver e falar, mas com a condição de que o olho não permaneça nas coisas e se eleve até as ‘visibilidades’”. E o que são as visibilidades de uma época? Deleuze (2008, p. 120) mesmo responde, “[...] é o regime de luz, e as cintilações, os reflexos, os clarões que se produzem no contato da luz com as coisas”. Ou seja, os enunciados, ou como ele diz, toda formação histórica diz tudo o que pode dizer, e vê tudo que pode ver.

Indagamo-nos sobre estes rastros gráficos – mesmo que voláteis e em bytes – que os modos contemporâneos de produção de sujeitos imprimem dos nossos jeitos, dos nossos caminhos e que se evidenciam na grande e selvagem e sedutora rede mundial de computadores.

Portanto, sobre essa face brilhante em telas e displays onde se impregnam palavras e mais palavras, voltamos com consideração⁴ nosso olhar-desejo para estes rastros, e é isso que como caldo, como fluxo, vai se inscrevendo nas linhas

⁴ A palavra consideração que hoje na língua portuguesa tem o sentido de deferência, respeito, estima, raciocínio, ponderação, opinião entre outros significados, tinha na sua origem o sentido de observar cuidadosamente o espaço sideral.

desse artigo e que aqui se processa, não em exposições hierárquicas e retilíneas, mas em deambulações e espiralidades, pois que mais do que significar alguma coisa a escrita se reorienta a cada instante como cartografia de regiões, reentrâncias, horizontes de nuvens sopradas por ventos velozes.

Não é, no entanto, sem um gosto das licenças poéticas que os arranjos desse artigo se levantam dos teclados em frases e parágrafos. Na escrita assim se expandindo há um desejo de se pôr em jogo, de des-criar, – de profanar diria Giorgio Agamben (2007), de restituir ao mundo o que é dele – de dar à palavra a chance de parcerias com o que é dela: comover, mexer, movimentar pensamentos. Até porque é pela comoção, pelo abalo, – só pensamos porque somos forçados do Deleuze (2008) – que a angustia ou a alegria do texto poderá reflorecer em esclarecimentos e lucidez.

Michel Foucault (2006) expressava seu interesse pela atualidade, o pensar o presente, como um exercício filosófico, uma atividade que delineará um esboço do que somos e do que dizemos. Ter o pensamento como estratégia, como diz Deleuze (2008, p. 120), ao comentar a obra de Foucault, pensar que as relações de força não apenas se reduzem à violência, mas constituem ações sobre ações, ou seja, atos, tais como “[...] incitar, induzir, desviar, facilitar ou dificultar, ampliar ou limitar, tornar mais ou menos provável [...]”.

Esta atitude que aqui assumimos como nossa, como nova, e nova porque atual e passível de ser vivida agora, desdobra-se constantemente em muitas questões: o que somos no contemporâneo? O que estamos fazendo de nós mesmos? Que transformações acontecem e me acontecem enquanto me posto diante deste computador? O que estou a fazer ao escrever este artigo? Voltar-se para a atualidade nos oferecerá a chance de explorar as possibilidades que temos de nos constituir, no e por meio dos mil condicionantes que nos cercam, em sujeitos livres.

O sujeito – sabe-se – constitui-se num chão social e político por relações que se dão em jogos de poder e saber. Poder e saber se articulam como eixo na formação das subjetividades. Mas o interesse pelo sujeito veio nos mostrar que na concepção de Foucault (2006) a ontologia do presente é uma atividade filosófica que, exatamente no seu exercício, promove o engendramento de outras formas de subjetividade que se contrapõem aos modos óbvios e naturalizados, aquelas em

que o sujeito volta-se também sobre si mesmo com querer e desejos de artista, no intento de investir a própria vida dos movimentos da arte, uma estética, no processo de viver. Ou seja, pesquisar a atualidade é propor-se a mudanças no exato exercício da pesquisa.

E este modo de pesquisar ao voltar-se para os dias em que se vive-sobrevive se colocará em outro lugar e não naquele de meras análises frias e intelectuais, rebuscada de erudições, codificada por dialetos. Antes, haverá de inspirar-expirar outros possíveis modos de existir e estudar, sonhar-buscar outros saberes, se articular com outros modos de dizer as coisas, quiçá jeitos afetados por sabores – saberes de poesia. Ou, alongando o dizer, mas mesmo assim ficando entre o dito e o não dito, este exercício é um pôr-se em jogo, construção de possíveis e poesias num mundo de “necessários” consumos. Para nós, portanto, este interesse é também uma resposta – mesmo que tímida – aos apelos do exercício da arte de re-existir frente aos modos capitalistas de viver e produzir conhecimentos. Destarte, como já foi dito, o exercício de análise do presente já é, portanto, um exercício ético, de transformação, de abertura para outros horizontes, para transpor limites quem sabe, e erigir moradas em outros territórios.

Foucault (2006), quando do seu interesse pela subjetividade se volta para os tempos clássicos da Grécia e para os dois primeiros séculos da era cristã. Este olhar que vinha da análise dos jogos do poder e da constituição dos enunciados e do saber chega, com seu interesse de pesquisa, à ética e estética do sujeito.

Ele deixa as eras nas quais arqueologicamente se detinha – renascimento, modernidade – para ir ao novo recorte de tempo de seu interesse, para jogar luzes mais precisas sobre o presente a partir destes outros modos “perdidos” de se viver.

Ele estuda as práticas filosóficas e ascéticas daquelas culturas para mostrar a singularidade na produção de subjetividades e que estas se forjam numa situação concreta, datada, em nada decorrentes do acaso. Ou seja, o sujeito pode ser constituído não somente pelas práticas que o sujeitam, mas também pode voltar a ação sobre si mesmo, sendo ao mesmo tempo sujeito e objeto. Para ele então é preciso operar-se sobre si mesmo como exercício gerador de conhecimentos.

Na idade moderna, que determina ainda em muito nossos modos de ver-estudar-pesquisar-viver, o que permite aceder ao verdadeiro é o conhecimento e nada

mais. Ao pesquisador não se exige senão conhecimento e o sujeito não é posto em questão, não é convocado asceticamente a mudar no engendramento do conhecimento. Na antiguidade clássica, ao contrário, segundo Foucault (2010), o exercício filosófico, o interrogar-se sobre a verdade impõe aos sujeitos práticas imprescindíveis para se chegar ao conhecimento. Estas práticas – purificações do olhar, ascetes, etc. – não atuam sobre o conhecimento, mas sobre o sujeito, e a estas práticas se pode dar o nome de espiritualidade.

Assim, tomando como lume essa mirada de Foucault (2010) sobre aquela era clássica para voltar-se – como ele sonhou e foi capaz de fazer – com empenhos de romper com evidências e universalidades e descobrir no presente pontos de fraqueza e também linhas de força, cada frase aqui escrita não foge da tinta que a condensa, ou seja, este também é um exercício ascético – uma tentativa – e a escrita que fica como marcas e registros de subjetividade nessa tela não se furta desta “técnica de si” que também está no fazer o texto.

O ato de pesquisar com sua concomitante escrita vem, portanto, como aquilo que o desejo agenciou,⁵ desejo de fazer arte mesmo na academia, desejo de olhar o presente com olhares de amizade e sem julgamentos bipartítes, desejo de encontrar lucidez mesmo que dando voltas, fazendo deambulações nesta retorta da escrita.

Diz Felix Guattari (2006, p. 115) que a arte não só diz respeito ao que ele chama de artistas patenteados, mas que há toda uma criatividade que atravessa os povos, as gerações. E esta criatividade estando em todos está também – ou pode estar – naqueles que se exercitam em pesquisas, fazendo delas um ato de criação, ou seja, a cientificidade não prescinde da estética.

Foucault (2010, p. 321) diz que “[...] é escrevendo que assimilamos a própria coisa na qual se pensa. Nós a ajudamos a implantar-se na alma, a implantar-se no corpo”. Este texto assim, quiçá, vai se fazendo nas tintas dos propósitos de escrever ao modo da velha hiponemata e das epistolas; e daquela imprescindível relação entre ética e estética, entre verdade, ascese, transformação de si.

⁵ Deleuze e Guattari (2008) nos propõem o desejo como agenciamento. Desejar é construir um agenciamento, construir um conjunto. Nunca se deseja algo isolado. O desejo faz se ir do isolado para o plural, do individual para o coletivo.

Subjetividade e tempos atuais

Começamos dizendo com Guattari e Rolnik (1999, p. 31) que a subjetividade não é passível de totalização ou centralização num indivíduo. Há aqui uma exposição de que o processo não pode ser compreendido nos limites de um indivíduo. A subjetividade se constitui em produção constante no fluxo dos acontecimentos, nos encontros com outros ou com coisas, com os tempos, com tudo aquilo que de um modo ou de outro está se dando, circulando e afetando a tudo e a todos que estão inseridos no registro do social.

A heterogeneidade do processo é assimilada parcialmente pelo sujeito, constituindo assim sua singularidade. Ou seja, visões, ideias, valores são singularizados em sujeitos que serão, por sua vez, também constituidores da ampla heterogeneidade. No mesmo processo que o sujeito é constituído também ele é colocado como elemento no movimento contínuo de subjetivação de outros.

Obviamente cada tempo histórico com suas instituições, valores, práticas, crenças propõe-impõe seus modos de subjetivação. Os processos contemporâneos incluem dentre os vastíssimos elementos de sua heterogeneidade que articula uma série de outros elementos em seu bojo, qual seja, a informática e a rede mundial de computadores. Estes elementos articulam tecnologia, ciência, instituição, mídia, comunicação, linguagem, etc. Eles são permanentemente arranjados e rearranjados, numa infundável mutação, colocados assim como um grande movimento coletivo e em circulação no cotidiano dos indivíduos.

Na era das revoluções informáticas, da criação acelerada, dos novos materiais de uma maquinização cada vez mais fina do tempo, novas modalidades de subjetivação estão prestes a surgir (GUATTARI, 1990, p. 48).

Nada é fixo, permanente, definitivo. Vemos aqui então uma marca – especialmente na contemporaneidade – da subjetividade: ela se faz de componentes múltiplos e mutantes em fluxo constante.

Dito isto, voltemos à questão do tempo presente e situemos melhor a noção de modernidade, este patrimônio que carregamos, e que além de nos pesar endurecendo nossos modos de ser, também nos enrijece na academia, obnubila nossas visões.

Assim, os referenciais e signos que balizam nossos conceitos, percepções, moral se fundam na modernidade. O projeto moderno estabelece convicções, valores que se viabilizam em uma concepção de ciência bem definida com regras e leis. Funda-se a partir daí uma crença de que pela ciência se está mais perto da verdade, está assim destituída das nuances da história e do tempo, das ações e artes dos humanos.

Esta concepção totalizante, absoluta, herança da modernidade, que gruda como pele às convicções dos sujeitos não nos permite sentir o que perdemos. Territorializados assim o sujeito exclui-se de outras possibilidades, e não vislumbra a criação de outros possíveis de outros conhecimentos-saberes sem nenhuma sensação de perda. A razão moderna nos acolhe, e nos tolhe; oferece-nos visões, mas tinge nossas retinas com as suas cores; demarca e levanta nossas casas, mas nos tira a arte de fazê-las; rouba-nos a estética, leva a ética e oferece-nos a moral; oferece-nos um “eu”, e empobrece-nos de outros em nós; faz-nos especialistas em troca das nossas multiplicidades criativas.

Ao mesmo tempo o indivíduo é incansavelmente chamado à reflexão no intuito de descobrir a verdade sobre si mesmo. Não lhe socorre mais como em outros tempos a concepção metafísica, mas lhe é vendida a crença de que pelo contato, pelo diálogo com a ciência, pela assimilação de vários e múltiplos conhecimentos e suas respectivas técnicas ele teria o conhecimento de si e a ciência do bem viver.

Aqui falamos, portanto, de capturas. E capturas que se dão no processo de formação dos sentidos, das ideias, dos desejos, da subjetividade afinal.

As questões retornam, retornam. Poderá o sujeito ser constituído sem todas essas capturas? Há essa possibilidade? Como inventar outros modos de viver?

Deleuze e Guattari (1996, p. 90), na análise destas questões apontam para a ação dos dispositivos que viabilizam tais capturas, afirmam que isto se dá tanto no nível macro político e micro político, ou seja, tanto na sociedade quanto no indivíduo, e aí residiria a eficiência dos tais dispositivos, tanto no que diz respeito às relações, quanto ao desejo, ao corpo, ao pensamento.

As realidades no mundo de hoje são feitas e refeitas a cada instante, e as subjetividades se dão ao sabor dessas ondas. As conexões do desejo, como

processo, história sem fim, flutuam nessas mudanças. Estas modulações que imprimem às subjetividades, não traçam, decerto, perfis bem definidos e identidades.

O sujeito na atualidade é, portanto, um sujeito que tem um pé na modernidade e outro no vão do salto que ainda não alcançou o chão. Ele é constituído de estranhamentos. O movimento de desterritorialização e reterritorialização é tão instantâneo que o reconhecimento de si não é senão um reconhecimento “alzheimeriano”,⁶ algo que se guarda por pequenos fragmentos de tempo e logo se perde, e se apreende de novo e se perde, e a cada vez se é outro, chamado a ser outro no linguajar a falar, nos produtos a consumir, na tecnologia a se usar, nas informações a recolher, nos saberes a adquirir. Uma pergunta tensionadora desta realidade poderia ser: onde está aquele que identifiquei com um “eu”?

Ao mesmo tempo e paradoxalmente este “eu” reaparece acintosamente nos serviços e produtos oferecidos a este sujeito: ipad, ipod, iphone. Além de outros eus próprios da rede, meu blog, meu twitter, meu facebook, meu email, meu myspace. Este começo de século segundo Mark Andrejevic (2007) pode muito bem ser caracterizado como um “icentury”. Destarte é bom que se diga aqui que o “I” vem da palavra internet, mas que no mundo contemporâneo ganha o sentido de “I”, a primeira pessoa do singular. Patente fica, portanto, a ligação entre internet, como vetor importante de subjetivação e “eu”, como constructo de identidade.

Mas como tudo está sob a égide do passageiro, do descartável, do provisório, do novo produto em lançamento que está sempre em anúncio, do novo estilo de vida, então, deste sujeito em constituição exige-se uma espécie de administração constante, vigilante, insuportável de um território que se possa habitar. Território, todavia, constantemente levado por enxurradas e avalanches de – sempre – outras realidades.

Como se sabe a subjetivação decorre de processos múltiplos e complexos. Ainda mais complexo se torna este processo com a revolução causada pela informática e a rede mundial de computadores, e é sobre isso que mais especificamente nos deteremos adiante.

⁶ Criei aqui uma expressão tendo em vista uma das principais características do processo demencial conhecido como Alzheimer, o esquecimento, a perda de memória de curto prazo.

Entretanto queremos marcar como importante a idéia de singularização que nos parece fundamental para o que expomos aqui. A dinâmica de subjetivação que coletivamente toma forma e que para isso precisa das instituições, da linguagem, da tecnologia, etc., é uma dinâmica que tem seus elementos, de diferentes maneiras – singularmente – atualizados pelos indivíduos. Mas, como o processo é avassalador, indutor de reproduções coletivas, os tais processos de singularização acabam por ser levados para determinadas direções, desqualificando, portanto, a possibilidade de muitos e outros jeitos de ser, de viver, de se colocar no mundo.

Logo, o inusitado, o invento, a arte como experiências de singularização da vida – que é rica em virtualidades – sofrem a ação de capturas pelos modos dominantes. Os processos de singularização passam a ser conduzidos para funcionarem apenas como processos de sujeição. Isto não se dá, todavia, sem luta.

Detemo-nos na exposição destas ideias, pois que entendemos que a internet, apesar do padrão majoritário que lhe percorre todos os bytes, apesar do seu código binário de zeros e uns, acaba também por constituir espaços em que as singularidades se impregnem de surpresas, encantos, poesias, inventos, nos moldes do que Guattari e Rolnik (1999, p. 47) entendem este processo.

O que chamo de processo de singularização é algo que frustra estes mecanismos de interiorização dos valores capitalísticos, algo que pode conduzir a afirmação de valores num registro particular, independentemente das escalas de valor que nos cercam e espreitam por todos os lados.

Possíveis outros: a velha escrita na nova rede

Ao mesmo tempo em que o indivíduo, que pela rede mundial e na era da informática parece querer recompor um sentimento de si, de uma identidade perdida, ou que queira se ancorar em algum cais no mar infindável de mudanças, levanta-se também a possibilidade de estar alargando sua ação para outros territórios em que a vida pela ocupação desses outros campos possa expandir-se em capacidades e possibilidades de invenções e criações.

Ou seja, se por um lado a internet oferece insuspeitados mecanismos de controle, se o potencial criativo, nossas memórias, imaginações, preferências vão sendo

contadas, medidas, acumulados nos bancos de dados⁷ da grande rede, do mesmo modo vamos preenchendo estes mesmos fluxos de inventivos usos, imaginações, criações que decididamente vão se configurando em moldes plurais, em configurações coletivas.

Assim, por um lado temos a ação de mecanismos de sujeição, maquinismos incessantes na produção e fixação de múltiplos repertórios de imagens, informações, padrões e modos de ser, constituição de subjetividades como meros produtos passíveis também de serem descartáveis. Por outro lado vemos a sinuosa e escorregadia disseminação de fluxos coletivos e que possibilita o trânsito de muitos outros vetores de subjetivação.

E é aqui que queremos tensionar ainda mais o que vamos expondo, centrando nossos olhos sobre a produção textual na internet, ou seja, a linguagem textual em profusão na internet, uma escrita que se esparrama desorganizadamente, rompedora de normas e convenções gramaticais, estabelecadora de outras línguas dentro do padrão majoritário e que no grande caleidoscópio do mundo globalizado e “bytezado”,⁸ delinea e evidencia linhas constituidoras desse contemporâneo sujeito.

Este sujeito em todas as partes do mundo – e cada vez é maior o seu numero, seu volume com os respectivos assujeitamentos, possibilidades, poderes – passa, vive, gasta boa parte do seu tempo conectado a uma máquina, ligado, preso numa rede, a rede mundial de computadores. E é esta realidade completamente nova na história da humanidade, com apenas algumas décadas de história, que se impõe com seus encantos e espantos, com seus respectivos tecnofóbicos e tecnófilos, como uma realidade atravessadora de todos os nossos anseios e desejos.

Ao se navegar nesse mar vai-se num barco que deixa rastros, o barco remenda o mar, o mar escancara quem vamos sendo. E somos tão complexos! Ressoa bem

⁷ As tecnologias de transmissão de informação pela internet ganharam dimensão mundial e se constituem já como dispositivos de ingerência invisível sobre os indivíduos. Ferramentas de monitoração dos hábitos dos indivíduos já estão em pleno funcionamento acompanhando sua navegação, monitorando serviços e produtos acessados pelo internauta. Um novo panóptico.

⁸ A palavra byte já se encontra em dicionários da língua portuguesa significando uma unidade de medida de informação contendo oito bits. Aqui crio o neologismo bytizado jogando com a palavra batizado, ou seja, aquele que foi introduzido, iniciado e sob o qual se impôs um nome. Tal correlação se dá pelo fato de o sujeito ter necessariamente que ser iniciado no mundo da informática, sob a pena, se não, de ficar excluído da sociedade atual.

uma palavra de um poeta inglês contemporâneo, palavras que se arranjam bem nesse nosso exercício ascético. Ele diz assim;

Os seres humanos são difíceis. Somos difíceis para nós mesmos, somos difíceis uns para os outros, e também somos um mistério para nós mesmos, um mistério uns para os outros. Encontramos muito mais dificuldade – e dificuldade real – em qualquer dia comum do que na mais ‘intelectual’ das obras de arte. Por que a poesia, a prosa, a pintura têm de ser menos do que nós somos? Por que a música, por que a poesia tem de nos falar em termos simplificados, quando, se nos tratassem assim, simplificada, ficaríamos todos muito ofendidos? (HILL apud NOGUEIRA, 2012, p. 1).

Diríamos que a realidade dos humanos não pode se dar em entendimentos senão com as mesmas e artísticas complexidades que lhe são inerentes.

Complexos são os rastros fluidos e espumosos de muitos barcos no mar, vetores, traços, linhas que apontam e tramam a constituição do sujeito neste tempo presente. Rastros que cartograficamente ousamos olhar (marinheiro ainda não de todo treinado na observação do espaço sideral para nortear-se). Assim, ao olhar uns poucos quadrantes, uns blogs, redes sociais, além do dia a dia a seguir em navegações de observação pelo espaço cibernético, percebemos que dentre os fluxos caudalosos que sugerem mapas de possíveis entendimentos destas realidades está a linguagem textual.

Como a vida faz-se de multiplicidades, mudanças constantes, e como a rede mundial do mesmo modo se refaz pluriaxialmente pela participação de novos agentes, novas tecnologias que lhe são associadas, novas possibilidades que lhe são agregadas, novos usos que lhe são inventados, não é nas facilidades que estes processos podem ser acompanhados, vividos, estudados.

O que parece então um caminho de cartógrafo, o que se coloca adiante dos olhos como possível mapa, logo precisa ser retomado, pois que o que parecia estrada foi desfeito. Recoloca-se destarte a todo o momento como fio de Ariadne não “o que olhar”, mas o “como olhar”. Como olhar os fugidios e multiaxiais movimentos e configurações do desejo pela, com, na profusão da linguagem textual na internet?

Ao mesmo tempo uma voz insistente, cordial, afetuosa, intrometida se dirige ao pesquisador: como criar outro mundo? Como se recriar no mundo? Como romper com as padronizações dos desejos que na mesma rede se avolumam?

Como vemos, o interesse pela escrita, pela profusão oceânica de textos na internet nos conduz-empurra para um jardim de perguntas: de que modo o desejo que aflora nos textos pode romper com padrões majoritários na larga e selvagem rede. Como a fabulação – processo inerente ao exercício da escrita – pode potencializar a emergência de novos modos de vida nos tempos atuais? De que modo a produção de conhecimentos se coloca como parceira na constituição de arte-vida, vida-criação, vida-outra-vida em tempos que esta parece toda dominada?

Aqui está um ponto, portanto, que nos parece bom afirmar: este estudo requer um traçado que se permite como experiência e acontecimento. Parece impossível – ou quase – pensar, falar, escrever sobre esta rede sem ter caído em suas tramas, sem ter se encantado com seus horizontes, sem ter experimentado seu fascínio, sem ter se assustado com sua presença demiurga, sem nela se fazer, se desfazer e se refazer sujeito.

Escrita em bytes: experiência e acontecimento

A palavra que em luzes se condensa sobre esta tela, que nas fibras do papel se insere não é também senão apenas uma pequena florada em uma lavoura que há muito tempo se cultiva, a escrita. E já aqui, por ela, a escrita, este exercício torna-se presentemente em experiência, experiência ascética, quiçá.

O presente texto, portanto, não quer se contentar com um levantamento e desdobramento de uma questão, de várias perguntas e interrogações, quer também – se possível – tecer saberes a partir das exclamações, dos estremecimentos, das dúvidas e do exercício ascético da escrita aqui mesmo nestas palavras.

O que vamos dizendo é que a pesquisa não se deu antes, se dá agora, no exato momento da sua escrita. Ou seja, a escrita é a partícula Higgs⁹ – fazendo uma comparação com a física – a partícula Deus, isto é, é a escrita essa partícula que

⁹ A partícula Higgs seria aquela daria massa às partículas. Dentro do modelo padrão – que descreve como as partículas e forças interagem – é a partícula que ainda não foi encontrada, mas que seria a responsável por dar massa a todas as outras partículas. Conhecida também como Bóson de Higgs e chamada de partícula Deus (BBC BRASIL, 2012).

transfere “massa”, que dá “corpo”, que “materializa” os muitos olhares que se teve. Escrever é criação, afinal.

Singrando esse mar – a internet – em pequenas baías e enseadas, vamos percebendo – com o olhar e o coração de quem se faz cartógrafo a comunicação que se dá pelos meios eletrônicos – uma série de interessantes pontos.

Partimos do mais básico. A internet é uma experiência. Experiência como dimensão ontogenética, ou seja, experiência que não se faz por representação de um mundo já dado, mas que plasma na mesma constituição o sujeito e o mundo.

Então, quando descobri o blog, foi o mesmo espanto de quando comecei a ler e escrever, lá pelos 5 anos de idade. Foi uma revolução na minha, tem sido [...]. Discutir o que escrevo, comentar e ser comentado. Ter amigos poetas, escritores como eu. A possibilidade de criar tribos. Tudo isso me veio pela internet. Fico imaginando aquela turma de 1922, que escrevia cartas e mais cartas, Minas, Rio, São Paulo. Aquela efervescência toda, as brigas, o Lobato, o Graça Aranha, a crítica, a Malfati e a Pagu, todos na internet. Meu Deus!

Nós temos a internet, amigo!

Este escrevedor deixa em claras letras a experiência e o acontecimento que se deu na sua vida. Acontecimento que inclui como fundamental a escrita, por isso ele recorda sua alfabetização. A internet está associada diretamente com a escrita.

Sim, amigo, a internet é para mim uma imensidão de possibilidade. Primeiro enquanto editor de textos, cheio de facilidades e de surpresas. Segundo, pela interação, pelo convívio virtual com pessoas diversas e distantes.

Eu não seria tão poeta, quanto sou com a internet.

Na constituição dos sujeitos a internet inclui como possibilidade a exposição do inacabado, do inconcluso, do que ficava reservado. Os sujeitos são constituídos sem aquelas reservas todas muito próprias do sujeito plasmado nos moldes da modernidade.

[...] aqui que faço o meu laboratório. Até meus textos inconclusos estão postados nos meus blogs. Eu creio que começo a me construir enquanto escritor, depois da possibilidade desse chão virtual, sob meus pés.

No titubeio do próprio texto que tenta se desenrolar, vamos em parencças e semelhanças com os textos que observamos como linhas entrelaçadas e delineadoras das subjetividades que se constituem sob os influxos fortes da internet. Este texto também vai se construindo assim, com os pés nesse chão virtual, o e-mail aberto, o Facebook minimizado, um artigo em outra página que se mostra ora por detrás ora à frente desta que escrevo.

E introduzimos já aqui como expressão do rizoma que constitui este texto o recolhimento de um pequeno depoimento que “do nada” emergiu com simpatia na superfície plana e clara do correio eletrônico.

“Olá! Hoje não é um dia muito alegre para mim e passeando entre as palavras encontrei teu site. Peço licença para escrever e dizer que tuas escritas são de um grau carregado de sentimentos que muito me comovem. Continue a escrever sempre. Abraço”.

Não posso deixar de marcar o que no e-mail me “apareceu” e que bem enfatiza esta relação íntima entre internet e produção textual. Ele diz: *“Passeando entre palavras encontrei teu site”*.

Afetado de boas forças por suas palavras que pareciam ter ganhado forças pelas minhas respondi ao e-mail e visitei o seu blog. Lá encontrei em sua última atualização a seguinte postagem: *“Nenhum sonho meu irá morrer antes de se tornar imaginário e virar poesia”*.

E ali, nesse minúsculo texto, me estava sendo oferecida um entendimento do que se dá por esta oceânica e espraiada produção do desejo: textos. Dizendo de outra maneira e pensando com as suas palavras, nenhum sonho meu irá morrer. Eles se tornarão poemas, textos, retalho na tessitura, nessa rede mundial de todas as palavras.

E aqui vale retomar a palavra de Foucault (2010) sobre a hiponemata, visto que ele mesmo não negou uma certa semelhança dos escritos pelos computadores com aquela prática grega. Diz referindo-se à hiponemata: *“Nessa troca maleável de benefícios e favores, nessa troca maleável de serviços da alma em que ajudamos o outro no seu caminho para o bem e para ele próprio, compreendemos que a atividade da escrita seja importante”* (FOUCAULT, 2010, p. 322).

A produção textual que abundantemente se percebe na internet, marcando como rastros estes novos jeitos de se produzir sujeitos não é, portanto, simplesmente uma explosão do “eu”, mas inusitadamente é também uma explosão de “outros”. A produção se dá pelos outros, ela só se faz para a publicação, diferentemente de outros períodos da história em que a escrita era exercida, mas guardava-se. O texto não midiaticizado ganhava ares de segredo, e quando vinha a público ganhava ares de confissão.

Com o advento da linguagem textual em rede a constituição do sujeito na e pela escrita já supõe o outro, seu olho, seu afeto, sua reação, seu texto-comentário. Um texto engendra outro, constituímos-nos, e essa produção – literária ou não, e isso não nos importa aqui – só se dá nessa perspectiva.

O desejo que agencia a escrita na internet não é mais apenas o desejo de falar das coisas de “dentro”, segredos, intimidades, o desejo que constitui os sujeitos pela escrita é o desejo da publicação imediata, como se a escrita exigisse o olho de outro.

Aqui, portanto, não somos totalmente concordes com a idéia de um tempo em que se faz show com a exposição da intimidade.¹⁰ A nós parece que a chamada intimidade já é produzida como “extimidade”,¹¹ ou seja, as subjetividades já são constituídas nesse viés.

A exposição da intimidade exigiria o constrangimento, ou contaria com um constrangimento, uma pressão sobre um outro movimento que procura preservar dentro o que está sendo exposto. Mas para isso é preciso que se configure bem, com uma certa dose de angústia, o que é do indivíduo e o que é do outro. Na escrita que produz o sujeito da atualidade essa rigidez não se estabelece, a autoria se dilui ou se adultera (e usamos aqui a expressão adultera como vinculação afetiva, intercurso com outros e “interditados” modos de lidar com os traços, tortos, direitos autorais).

¹⁰ Intimidade é uma palavra que surge do latim “Intimus”, que é um superlativo de “In”, de dentro, profundo. Ou seja, como superlativo significa o mais profundo. Mas ao mesmo tempo o termo “intimus” gera a palavra “Intimatio”, que dá origem na língua vernácula a palavra intimação, proclamação, publicação.

¹¹ Extimidade, neologismo que criamos trocando o prefixo “In” pelo “Ex”. Não tomamos aqui o termo seja de Lacan ou de outro autor. Ou seja, queremos afirmar o superlativo do que vem de fora do indivíduo.

E como a escrita na rede não sofre de angústias que provêm das definições rígidas do que é ou não desse indivíduo, ou daquele, a intimidade vai perdendo aquela “sacralidade” da concepção moderna e burguesa e ganha ares, trejeitos, modos de intimidade.

Ainda, e por causa desse movimento pela rede mundial de computadores – vetor importantíssimo na constituição dos sujeitos na atualidade – esse jogo da constituição de si pela coleta do discurso dos outros se evidencia sobremaneira. Ou seja, há aqui um elemento importante, pois que apesar da escrita na rede se dar em profusão, de modo “desorganizado”, e pela repetição de muitas ideias (clichês), a internet escancara essa constituição de si pela coleta do discurso em voga. Desavergonhadamente, extimamente, assumimos que somos constituídos de fora, pelos outros, com o mundo, nos singulares jogos em que nessas heterogeneidades nos colocamos.

Conclusão

Gozando de um instrumento nunca antes disponibilizado, ou sob a égide dos modos capitalistas de existir, ou sob a forma de uma suposta liberdade para se expressar o indivíduo tem na atualidade, pela internet, as condições de praticar a escrita como nunca antes.

E este espaço digital para a escrita, em relação a outros meios, estaria em vantagens com relação a possíveis coerções, limites, controle.

Mesmo que a liberdade de escrever e se manifestar seja efeito do poder da sociedade que determina a produção do discurso, ainda assim, e lembrando que apenas pode haver liberdade como decorrência da ação do poder, a atividade verbal na internet escapa desse controle e constitui vínculos, arregimenta forças, articula interesses coletivos.

Ainda, mesmo que essa fala abundante na rede mundial de computadores, constante, marcada por repetições e clichês possa ser entendida como expressão da incapacidade de pensar, ainda assim a escrita produz seus efeitos no sentido de contribuir importantemente na constituição das subjetividades. Capturados, mas não de todo, nunca de todo, pois a própria captura pressupõe outro jeito – o jeito

não capturado, o que se constrói nas tentativas de fuga – o sujeito, pelos teclados e telas, “preso e solto” na rede, debatendo-se em busca de sentidos, vai sendo constituído.

Marcamos ainda, balizados no pensamento de Felix Guattari (apud PARENTE, 2011) que o poder das máquinas de articular enunciados, de produzir imagens que não remetam a nenhum real representado não faz delas potências diabólicas que poderiam “ameaçar” os homens. Isso, segundo o referido pensador, porque as máquinas são formas hiperdesenvolvidas da própria subjetividade.

O que se percebe então é que nos tempos atuais, e como um traço que lhe define o rosto, o sujeito contemporâneo se viu com o poder de falar, falar, falar o tempo todo. Mesmo o seu silêncio, seja na escola, em casa, no trabalho, até na igreja, na praça, andando na rua está prenhe de palavras. Enquanto silencia, com os dedos adestrados para os teclados, ele fala. “Mas, o que há enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde afinal está o perigo?” (FOUCAULT, 1996, p. 8).

Contudo, abaixo dessa infinidade de textos, como assinatura, não se imprimirá o nosso nome para os volumes da história. Ficarão, subscrevendo-nos, os modos contemporâneos de produção de subjetividade.

Referências

- 1 ANDREJEVIC, Mark. **I spy**. Kansas: University Press of Kansas, 2007.
- 2 AGAMBEN, G. **Profanações**. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.
- 3 BBC Brasil. **Saiba mais sobre o Bóson de Higgs, a ‘partícula de Deus’**. 2011. Disponível em: <www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/12/111212_boson_higgs_saiba_mais_entenda_mm.shtml>. Acesso em: 27 jan. 2012.

- 4 DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2008. v. 2.
- 5 _____; _____. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1996. v. 3.
- 6 FENG, Y.; BONVICINO, R. (Org.). **Um barco remenda o mar**. São Paulo: Martins fontes, 2007.
- 7 FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 14. ed. Tradução de Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo. Loyola, 2006.
- 8 _____. **A hermenêutica do sujeito**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- 9 GUATTARI, F. **As três ecologias**. Campinas, S.P.: Papyrus, 1990.
- 10 _____. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: editora 34, 2006.
- 11 GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografia do desejo. Petrópolis: Vozes, 1999.
- 12 LEVY, P. **As tecnologias da inteligência**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- 13 NOGUEIRA, E. **A dificuldade da poesia**. Disponível em:
<<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI4605214-EI13894,00-A+dificuldade+da+poesia.html>>. Acesso em: 27 jan. 2012.
- 14 PARENTE, A. (Org.). **Imagem máquina**: a era das tecnologias do virtual. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.
- 15 RABINOW, P.; HUBERT, D. **Foucault**: uma trajetória filosófica. São Paulo: Forense Universitária, 1995.

ARTIGO II

CRACK-UP: AS SENSIBILIDADES SÃO OUTRAS, O SUJEITO SE EXPÕE

Dauri Batisti

Resumo

Pensar certos abalos que se dão na configuração das subjetividades nos dias de hoje é o que se propõe este artigo. A ênfase, no entanto, cairá especialmente sobre as mudanças que se evidenciam, e que passam do cultivo da reclusão da intimidade para a exposição pelos meios informacionais e a rede mundial de computadores; exposição que se apresenta como uma importante característica desses processos de produção de subjetividade. Tomaremos para isso o pensamento de Gilles Deleuze, Felix Guattari e Giorgio Agamben, especialmente. Além de contarmos também com a reflexão desenvolvida por Paula Sibilia e outros. Fazendo eco ao que o artigo procura expor introduzimos vozes de Fitzgerald como uma contribuição da literatura aos entendimentos dessas realidades.

Palavras-chaves: Subjetividade. Extimidade. Internet. Exposição.

Abstract

To think of some concussions that occur in the configuration of subjectivity nowadays this article is about. The emphasis, however, is specially on the changes that are evident ranging from cultivation and the prisoner of intimacy to the exposure by the media and global network from computers; exhibition that present itself as an important feat of theses processes of production of subjectivity. We will take for it the thought of Gilles Deleuze, Felix Guattari and, especially Giorgio Agamben. Also, the reflexion developed by Paula Sibilia and others. To echo what the article seeks to expose we introduced Fitzgerald voices as a contribution to understanding the literature of these realities

Keywords: Subjectivity. Extimidade. Internet. Exposure.

A exposição é o lugar da política [...]. Meu rosto é o meu fora (GIORGIO AGAMBEN, 1996).

Deslocamentos

Parafraseando F. S. Fitzgerald (1968)¹² no primeiro parágrafo de *O último magnata* quando diz “[...] embora nunca tenha aparecido em um filme, sempre vivi no mundo do cinema [...]”, diríamos que mesmo que não estejamos no foco da grande mídia e sob os holofotes da fama, ainda assim, e a despeito disso – e por causa do advento especialmente no atual momento histórico das grandes redes informacionais e comunicacionais – estamos marcados em nossa constituição pelo apelo da visibilidade, pela força da exposição. E é sobre isso que o artigo que se segue traz como abordagem. Tomaremos especialmente como norte para as nossas reflexões o pensamento de Giorgio Agamben, e as contribuições de Gilles Deleuze, Felix Guattari, Paula Sibília e outros.

Como outra voz a fazer eco e produzir ressonâncias recorreremos à literatura, esse maravilhoso campo de experiências, invenções e criações a nos mostrar sempre as infinitas possibilidades de vida. Para este artigo escolhemos Fitzgerald como o simpático outro a intrometer sua voz no nosso pensamento.

Bem se sabe que a subjetividade não se constitui ao longo do tempo de modo invariável, ou seja, o sujeito como realidade psíquica, social, cultural tem na sua constituição movimentos constantes de mudanças, movimentos que se dão decerto como ações e reações num entrecruzamento de forças num imenso campo. Tomamos especialmente a concepção de Deleuze, Guattari, Rolnik para este processo. Não nos pautamos aqui por uma idéia de uma subjetividade por assim dizer geral, nem por um sujeito dado, universal. Antes, entendemos o sujeito como constituído em suas experiências, em seus caminhos, nos muitos e singulares fluxos nos quais ele vai – família, escola, trabalho, lazer, etc. – e nos quais ele se faz.

São exemplos de ‘coisas’ desse tipo: um certo jeito de utilizar a linguagem, de se articular ao modo de semiotização coletiva (sobretudo da mídia); uma relação com o universo das tomadas elétricas, nas quais se pode ser

¹² Fitzgerald está entre os maiores escritores norte-americanos. Nasceu em 1896 e morreu em 1940. Faz parte do que se convencionou chamar de “geração perdida”, a geração que viveu entre as Grandes Guerras. Suas obras de destaque: *O grande gatsby*, *O último magnata*, *Suave é a noite*, e muitos contos.

eletrocutado; uma relação com o universo de circulação na cidade. Todos esses são elementos constitutivos da subjetividade (GUATTARI; ROLNIK, 1999. p. 34).

Assim, mais do que expressão condensada dos modos de produção de subjetividade da era na qual ele vive, o sujeito é o processo desse entrelace singular de vários fluxos que se conectam e se desconectam, se ligam e se desfazem, se equilibram e se desequilibram numa extensa e heterogênea trama de forças daquele momento da história.

A ordem capitalística produz os modos das relações humanas até em suas representações inconscientes: os modos como se trabalha, como se é ensinado, como se ama, como se trepa, como se fala, etc. Ela fabrica a relação com a produção, com a natureza, com os fatos, com o movimento, com o corpo, com a alimentação, com o presente, com o passado e com o futuro- em suma, ela fabrica a relação do homem com o mundo e consigo mesmo (GUATTARI; ROLNIK, 1999, p. 42).

Destarte, não ignoramos que os vetores de subjetivação que podem seguir na direção da ampliação de novos espaços para a vida se dão ao lado, junto, misturado com aqueles fluxos que são moduladores de modos de viver, inibidores de gestos audaciosos, esteriotipadores dos jeitos de entender a vida e de viver. A ereção de novas usinas de invenções, do rearranjo do patrimônio memorial e coletivo de imagens e sons em novos olhares e danças, se dão concomitantemente com aqueles que desfavorecem a construção de outras possibilidades de vida.

A única finalidade aceitável das atividades humanas é a produção de uma subjetividade que enriqueça de modo contínuo sua relação com o mundo (GUATTARI, 2006, p. 33).

O processo, entretanto, não se evidencia em rapidez, nem se delinea logo tão perceptivelmente aos olhos. Especialmente não se percebem diferenças nos processos de produção de subjetividades quando, ainda, os acontecimentos e mudanças na sociedade se marcam por eventos recentes. Importa, portanto, destacar que as realidades subjetivas e as realidades históricas se ligam em tessitura por muitas e todas as meadas, pontos e nós.

Então, mesmo postulando que mudanças na produção de subjetividade demandam a extensão de um tempo, já se percebe – dada a rapidez com que os fatos, acontecimentos e vidas se dão na história do século XX e início do XXI – o trânsito volumoso de fluxos que delinham transformações nas sensibilidades, afetos, nos corpos; nos modos de existência, portanto “[...] por isso a questão se tornou

descobrir por que e onde eu tinha mudado, onde estava a fenda” (FITZGERALD, 2007, p. 84).¹³

Mas por que tudo isso acontece neste momento histórico? Qual é o sentido desses deslocamentos? Sabemos que as subjetividades são modos de ser e estar no mundo, formas flexíveis e abertas [...] (SIBILIA, 2008, p. 91).

Como importante na constituição das subjetividades ganha destaque neste momento histórico o intercurso que se dá entre o homem e a máquina especialmente pelos meios eletrônicos e informacionais. O olhar que se dirige a essa relação se dá com base no entendimento de que esta relação concorre grandemente para a constituição das subjetividades, e que não necessariamente essa relação seja uma relação sem possibilidades de alianças.

Na verdade, não tem sentido o homem querer desviar-se das máquinas já que, afinal de contas, elas não são nada mais do que formas hiperdesenvolvidas e hiperconcentradas de certos aspectos de sua própria subjetividade (GUATTARI, 1999, p. 177).

Quanto à escolha de Fitzgerald (2007) como interlocutor neste artigo ela se dá por extrairmos da literatura que este autor deixou jeitos de ver o cotidiano e o desenrolar dos fatos, de modo a resgatar faces múltiplas de entendimentos acerca do presente e das transformações que no mundo e nas subjetividades se dão. “O que há de comum entre as duas atividades, a grande filosofia e a grande literatura, é que ambas testemunham em favor da vida” (DELEUZE, 1988, acesso em 2 jul. 2012).

Nos seus escritos percebemos que o tempo no qual estava inserido – o entre guerras – era captado como um tempo de rupturas, de “crack-up”, de mudanças nas sensibilidades. Percebe-se o caminho que ele faz ao extrapolar e romper com visões maniqueístas dos seus primeiros romances, para reconhecer na realidade uma complexidade que exigia a abertura de muitas janelas, convocando olhares múltiplos para a vida, a cultura, a história.

Se um dos seus personagens Fitzgerald (1980, p. 9) diz nas primeiras páginas de *O grande Gatsby*, “[...] pode-se ver muito melhor a vida observando-a de uma única janela [...]” nos seus ensaios com caráter autobiográfico ele afirma, denotando a

¹³ No seu interesse pela literatura Gilles Deleuze privilegia alguns autores, dentre eles Fitzgerald. Esta citação é retirada de um conto, *O colapso*, que Deleuze utiliza para escrever a *Vigéssima segunda série – Porcelana e vulcão – da Lógica do sentido*.

abertura para a multiplicidade: “[...] o teste de uma inteligência superior é a capacidade de manter duas ideias opostas na mente ao mesmo tempo e ainda conservar a capacidade de funcionar” (FITZGERALD, 2007, p. 72).

Um ensaio de Paul Rosenfeld (FITZGERALD 2007, p. 340) publicado em 1925, – antes que sua mais importante obra *O Grande Gatsby* fosse publicada – falando sobre a escrita de Fitzgerald que capta a vida, em toda a sua dureza e suavidade, o ensaísta diz: “[...] o que escreve reflete o ambiente, não tanto nos seus aspectos superficiais, quanto no seu tom e pulsação”.

Comecei a gostar de Nova York, da picante e aventureira sensação que ela produzia à noite, e da satisfação que o incessante desfile de homens, mulheres e máquinas causa aos olhos inquietos (FITZGERALD, 1980, p. 72).

Bem, tomamos as mudanças de sensibilidades que se impõem em certos períodos da história, como elo que liga aquele período de Fitzgerald e os tempos atuais. As citações de Fitzgerald entrarão ao modo de tornar o texto polifônico, introduzindo no mesmo texto modulações de um outro saber, “um saber mais” como diria Deleuze. “Será culpa nossa se Lawrence, Miller, Kerouac, Borroughs, Artaud ou Beckett sabem mais [...]” (DELEUZE, 2008, p. 35).

Além de que a literatura – como diz Maria Rita Kehll (2001, acesso em 2 jul. 2012) em seu artigo *A constituição literária do sujeito moderno* – cria um campo de experiência compartilhada, ao mesmo tempo em que tem a força de interpelar o indivíduo por ser uma experiência de forte penetração imaginária.

A exposição

Voltemos, contudo, ao nosso tema, a visibilidade. É certo que a exposição pelos meios de comunicação, especialmente pela rede mundial de computadores, vai configurando os territórios com novas paisagens, territórios que em outras épocas constituía a interioridade, a privacidade, a intimidade, o sigilo e o segredo como características invioláveis do sujeito.

Além de constituir um requisito básico para desenvolver o eu, o ambiente privado também era o cenário onde transcorria a intimidade. E era precisamente nesses espaços onde se engendravam, em pleno auge da cultura burguesa, os relatos de si (SIBILIA, 2008, p. 56).

No entanto, a despeito do medo de uns às mudanças, da crítica de outros aos modos escancarados de expor a rotina e as minudências da vida, a internet, as redes sociais, as tecnologias da comunicação vão determinando rupturas na chamada – e até então nos moldes da modernidade, supervalorizada – intimidade. Mesmo que ainda marcados pela cultura do individualismo e por fortes traços de subjetividades fundadas na intimidade, nos segredos, nos recônditos da vida privada, ainda assim há que se perguntar sobre estes indicativos de mudanças, pois que elas se intrometem como paradigmas de novos entendimentos.

Após o desmoronamento daqueles muros que separavam os ambientes públicos e privados na sociedade industrial, torna-se visível nada menos do que a intimidade de cada um e de qualquer um (SIBILIA, 2008, p. 90).

No seu romance inacabado, *O último magnata*, que trata do mundo e da vida hollywoodiana nos anos 1930, Fitzgerald também mostra o ódio que Hollywood despertava em muitos intelectuais e certos segmentos da sociedade de então, como se fossem ameaçados em suas vidas pelas influências daquela máquina de filmes, vaidades, sonhos e ilusões.

Mas já lá, nas primeiras décadas do século XX, a possibilidade da câmera, da tela, da visibilidade exercia uma enorme atração sobre o homem moderno. “O astro de cinema impressiona seu público, sobretudo porque parece abrir a todos, a partir do seu exemplo, a possibilidade de fazer cinema” (BENJAMIN, 1987, p. 182).

[...] como crescem as coisas nas rápidas películas cinematográficas, experimentei a familiar convicção de que a vida recomeçava com o verão (FITZGERALD, 1980, p. 9).

A invenção do cinema torna-se um divisor de águas. Uma força extraordinária sobre os rumos dos modos de vida e dos sujeitos. Fitzgerald (2007, p. 81) ao ver que o romance, que em sua opinião era o meio mais poderoso e flexível de transmitir o pensamento e a emoção, estava se submetendo à arte de Hollywood – da qual por necessidade ele se tornou roteirista mais tarde – sente-se assustado com esse poder e diz: “[...] ver o poder da palavra escrita subordinado a outro poder, um poder mais estimulante, mais consistente”.

Este poder mais estimulante, portanto, entre outras coisas, oferece ao homem comum a possibilidade da visibilidade. O homem ordinário torna-se ator e também o conteúdo dos roteiros, e por conta disso acreditava-se que essa visibilidade nas telas pudesse se constituir em novas sensibilidades. Este depósito de expectativas

sobre o homem comum ganhando visibilidade alinhavou uma idéia no pano de fundo de uma época, a esperança em relação ao futuro. Um período marcado por grande otimismo no âmbito do pensamento. Lembremos que esta é a época da expansão da indústria e da mecanização do trabalho.

Todo o século XIX será atravessado por essa busca do homem sem nome, regicida e parricida, Ulisses dos tempos modernos (“sou ninguém”): O homem esmagado e mecanizado das grandes metrópoles, mas de onde se espera, talvez, que saia o homem do futuro ou de um mundo novo (DELEUZE, 1997, p. 98).

Depois da Segunda Grande Guerra, que extirpou também aquela esperança, o homem ordinário, comum, moderno volta então seu desejo de visibilidade para o cinema, televisão e outras artes, mas não na expectativa de que esses dispositivos fossem favorecer a emergência do que seria segundo expectativas de então, e usando as palavras de Deleuze, “o homem do futuro”.

Gatsby acreditou na luz verde, no orgiástico futuro que, ano após ano, se afastava de nós [...]. Esse futuro nos iludira, mas não importava: amanhã correremos mais depressa (FITZGERALD, 1980, p. 220-221).

Mas a despeito da catástrofe e miséria em que se constituiu a Segunda Grande Guerra, o destino e caminho para a visibilidade e exposição foi sendo palmilhado, ora como sujeito de classe, ou grupo de pertencimento, ora como uma singularidade criativa, mesmo e apesar de carregar a marca do banal, ou do marginal.

Mas voltando ao cinema em suas primeiras décadas, a exposição da vida, das tramas e mazelas que Hollywood possibilitava ao mesmo tempo em que exercia sobre todos o poder do fascínio – e em muitos estimulava desejos e mais desejos – parecia também ameaçar com ofensas os modos de vida estabelecidos. O não compreendido tornava-se ameaçador.

A derrocada da intimidade?

Todavia um processo estava em curso, irreversível. Recordemos a afirmação icônica de Fitzgerald (2007, p. 72) no início de um dos seus relatos autobiográficos, Crack-up (O colapso): “Claro que toda a vida é um processo de ruptura”. Talvez esta frase, categórica e inquietante, nos remeta a análise dos processos que alteram rumos e modos na constituição do sujeito contemporâneo, sem cairmos em

melancolias e saudades de jeitos de ser com os quais nos habituamos e sob os quais nos submetemos, e que, é bom que se diga, nem só de belezas se tingiam. Toda a vida é demolição, toda vida é reconstrução, toda a vida é mudança. “Um homem não se recupera desses solavancos; ele se torna uma pessoa diferente” (FITZGERALD, 2007, p. 79).

Se por tortuosas e glamorosas linhas Fitzgerald deu-se em entendimentos – com especial densidade – dos modos de vida do seu tempo e dos registros e marcas da máquina gigantesca na produção de belezas, sonhos, disputas, negócios, tramas, agora, também nós, com esforço grande e empenhos coletivos de estudo e pesquisa, nos damos a estes olhares cartográficos sobre a internet, o mundo interconectado, as redes sociais e sobre a vida que aí se faz visível. A vida que aí se constrói e se constitui a partir e em sujeitos expostos.

A este empenho e esforço se aplica a palavra de G. Deleuze (2008, p. 132) que problematiza o que olhamos e nos convoca a novos pensamentos: “[...] mas hoje, onde será que aparecem os germes de um novo modo de existência, comunitário ou individual, e em mim; será que existem tais germes?”.

Também este olhar que procuramos adotar, inspirado no que Deleuze (2008) chama de “sabem mais”, a literatura, e na sua interconexão com o que pensadores nos apontam, é um olhar que se sabe incluso nos bytes e conexões, na comunicação que aí se produz, na escrita que ali se inscreve, na ação dessa assustadora, poderosa, incontrolável máquina, que também é, a despeito do seu poderio inovador, uma assombrosa máquina de produzir sentido. Não nos furtamos, portanto, dessa inclusão e da admissão de sua poderosa ação e influência sobre o que pesquisamos-escrevemos, influência que vem de muitos outros, quaisquer, estes que se expõem e põem cartas na grande mesa da rede mundial, os anônimos, outros desconhecidos, mas não desconhecedores; portadores decerto de desejos, portadores de um querer que os faz os quais-quer, como pontua Agamben e que mostraremos adiante.

O que buscamos nas cartografias que tentamos desenhar dos desejos na internet e nos escritos de F. S. Fitzgerald “[...] é a maneira pela qual ele faz passar alguma coisa que escapa aos códigos: linhas de fuga ativas revolucionárias” (DELEUZE, 2008, p. 34).

A rede mundial de computadores sob certa perspectiva ou num olhar apressado é máquina de produção de assujeitamentos, de embotamento das forças de criação, de imposição de modos globalizados de ser, de jeitos estereotipados de viver. Mas num segundo olhar, sob a ótica indispensável do sonho e da utopia como força motivadora da construção de mundos – e certo de que essa mesma máquina é a expansão da própria subjetividade humana – há de se abrir, por esse olhar de demora, quem sabe, outros horizontes, no qual se poderá avistar uma máquina favorecedora do florescimento de singularidades, estimuladora de modos coletivos e compartilhados de estar no mundo, articuladora de forças de criação, treinadora nas habilidades de escapes de controles.

Reconhecer, portanto, na exposição mais um arranjo dessas muitas dobras e redobras da vida que em nós se manifesta, evita que em partes e partidos nos assenhoreamos de pontos de vistas em que se descortinem, em ilusões, apenas dois lados. Reconhecer no externo um e importante dentre muitos lados significa recolher e reconhecer a perspectiva de outros e novos entendimentos da constituição da subjetividade, sem, todavia, bipartir a realidade.

A tomada do exterior, à guisa de entendimentos dos processos de constituição de sujeitos na atualidade não se coloca como se essa tomada operasse empreendimentos em oposição à interioridade e a intimidade. A tomada da exterioridade quer dar importância a um movimento na subjetividade que tem se dado como fato, como acontecimento a que se deve olhar, se respectar: um rio que em seu curso mais flui na visibilidade da planície do que naqueles poucos quilômetros em que ele se intimiza e se insinua pelas sombras e cavas das montanhas.

O uso dos termos exterioridade, extimidade, decorre também da tentativa de escrever com palavras desacostumadas de certos significados, palavras que façam pensar, e que para isto até se relacionem em contraposição com aquelas que se enraízam no “in”, tal qual intimo, interior, interno, etc.

São noções que escolhemos para tensionar e fazer vibrar os entendimentos da dita intimidade que estão estruturados e dogmatizados na concepção do sujeito e da sua constituição – especialmente na modernidade, e também nos dias atuais.

Postular a exterioridade como se impondo e se sobrepondo aqueles modos modernos do cultivo da interioridade, da intimidade, como característica notável dos processos de constituição de sujeitos nestes inícios do século XXI, não desfaz, nem destitui de importância a chamada privacidade e, ou, intimidade na constituição dos sujeitos, mas admite uma mudança radical. “Era algo que eu não podia nem aceitar, nem combater, algo que tendia a tornar meus esforços obsoletos” (FITZGERALD, 2007, p. 81).

Agreguemos ao nosso pensamento aqui uma palavra inspirada em Agamben (1996, p. 74) no seu artigo O rosto: “Todos os seres vivos estão no aberto, manifestam-se e brilham na aparência”. Este estar aberto, este aparecer dará ao homem o lugar de sua luta, da sua paixão, da sua revelação: a exposição.

E como paradigma dessa exposição o autor escolhe o rosto. Afirma, com isso, que o homem não é portador de uma dita essência, natureza, destino, mas o próprio processo de aparecer. Ao mesmo tempo o rosto não é simulacro, ou seja, não dissimula ou esconde uma verdade. Também não é a mera semelhança de outros. Magnificamente o autor conceitua rosto então, a partir da palavra latina “simultas”, como o estar-junto. Rosto é, portanto, o estar-junto dos múltiplos semblantes que o constituem. Assim, mais do que uma “verdade” por detrás de um rosto, o rosto fala de uma “verdade” que está fora, ou seja, fala de uma simultaneidade de semblantes e da potência que provém desse fora.

Então, ao marcar que o sujeito dos dias atuais já é um sujeito constituído com uma extimidade – e que aqui levantamos como idéia e propomos ao diálogo – queremos enfatizar que a exposição do que seria a vida íntima dos sujeitos, assustando a tantos e deixando perplexos muitos outros, não mais consistiria na exposição do que está escondido no porão, guardado na sala íntima, no quarto, mas daquilo que já se constitui no vão da janela, e corre na varanda, e prefere o quintal e a rua.

Portanto, percebemos no movimento que não presenciamos uma intimidade que se expõe, mas uma intimidade que já é constituída em exposição. “Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte” (EVANGELHO DE SÃO MATEUS, 5:14).

Queremos aqui fugir dessa idéia de que uma intimidade é produzida num “antes” e num mundo interior e depois ganha a exposição. Ou seja, exposição assim

entendida pressupõe a idéia de que algo foi produzido antes numa oficina, num ateliê, no recôndito da inspiração, e depois num momento planejado, com os devidos cumprimentos dos protocolos do espetáculo, leva-se, expõe-se aos olhares e à sensibilidade do público.

Esse entendimento da exposição de algo produzido antes, a nosso ver, pressupõe um lugar no “in” das coisas, de “si mesmo” Se isso se dá, parece, não se dá desta forma exatamente nos dias atuais com a enredação e exposição dos sujeitos no cotidiano. Mas para o homem moderno, que em muito define os modos de vida na atualidade, bem se aplica o entendimento de uma subjetividade constituída na intimidade. “[...] sozinha e a sós consigo mesma, a própria subjetividade podia [...] se auto-afirmar em sua individualidade” (SIBILIA, 2008, p. 56).

No pensamento que desenvolvemos procuramos mostrar que o que se expõe já não é mais uma intimidade, mas mostramos que o sujeito se faz já nesse movimento de exposição. O ateliê e a galeria já são um mesmo e único espaço.

Para fazer vibrar o pensamento bom é que se diga que externo vem etimologicamente de “exterius”, cujo grau superlativo dá em “extremus” e “extimus”. Marcamos, assim, nesse desejo de fazer vibrar o pensamento com esta pequena observação etimológica, sem pretensão de afirmação, que a exposição da vida comum, ordinária, banal nas suas insignificâncias e minudências – que é evidente nos dias atuais – se aparenta, se liga, se amasia a aquele outro sentido, o de “extremo”; atitudes, jeitos e modos de vida que fogem ao “bom” e “mediano” senso burguês.

Este movimento, rio cuja maior parte do curso se faz na visibilidade da planície – não carregado da valoração positiva ou negativa – é certo que nos faz olhar-pensar os inusitados e surpreendentes e plásticos e maravilhosos e cruéis e assustadores caminhos que a história e o ser humano fazem surgir no vir e ir da vida.

Espanto

De onde vem o espanto? Haveríamos de nos espantar com a exposição dos sujeitos, das suas coisas, da sua vida, de suas trivialidades domésticas, pela rede mundial de computadores? Cultivamos ainda a ingênua idéia de que as muitas e

radicais mudanças no mundo seguiriam seu rumo sem atravessar nossa alma, sem modelar nossa voz, sem tingir nossas retinas, sem cadenciar nossos passos, sem plasmar nossos pensamentos? Não. Decerto não. Somos forçados a pensar. “Fui forçado a uma medida que ninguém adota voluntariamente: fui impelido a pensar. Deus, como foi difícil” (FITZGERALD, 2007, p. 82).

Dada a magnitude e irreversibilidade das ações dessa máquina, dada a sua eficiência e força de engendrar mudanças, seja na proporção quanto na velocidade, tendo em conta seu poder de articular outros vetores fortemente determinantes na constituição dos sujeitos, não poderia ser outro o resultado, a derrocada do que parecia imutável; a surpresa, o incômodo dela decorrente. “Nessa hora, a tendência é nos recusarmos a enfrentar as coisas sempre que possível [...] mas somos continuamente despertados desse sonho por vários contatos com o mundo” (FITZGERALD, 2007, p. 78).

Agora, porém, sérias turbulências ameaçam esse universo que fez germinar as subjetividades intodirigidas. Em decorrência desses abalos, estariam emergindo outras construções identitárias (SIBILIA, 2008, p. 90).

O acontecimento www e tudo o que dele decorre não poderia senão levar a essas transformações, afinal, como afirma Deleuze (1975, p. 152) “[...] o acontecimento não é o que acontece, mas no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera”. A exteriorização do que era guardado sob os véus da privacidade moderna, faz, apesar do espanto ainda a causar às sensibilidades mais refratárias às mudanças operadas nos modos de viver, não deixam de escancarar fluxos de desejos até então controlados sob a égide do cultivo da vida interior e da intimidade.

Mesmo que em oblíquos e inesperados modos, a exibição e exposição das trivialidades da vida, a confissão de minudências e insignificâncias, a autoridade para se mostrar escritor e não apenas leitor, ao se fazer ativo expositor das próprias ideias e comentários aos mais variados assuntos e não apenas passivo vassalo das análises dos ilustríssimos jornalistas e colunistas especializados, dos famosos escritores, etc., indiscutivelmente deixa à mostra um caudaloso fluxo de desejos. E como bem enfatiza Deleuze (2008, p. 30) nas suas Conversações, “[...] ao fascismo do poder, nós contrapomos as linhas de fuga ativas e positivas, porque essas linhas conduzem ao desejo”.

Isso me levou à idéia de que aqueles que sobreviveram tinham encontrado algum tipo de fuga perfeita. Essa é uma palavra desmedida, não se compara a fugir de uma prisão, quando provavelmente se está indo direto para uma nova prisão ou voltando para a velha [...]. Uma fuga perfeita é uma fuga sem volta (FITZGERALF, 2007, p. 85).

Reafirmaremos a seguir este aspecto com a ajuda do pensamento de Giorgio Agamben.

Exposição e expropriação da experiência – o desejo persiste

Ao perguntarmos-nos sobre o sujeito na contemporaneidade, sobre os modos em que ele se constitui, ao exclamarmos nossas perplexidades diante dos fios que nos tecem na rede mundial de computadores e dos desafios que se dão em nossos modos de pensar e de viver, enxergamos o amanhã – comum e surpreendente desdobrar do hoje – com a estonteante afirmação de Giorgio Agamben (1993, p. 11) em *A comunidade que vem*, “[...] o ser que vem é o ser qualquer”.

Cabe aqui ressaltar, no entanto, que esse “que vem” não exclusivamente, ou não necessariamente se refere ao futuro, mas diz respeito ao que está aí, como tempo oportuno, como momento qualitativo, no presente, como “kairós”.¹⁴

E este ser qualquer é segundo o autor um ser qual-quer. Ou seja, é o ser que estabelece uma relação original com o desejo. Não se nega que este qualquer tem a conotação de indiferente, de qualquer um, mas por manter uma relação com o desejo, qual-quer, o que quer, deixa de ser qualquer um.

Recordemos como ilustração de um qual-quer a cena canônica, paradigmática, icônica, do frágil chinês, em junho de 1989, diante do poderio de uma coluna de tanques de guerra na Praça Tienanmen, conhecida como Praça da Paz Celestial na China, coluna capitaneada por um outro chinês qual-quer que mesmo com ordem de avançar escolheu parar o tanque, fato que também nos recorda Peter Pál Pelbart (2011) em *Vida Capital* ao tratar das resistências.

E a singularidade que aqui aparece não é a singularidade de ser este ou aquele, de ser deste grupo ou daquele, desta ou daquela raça, a singularidade é o ser tal, o qual-quer, independente de suas propriedades.

¹⁴ Palavra grega. Tempo oportuno, momento certo, tempo existencial mais do que tempo cronológico.

Marquemos isto como importante, esta relação das ações dos sujeitos com o desejo e sigamos. Tomando ainda o pensamento de Agamben para entender o sujeito atual constituído como exposição, nos damos conta, de fato, que o mundo foi herdado pela pequena burguesia planetária – usando a expressão do autor. Já não há classes sociais senão a imensa, global, vasta pequena burguesia planetária, e isto caracteriza bem os tempos atuais.

Esta – ainda no uso da expressão do autor – burguesia planetária dispensa e desvaloriza as diferenças, sejam de língua, de cultura, de modos de vida, de características físicas, de indumentárias, etc. No entanto, esta estrondosa e irrevogável mudança nos modos de ser e de viver acaba por determinar na existência dos indivíduos, segundo Agamben (2008), numa falta de sentido. Falta essa que de modo não muito claro ainda se alinhava com aquilo que a própria burguesia tentou extirpar, o niilismo. Ou seja, segundo Agamben a falta de sentido do indivíduo na atualidade traduz de algum modo essa ligação com o niilismo.

Depois do almoço, sentiam-se deprimidas pela súbita sensação de monotonia que se abate sobre os viajantes americanos em calmos lugares estrangeiros. Nada há a estimulá-los, nenhuma voz os chama, nenhum fragmento de suas próprias ideias parte de repente de outra pessoa e, sentindo falta do clamor do Empire, elas sentem que a vida ali não está continuando (FITZGERALD, 2003, p. 18).

Mas o que importa, parece-nos, é que essa a falta de sentido, transforma-se, revela-se, escancaradamente, em exibição. Como homem moderno Fitzgerald (1996, p. 1), já pré-anunciando os modos performáticos que se desenvolveriam ao ponto que notadamente se mostra na atualidade, diz de sua vida e da sua esposa Zelda: “Sometimes I don’t know whether Zelda and I are real or whether we are characters in one of my novels”.¹⁵

Destarte, e paradoxalmente, ao fazer o jogo da exposição o sujeito procura apropriar-se de uma identidade que não mais lhe cabe, nem lhe faz sentido, absolutamente. “Há uma outra espécie de golpe que vem de dentro, que não sentimos até ser tarde demais [...]. Nunca mais seremos os mesmos” (FITZGERALD 2007, p. 72).

¹⁵ Às vezes eu não sei se eu e Zelda somos reais ou se somos personagens de um dos meus romances (Tradução livre).

Corroborando com esta análise buscamos também em Agamben a noção de expropriação da experiência, noção esta que é uma retomada do pensamento de Benjamin. “Pois, assim como foi privado de sua biografia, o homem contemporâneo foi expropriado de sua experiência” (AGAMBEN, 2008, p. 21).

Pobreza de experiência: não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso (BENJAMIN, 1987, p. 116).

Segundo tais autores o homem moderno foi destituído da experiência. Bela é a voz de Benjamin, retomada pelo pensador italiano, ao afirmar em 1933 com precisão de diagnóstico a pobreza de experiência da época moderna. Benjamin situava como causa da expropriação da experiência a catástrofe da Primeira Grande Guerra, de onde o homem voltava. “A gente voltava emudecida [...] não mais rica, porém mais pobres de experiências partilháveis” (AGAMBEN, 2008, p. 21).

Inspirado em Benjamin e Agamben diríamos que, apesar das forças que seguem na direção da padronização dos modos de vida, mesmo que os acontecimentos se nos envolvam densos de explicações científicas, ainda resistimos e encontramos modos de dar-se à experiência e narrá-las nos mais vastos e inusitados, até criativos, modos.

Na contramão das resistências a humanidade vai assim fazendo do saber que advém da experimentação sua potência e o seu destino, isolando assim o conhecimento da experiência. O saber separa-se da palavra, a palavra separa-se do que revela. A ciência tem tido dificuldade em se apropriar da experiência supervalorizando a experimentação.

Os dois homens entreolharam-se, com estranha dificuldade para exprimir-se. Não pode haver muita comunicação entre homens em semelhante situação, pois a relação entre eles é indireta e consiste em saber quanto cada um possui [...] (FITZGERALD, 2003, p. 295).

O homem moderno vê a expansão da imprensa e o estabelecimento da rotina de buscar notícias desde o amanhecer, mas a despeito de saber o que se passa no mundo este homem se faz pobre de histórias memoráveis.

Nos tempos contemporâneos o homem passa o dia conectado, e vai dormir medicalizado e extenuado por muitos fatos que parecem extrapolar o volume suficiente para um dia e que não se adensaram como experiência. “A excitação

causada por certas coisas atingia uma intensidade desproporcional à sua importância” (FITZGERALD, 2003, p. 31).

No entanto, este mesmo homem pode pela rede mundial de computadores, ao mesmo tempo em que executa suas atividades, ou quando se prepara para dormir, postar seus textos, distribuir suas fotos, disponibilizar seus vídeos, conversar pela escrita ou webcam com conhecidos e estranhos, relatando suas minudências, seus sonhos, seus desejos eróticos sem o constrangimento que lhe daria a conduta se lhe fosse importante ainda o cultivo da intimidade. Haveria aqui uma experiência? Sim, parece que sim, mas uma experiência, segundo Agamben, que se dá fora dele.

Para deixar mais claro a questão da expropriação da experiência, Agamben toma, dentre outros exemplos, a literatura. Ele coloca a poesia moderna sob a égide dessa crise. Como neste artigo escolhemos a literatura como voz colaboradora na polifonia do pensamento, priorizamos aqui esta ilustração que ele oferece, dentre outras.

Especialmente ele toma Baudelaire. Neste poeta, o homem moderno, como resposta à expropriação, faz da própria expropriação a experiência do inexperienciável.

Fazer a experiência é subtrair-lhe a novidade, pela repetição tirar o seu poder de impactar. E já que fazer a experiência é subtrair-lhe a novidade, evitar o choque da novidade, tirar do novo o seu poder de impactar, a busca do novo por esta literatura paradoxalmente passou a ser a busca do inexperienciável. Ou seja, esta busca consistiria em esconder e suspender a experiência. O homem moderno – explícito em Baudelaire – faz pela poesia da expropriação a sua condição de sobreviver. E isto, paradoxalmente como foi dito, se dá pela tentativa de criação de um “lugar comum”, da abordagem da “banalidade” e pelo choque que se quer produzir por estes recursos.

Se o cotidiano e a banalidade se constituíam na base e no conteúdo da experiência, repassada de uma geração para outra, agora na era moderna, pela literatura, se arranja em modos de criar impacto, de produzir um choque.

Flor do mal, obra deste poeta, constitui-se como composição exemplar a falar dessa crise de experiência e que Agamben (2008, p. 52) perspicazmente chama de “[...] provérbios do inexperienciável”.

Pelos recursos disponíveis, a arte, a poesia, a literatura enfim, o homem moderno faz frente a opressão do cotidiano, que embora preche de eventos, deles não faz experiência. Do mesmo modo o sujeito contemporâneo – não que seu tempo não lhe seja rico de acontecimentos significativos – sente-se também oprimido por esta incapacidade de tornar os eventos em experiências. No mundo da virtualidade e das imagens os dispositivos eletrônicos se colocam entre o sujeito e o evento.

O que não significa que hoje não existam mais experiências. Mas estas se efetuam fora do homem [...]. Uma visita a um museu ou a um lugar de peregrinação turística é, desse ponto de vista, particularmente instrutiva. Posta diante da maioria das maravilhas da terra, a esmagadora maioria da humanidade recusa-se hoje a experimentá-la: prefere que seja a máquina fotográfica a ter experiência delas (AGAMBEN, 2008, p. 23).

Como bem afirma o autor, a constatação deste fato não significa deplorar esta realidade, mas ser capaz de enxergar nessa recusa da experiência, a princípio sem sentido, um germe em maturação de uma futura, quiçá, experiência.

O homem moderno, assim, fazendo fluir suas forças e desejos de modos aparentemente despropositados, pela máquina-veículo-rede, pela máquina-encenação-video, pela máquina-performance-tecnologia, pela máquina-escrita-fotografia faz do banal, do comum, do ordinário, sua surpreendente, incômoda, maravilhosa, repugnante abordagem do cotidiano, nesse germe de possíveis e outras experiências.

O prato do almoço de Domingo de Páscoa improvisado na casa do amigo e mal fotografado ganha ares de provocação como foto postada na grande rede. O pedido de noivado do rapaz que se monitora pela câmara do celular em todos os seus passos desde a intimidade da própria casa até às gavetas da casa da namorada onde ele escondeu um ovo de chocolate com o pedido de casamento; o poema sem originalidade e sem acabamentos postado com ilustrações de paisagens de tirar o fôlego, se avolumam em provocações.

Perguntemo-nos então se a banalidade não é o que resta ao sujeito como patrimônio? Como fazer exposição senão com aquilo que se é e se tem? De extraordinários é que a vida não é feita.

Ainda, os bens banais, na época feudal, eram os bens que os camponeses e aldeões tomavam de seus senhores sob um pagamento. Ferramentas, animais, água, utensílios variados. Hoje, a planetária pequena burguesia já alcançou a posse das banalidades: sua casa, seu carro, seus móveis, seu celular, seu computador.

Empenha, todavia, para ter a posse das banalidades não mais um valor monetário, mas a própria subjetividade, sua inteligência, suas forças criativas, suas habilidades em lidar com o inusitado e o não controlado pela ciência e suas técnicas. De um modo ou de outro o sujeito que tem na possibilidade de exposição das suas coisas pela rede mundial de computadores parece lutar em campo aberto para apropriar-se da experiência, pois que a midiatização e os políticos e burocratas da comunicação e marketing se vão adiantados na posse dessa exposição fazendo delas aquilo que Sibília (2008) chama de show da intimidade.

Velhacos que compareciam em parte para adquirir prestígio e, com isto, maiores oportunidades de ganhar dinheiro, e em parte para assimilar sofismas novos que pudessem ser aproveitados como capital (FITZGERALD, 2003, p. 188).

De todo modo o homem vai, em suas tentativas e agenciamentos, jogando com suas banalidades, suas imagens, num espaço que deveras é um espaço político, um espaço onde inegavelmente esses fluxos de desejos correm pela rede.

Questões a pensar a título de conclusão

Parece certo que se dá nos tempos atuais uma crise que aponta para novas configurações tanto na ordem das representações quanto dos saberes, além de chamar à atenção para as complexas e instigantes formas de produção de subjetividade. “Por isso a questão se tornou descobrir por que eu tinha mudado, onde estava a fenda” (FITZGERALD, 2007, p. 84).

Nenhum campo de opinião, de pensamento, de imagem, de afectos, de narratividade pode, daqui para a frente, ter a pretensão de escapar a influência invasiva da ‘assistência por computador’ (GUATTARI, 1999, p. 178).

Se o advento da modernidade marcou como “definitiva” a invenção da privacidade, ela assim a fez com base na extensão do tempo e na lentidão. Nos tempos hodiernos, a velocidade e a instantaneidade como vetor importante nas relações sociais e na constituição de subjetividades determina, por assim dizer, a

provisoriedade e a mutabilidade das novas formas de subjetividade. Assim, se a dita intimidade ganhou ares de “permanente” a extimidade ganha traços que delineiam sua mutabilidade constante.

Delimitada, favorecida, sustentada pela privacidade a intimidade apresentava-se como o “trono” de onde o “eu” exercia o seu poder. Agora, sob os domínios das complexidades e mudanças dos tempos atuais, somos convocados a pensar a intimidade-extimidade, não mais como um sedimento de características e traços e vivências do “eu”, mas, fundamentalmente, como fluxos – de afetos, sentimentos, pensamentos – entre os sujeitos entre si, entre estes e o mundo, entre estes e as máquinas.

Referências

- 1 AGAMBEN, G. **A comunidade que vem**. Lisboa: Editorial Presença, 1993.
- 2 _____. **O rosto**. 1996. Disponível em:
<www.4shared.com/dir/V6eKPCdk/Giorgio_Agamben.html>. Acesso em: 20 jul. 2012.
- 3 _____. **Infância e história, destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- 4 BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. In: _____. **Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 1.
- 5 DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. São Paulo, Perspectiva, 1975.
- 6 _____. **Abecedário**. 1988. Disponível em:
<www.ufrgs.br/corpoarteclinica/obra/abc.prn.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2012.
- 7 _____. **Conversações**. São Paulo, Ed.34, 2008.
- 8 _____. **Crítica e clínica**. Tradução de Peter Pal Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- 9 EVANGELHO DE SÃO MATEUS. **Cap. 5, versículo 14**. Disponível em:
www.bibliacatolica.com.br/01/47/5.php>. Acesso em: 2 jul. 2012.

- 10 FITZGERALD, F. S. **O último magnata**. São Paulo: Record, 1968.
- 11 _____. **O grande Gatsby**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- 12 _____. **The diamond as big as the ritz**. New York: Penguin Books, 1996.
- 13 _____. **Suave é a noite**. São Paulo: Nova Cultural, 2003.
- 14 _____. **Crack-up**. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- 15 GUATTARI, F. Da produção da subjetividade. In: PARENTE, André (Org.). **Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999. p. 177-191.
- 16 _____. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2006.
- 17 GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- 18 KEHLL, M. R. **A constituição literária do sujeito moderno**. 2001. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/19133258/Maria-Rita-Kehl-A-constituicao-literaria-do-sujeito-moderno>>. Acesso em: 2 jul. 2012.
- 19 PELBERT, P. P. **Vida capital**. São Paulo: Iluminuras, 2011.
- 20 SIBILIA, P. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

ARTIGO III

BANAL, ORDINÁRIO, COMUM: O QUE NOS CONSTITUI EM VISIBILIDADE

Dauri Batisti

Resumo

No texto que se segue empreendemos uma tentativa de olhar os banais dos quais se faz uso no cotidiano e que, nos tempos atuais se evidenciam sobremaneira em exposição na internet. Queremos, portanto, forjar nesse olhar uma outra combinação do cotidiano e seus banais com as possibilidades de invenções e modos outros de lidar com a vida e seus desafios. Pretendemos assim ir além daquelas combinações que fazem a associação superficial e imediata do cotidiano e seus banais com o vulgar, o grotesco, o desimportante. Ao contrário, nosso olhar se dirige aos sempre possíveis movimentos de inventividade que nele se dão e que, no nosso ver, incluem os banais que lhe são característicos. E, se entendemos que a subjetividade não é algo da ordem da interioridade, antes, é algo constituído a partir do social, das relações, o que também buscamos nesse texto é acompanhar esse processo de produção de subjetividade que se dá com nuances especiais nestes tempos de revoluções tecnológicas, comunicacionais e informacionais. Para tanto tomaremos a contribuição de Michel de Certeau, Richard Sennett, Guy Debord, Gilles Deleuze, e outros.

Palavras-chaves: Subjetividade. Contemporaneidade. Banalidade. Internet.

Abstract

In the following text we undertook an attempt to look at the banal of which is in daily use and in modern times is greatly evident in exposure on the internet. We therefore want to forge another look at that combination of the daily and banal with its inventions and the possibilities of other ways of dealing with life and its challenges. We intend to go beyond those combinations that make the superficial and their immediate of the daily and banal with the vulgar, the grotesque, the unimportant. Rather, our gaze turns to whenever possible movements of inventiveness that it take place and that, in our view, include those that are characteristic banal. And if we understand that subjectivity is not something on the order of interiority, rather, is something composed from social relations, which also seek this text is to follow this process of production of subjectivity that is given with special nuances in these times technological revolutions, communicational and informational. Therefore we will take the contribution of Michel de Certeau, Richard Sennett, Guy Debord, Gilles Deleuze, and others.

Keywords: Subjectivity. Contemporary. Banality. Internet

Esquinas só servem se a gente dobrar/ e esbarrar no que ainda não viu/
maravilhas banais (Gonzaguinha).

Primeiras deambulações

Já uma pergunta se levanta a nortear as palavras que em linhas e saltos se constitui nesse texto. O que tem de mistério o cotidiano? A que ele convoca com sua ordinariedade, o que no banal, no ordinário, no comum ele escancara de nós mesmos? Em que ele se constitui ou pode se constituir em processos de mudanças? A que outramento ele nos remeteria se não lhe voltássemos um olhar indiferente; se, ao invés, o considerássemos outra-mesma face deste que somos, já que o cotidiano e suas banalidades são constituídos e plasmados na mesma retorta em que somos quem somos.

Decerto o cotidiano é um espaço onde as coisas acontecem. Por isso as banalidades que se expõem na internet não podem ser pensadas senão como um processo que se dá no cotidiano. E aqui, reafirmamos o cotidiano como um espaço de práticas, de fazeres ao modo do que nos propõe Michel de Certeau (1998). Assim, o cotidiano é o espaço-tempo onde o homem ordinário, o internauta é um praticante e não apenas um espectador, um leitor passivo, um mero receptor. Ao olharmos para a internet e para a evidente publicação de “banalidades” olhamos então, para estas possíveis maneiras ardilosas de se “[...] empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante” (CERTEAU, 1998, p. 39).

É certo que sob uma perspectiva de racionalidade o que as banalidades expostas mostram é que os processos hegemônicos se sobrepõem ao cotidiano de modo a impedir aqueles movimentos de criação que não se submetem ao estabelecido, aos propósitos de produção e consumo. Mas, como já foi dito, a perspectiva que tomamos é aquela em que o cotidiano é o espaço-tempo da criatividade, das ardilosas saídas aos desafios, das práticas que surpreendem pela inovação.

Assim, dentre todos os processos cotidianos de criar saídas, mesmo que com aparência de mero consumo dos produtos eletrônicos e informacionais que a todos são oferecidos sem possibilidade de recusa, lançamo-nos em tentativas de ver também se configurando uma produção nessa avalanche de publicitação da vida cotidiana com os seus respectivos banais na internet e por outros dispositivos comunicacionais e informacionais. Uma produção, mesmo que uma produção

fragmentada, dispersa, sinuosa. Destarte encontremos assim, para além da violência, do tédio, da aspereza e do peso com os quais marcamos os dias, encontremos nas e para além das banalidades expostas uma artilosa produção, estratégias de uso dos banais que surpreendam aos processos hegemônicos.

Agora, com um pequeno recuo, queremos dar mais uma volta no nosso pensamento, de modo a termos também aqui a contribuição da concretude e poesia das palavras em sua origem. Recordemos, portanto, que a palavra “dia” tem em comum com a palavra “dois” a mesma matriz, e, portanto, dia e dois se aparentam e se afiliam. O dia é o caminho de horas entre dois. E este caminho entre dois lados, dois pontos, duas escuridões, dois momentos, é marcado pelo passo, pelo movimento, pelo que não se fixa, pelo que escapa. E por ser essa repetição indefinida entre dois o dia é, indubitavelmente, feito, refeito, marcado pelas ordinariedades. Ai delinea-se uma faceta do seu mistério nada metafísico: sua fugacidade, sua ordinariedade, suas surpresas, seus acasos, seus fatos e acontecimentos.

O cotidiano não se deixa apanhar, pertence à insignificância, e o insignificante é sem verdade, sem realidade, sem segredo, mas é talvez também o lugar de toda significação possível. O cotidiano escapa. É nisso que ele é estranho, o familiar que se descobre (mas já se dissipa) sob a espécie do extraordinário (BLANCHOT, 2007, p. 237).

E o que se dissipa pode dar-se por não visto, não importante. “Que importava escolher para que lado ir se ao redor só havia aquela planície achatada e neblina vazia” (CALVINO, 1994, p. 76). Deixa-se aos poetas a atenção das pequenas coisas, rastros leves do que já passou. O inesperado torna-se mais fugidio, a surpresa não vem e o dial movimento da travessia parece apenas eivado de tédio.

Não é sem titubeios e vacilos que avançamos. O que aqui se quer é dirigir ao cotidiano, ao banal, ao ordinário, ao comum – dentro destas nossas tentativas de entendimentos dos processos de produção de subjetividades na atualidade – um olhar balizado em saberes já colocados em respeitabilidade, mas também, quiçá, delineado por outras sinuosidades, aquelas que escorrem do saber literário, das riquezas da imaginação de quem também pensa pelo viés da ficção, da fabulação, da literatura. “Marcovaldo, às vezes, para passar o tempo, seguia um gato” (CALVINO, 1994, p. 116).

Quando o fazer e o ver humano parecem inexoravelmente oprimidos pelo peso das obviedades, pela opacidade do comum e inexpressividade do trivial, reverbera por vários lados a exigência de outros meios de conhecimento, de outra ótica para se contemplar o mundo e suas complexidades. A literatura se adensa para nós como esse outro ponto, não substituto, mas outro, de onde também se pode alargar o olhar sobre o horizonte. De acordo com Calvino (2006, p. 41) “No universo infinito da literatura sempre se abrem outros caminhos a explorar, novíssimos ou bem antigos, estilos e formas que podem mudar nossa imagem do mundo”.

Para tanto estamos tomando especialmente um velho personagem de Calvino (1994) – Marcovaldo – e outras contribuições deste pensador-romancista-ensaísta italiano. Como que guiado por Marcovaldo em suas peripécias este trabalho faz um caminho, o da procura do ordinário extra-outro-ordinário como faceta, como dobra no olho do comum, do banal. Pois que não é senão pelo chão da banalidade que se vai, para colher quem sabe, alguma beleza e ou nobreza e ou diferença no caminho dos dias que se repetem e que fazem a vida. “O mundo cinzento e miserável que o circundava se tornava de repente generoso em riquezas escondidas e que ainda se podia esperar alguma coisa da vida” (CALVINO, 1994, p. 8).

E esta escolha pela literatura e por Marcovaldo se dá com o propósito de permitir que outras vozes se intrometam no que ora desenvolvemos aqui. A personagem que introduzimos como colaborador, apesar de ter um “[...] olho pouco adequado para a cidade [...]” (CALVINO, 1994, p. 97) ainda assim, constitui um típico cidadão, um protótipo do homem contemporâneo.

Também ao nos depararmos pelas esquinas deste tortuoso texto com o olhar pouco adequado de Marcovaldo esbarramos de mesmo modo com a delicadeza de um outro a dizer: “O mesmo acontece com a vida. Há na vida uma espécie de falta de perícia, de fragilidade física, de constituição fraca, de gaguez vital” (DELEUZE; PARNET, 2004, p. 15). De certo modo participamos – no mundo globalizado por esse novo capitalismo, como o denominará Richard Sennett (2006) – desse olhar inadequado recolhedor de detalhes, de banalidades. “Em compensação, da cidade dos gatos abriam-se frestas insuspeitas sobre a cidade dos homens” (CALVINO, 1994, p. 117). É na cidade – não fugindo dela – que Marcovaldo empreende suas buscas. No cogumelo que cresce onde não se esperava, na árvore que precisava

de chuva, no rio poluído que parecia promissor em peixes, nas nuances das estações Marcovaldo procura desvelar os desejos mais íntimos da cidade.

Mesmo e apesar das frustrações, das derrotas que lhe são impostas, Marcovaldo – que deixa nos olhos de quem o acompanha um traço de melancolia – não se configura como um pessimista. Antes, a personagem de Calvino (1994) – e do mesmo modo nós, neste artigo – se põe no encalço, na busca, por entre as rígidas e hostis paredes e muros da cidade, a fresta por onde se avista um mundo que nos possa ser favorável e encantador.

Pode haver em Marcovaldo uma crítica de Calvino (1994) lá nos anos 70 à civilização industrial. No entanto a crítica e o ponto de convergência com as questões que levantamos nesse artigo é que tal lá como cá o caminho que se nos apresenta não é nem a fuga – da cidade no caso de Marcovaldo, da realidade tecnológica e informacional no nosso caso – nem a saudade por um paraíso perdido.

Marcovaldo é um homem da cidade, diante dos estranhamentos da cidade, e que, na cidade, busca o que a natureza aí ainda faz nascer. Diz o posfácio desta obra do autor que exatamente nesse olhar tão crítico às situações, mas também tão marcado pela simpatia pelas pessoas, por todas as possibilidades de vida, está a lição que o romancista propõe. “[...] se pudermos chamar de ‘lição’ uma veia pedagógica tão discreta, leve, nunca afirmativa, sempre aberta a alternativas diferentes” (CALVINO, 1994, p. 141).

O que já ousamos afirmar – dando cara de fim ao que apenas se vai em começos – é que os movimentos tortos-barrocos, fluxos e retoces das forças que plasmam a vida, as subjetividades, se dão com mudanças desconcertantes e paradoxais, inversões constantes do que seriam pólos e referenciais bem definidos. O que é dor torna-se ternura, o que é reto torna-se gracioso arco, o que é flexível e gelatinoso torna-se haste firme, o que é banal torna-se cinzel na constituição de indivíduos e vice-versa. A carnalidade corrupta faz o espírito, o espírito rompe-se em carne. “Assim como a melancolia é a tristeza que se tornou leve, o humor é o cômico que perdeu peso corpóreo” (CALVINO, 2006, p. 32).

A pequena ousadia de propor assim este texto que se propõe acadêmico, mas que é decerto assombrado por outras vozes, não é senão, também, uma necessidade

de considerar o mundo, a realidades, a vida dos humanos nos dias atuais sob outros olhares, multifocais, transpassados de outras nuances. Há um ponto que se toma – quase como ponto passivo – a partir das observações do que aparece na grande rede de comunicação de que o ser e fazer humano das grandes populações parecem estar, inexoravelmente, oprimidos pelo peso das obviedades, pela opacidade do comum, pela inexpressividade do trivial. O traçado que aqui delineamos vai seguindo por pontos não fixos de observação, mas segue. “O dia de hoje pode ser banal e mortificante, mas é sempre um ponto em que nos situamos para olhar para a frente ou para trás” (CALVINO, 1993, p. 14).

Ainda, nos primeiras deambulações desse nosso artigo, marcamos como importante que o cotidiano, com o banal, o comum e o ordinário que se apresenta em tanta visibilidade, e que nos redesenha como subjetividades, sob os aspectos do mundo da revolução tecnológica, informacional e comunicacional, é um cotidiano marcado não pela ordinariedade, pelo que sempre se dá, mas pela extraordinariedade, pelo novo, pelo que era inimaginável a um pouco de tempo atrás. Um cotidiano diferente, gerador de estranhamentos, desafiador de velhos modos de ser e impostor impiedoso de suas formas. Pergunta-se pungentemente Pelbart (2000, p. 11): “O que se passou, o que terá acontecido que de repente tudo mudou, que já não nos reconhecemos no que ainda ontem constituía o mais trivial cotidiano?”.

De repente, ou a corrosão

O “de repente” assinalado por Pelbart (2000) também nos remete a Richard Sennett, em *A corrosão do caráter* (2009) e *A cultura do novo capitalismo* (2006), e aqui queremos nos deter um pouco mais para enfatizar as mudanças que se operam nos dias atuais sob a visão de Sennett. Marcaremos a leitura que ele faz sobre as mudanças no chamado novo capitalismo e suas conseqüências sobre o caráter. Este novo capitalismo, ou capitalismo flexível, como ele também o denomina, tem como características, dentre outras, a exigência de agilidade, abertura às mudanças constantes, e que se assumam riscos constantes. Daí decorre uma sociedade impaciente, balizada em curtos prazos, imediatista.

Durante a maior parte da história humana, as pessoas tem aceito o fato de que suas vidas mudarão de repente devido a guerras, fomes ou outros desastres, e de que terão de improvisar para sobreviver [...]. O que é singular na incerteza hoje é que ela existe sem qualquer desastre histórico iminente; ao contrário, está entremeadada nas práticas cotidianas de um vigoroso capitalismo (SENNETT, 2009, p. 33).

Para entendermos melhor é bom frisar que segundo este autor o caráter se assentaria exatamente sobre virtudes de longo prazo como a confiança e o compromisso mútuo. O capitalismo de curto prazo, assinala Sennett (2009), corrói o caráter, sobretudo naquelas qualidades que ligam os seres humanos uns aos outros, e dão a cada um, um senso de identidade sustentável. Caráter é entendido por ele como o valor ético que atribuímos aos desejos e às relações com os outros, com o mundo e que, desde sua compreensão pelos gregos, engloba um horizonte maior que o captado pelo termo personalidade. O caráter se delineia especialmente por uma longa experiência emocional. A dimensão tempo longo, portanto, é fundamental. O que o novo capitalismo oferece é, ao contrário, um curto prazo para tudo, o que afeta emocionalmente e fortemente as pessoas. Viver sob o domínio do curto prazo significa não ater-se em comprometimentos que demandem tempo, não se sacrificar em razão de ideais que descortinam sua realização no futuro.

Daí decorre um conflito entre o tempo e o caráter que exige experiência, e experiência que não se faz senão com tempo. A vida fica assim sem uma narrativa que se alonga no tempo, fica sem aquilo que a organize como experiência, sem aquilo que sugere motivos e sentidos para os fatos e acontecimentos. As narrativas, então, tornam-se fragmentadas, incipientes, frágeis e não podem ou não ganham consistência para que traduza aos outros, aos filhos, às outras gerações como compreensão do desenvolvimento de que se fez, do ideal que se cultivou, do sentido da vida que se tomou para construí-la. “Olhou ao redor buscando alguma referência. Mas o pouco de sombras e luzes que seus olhos conseguiam reunir não compunha nenhuma referência conhecida. Errara o ponto e não sabia onde estava” (CALVINO, 1994, p. 72).

Segundo Sennett (2009) movimento narrativo é, portanto, o sentido que o indivíduo constrói ao perceber e fazer a experiência de que os acontecimentos no tempo se conectam. No novo capitalismo esta narrativa não se dá senão de modo fragmentado. Postulamos aqui que esta fragmentação também se evidencia no uso que se faz das grandes redes e na exposição da vida que nela se apresenta. Para

Sennett (2009), algumas experiências vão se dando na direção da construção de senso narrativo, e isso especialmente com relação ao trabalho. Mas, do que se depreende de seu pensamento percebemos a importância sob todos os aspectos, do resgate da experiência, do acúmulo da experiência no tempo; da importância das redes sociais como família, escola, trabalho onde confiança e lealdade se dão como consequência do relacionamento entre as pessoas; e a importância do senso de comunidade.

Impossível, portanto, na esteira do pensamento de Sennett (2009), não pensar na exposição que os indivíduos fazem de si, do que é ordinário, do que é banal, nos dias atuais pelas redes informacionais e comunicacionais senão também como esta forma de narrativa sem consistência, frágil, fragmentada, desprovida das demoras e dos desenvolvimentos que a sociedade fugaz não comporta. Mas também, a partir do que ele coloca podemos aventar outra possibilidade, a de que a narrativa fragmentada que se percebe pela internet e na internet, evidências de uma subjetividade marcada pela transitoriedade e provisoriedade, também aponta para um movimento que vai em direção oposta ao que se dá no que Sennett (2006) chama de novo capitalismo. Ou seja, a grande rede pode estar favorecendo o resgate dos valores da comunidade, mesmo que em novas configurações, o espaço da percepção e da valoração dos laços afetivos, do senso de seguir a própria vida e a vida do outro no conhecimento de coisas e detalhes que até então, antes do mundo www, não se tinha. Por exemplo – e só como exemplo – há pela rede social a chance de acompanhar o processo de gravidez de um casal, desde a exposição de fotos – nem sempre esteticamente “bonitas” – da barriga da grávida, passando pelas fotos da ultra-sonografia, pelas roupinhas do bebê, até o seu nascimento e além. “Um lugar insólito para por luzes, todavia cômodo, pois lhe traçavam um caminho” (CALVINO, 1994, p. 72).

Como um contador de história que contando suas histórias conta-se, fala-se, mostra-se em palavras, assim os indivíduos se vão em suas relações e encontros com esta nova realidade em que ator e espectador se encontram num mesmo olho, em que escritor e leitor se dão nas mesmas linhas e páginas, em que o jogo de olhares se dá na mesma tela em exibição e voyeurismo. E nesse entremeio de papéis, performances e espetáculos uma nova realidade parece emergir, uma

realidade ainda mais real, porque vista e revista muitas vezes, porque ampliada e configurada em zooms e recortes de alta definição. O que se depreende é, portanto, que um “algo a mais” se apresenta pela exposição dos sujeitos nos meios comunicacionais e informacionais. Os banais usados e as situações banais no dia-a-dia ganham este caráter de produção, de mais realidade a criar um toque para o despertar do olhar. “[...] e mesmo que fossem os habituais arredores de sua empresa passava a vê-los com uma luz diferente” (CALVINO, 1994, p. 116).

Bonita é a página que Deleuze (2005) escreve e com a qual seguimos e nos inspiramos para fazer o olhar girar pelas telas da internet, em tentativas de web-cartografar o cotidiano, o comum, o banal, o ordinário que ai se expõe. Deleuze (2005) ao tratar do cinema, do neo-realismo, fala de uma cena de De Sica e mostra como uma situação ordinária pode remeter a outras percepções. A cena é uma sequência em que uma empregada entrando na cozinha, de súbito, se vê diante da própria barriga de grávida, e se dá assim frente-frente, naquela cena comum e ordinária, com toda a miséria do mundo.

Eis que, numa situação comum ou cotidiana, no curso de uma série de gestos insignificantes, mas que por isso mesmo obedecem, muito, a esquemas sensório-motores simples, o que subitamente surgiu foi uma situação ótica pura, para a qual a empregadinha não tem resposta ou reação. Os olhos, a barriga: um encontro [...] (DELEUZE, 2005, p. 10).

No “caldo”

Depois de assinalar que Sennett (2006), ao seu modo e com sua terminologia própria marca as mudanças que se operam na sociedade e nos indivíduos nos dias atuais retomemos nossa discussão. Nesse “de repente” marcado por Pelbart (2000) já se percebe que o “novo” cotidiano – com seus estranhos e cativantes e cibernéticos banais – suscita fortes desestabilizações provocadas por imprevisíveis forças que adentram pelo jogo e põem, dispõem, repõem elementos para que as subjetividades ganhem corpo ou se dissolvam.

Essa confluência entre homem, máquina, rede mundial de computadores, novos meios informacionais e comunicacionais inegavelmente aponta para um processo acelerado e mutante da subjetividade como nunca dantes se fez observar. Isto adoce-nos mais? Faz nos toxicômanos de identidades, como diria Rolnik? (1997).

E há aqui, a nós parece, um desafio que se nos apresenta outra vez, que nos acompanha, o de dar, em carinhos e demoras, nossa atenção aos possíveis, inusitados, surpreendentes jeitos que a vida, e o seu poder, e a suas forças se arranjam em modos criativos de se manter e se expandir, apesar e a despeito disto ou daquilo.

É certo que também ele ousou, inovou, resistiu, desafiou o destino mais que todos os outros animais reunidos: ele, o grande experimentador de si mesmo, o insatisfeito, insaciado, que luta pelo domínio último [...] ele. O ainda não domado, o eternamente futuro (NIETZCHE, 2009, p. 102).

Ainda, diríamos que o que se faz aqui é uma tentativa de passos e olhares por estes interstícios e avizinhamentos entre homem e máquina, entre olho e tela, entre coisas comuns e poesias. O que se torna escrita neste texto é, assim, decorrente – córrego de pequeno fluxo, mas é o que corre, ou escorre – do que Rolnik (1997) chama de potencialidade vibrátil do olho, do olho tocado pelo que vê, e do olho vítreo, vidrado, fixo, cativado, vazado – diríamos nós – de bytes e displays, de telas e brilhos hipnotizantes.

Os fatores subjetivos ganharam, decerto, preponderância na lógica do capitalismo no seu atual estágio, num investimento nunca antes tão alto e intenso. Esta investida sobre a subjetividade chama a atenção especialmente para os modos como as tecnologias são colocadas em ação de modo a favorecer que o tal investimento, então, alcance seus objetivos.

[...] as máquinas tecnológicas de informação e de comunicação operam no coração da subjetividade humana, não só na sua memória, na sua inteligência, mas também na sua sensibilidade, nos seus afetos, nos seus fantasmas inconscientes (PELBART, 2000, p. 12).

Inegavelmente o pensamento é forçado a dar-se com novos entendimentos a respeito das subjetividades que se constituem na atualidade e que tem nos meios informacionais e comunicacionais um vetor importantíssimo dessa constituição. O que está dado e colocado aos olhos de todos – literalmente – nas últimas décadas não é jornal, não é cinema, não é TV, não é arte, não é... mas é. É o lugar, o espaço, o território, a praça, o circo, o anfiteatro, a catedral onde a atuação, a performance de tantos atores se dá em variadas e infinitas conexões.

Há então deste mundo informacional-comuniacional uma produção. Uma produção marcada – e que aqui destacamos – pela cotidianeidade e por aquilo de que se faz uso ordinariamente, as banalidades. E se há negavelmente uma produção de

subjetividades que se utilizam dessas meadas – cotidianidade, ordinareidade, banalidades – há decerto uma questão, muitas questões que se levantam. “Via o filme duas vezes, só saía quando o cinema fechava; e em pensamento continuava a viver naquelas paisagens e a respirar aquelas cores” (CALVINO, 1994, p. 72).

O sujeito assim constituído estaria inserido em um movimento mais amplo que apontaria para fortes e permanentes e irrevogáveis mudanças nas sensibilidades? Haveria nesse território que se alarga ao modo das forças expansionistas de antigos impérios uma possibilidade de vida estética mesmo e apesar da sobrecarga de banalidades que estas manifestações pela rede mundial de computadores carregam? Há ai nessa profusão de falas e manifestações um rearranjo de potenciais criativos que favorecem a vida e a liberdade que ela demanda para ser vigorosa e bela? Ou estas mesmas e profusas manifestações de milhões, essa visibilidade eivada de banalidades prolonga os gritos e sufocos do anonimato que às grandes populações sempre foram impostos ao longo dos tempos?

Ampliando nossas indagações sigamos com Pelbart (2000). Ao se debruçar sobre as questões relativas aos dias atuais, considera a tecnologia o novo meio ambiente onde se dobram as subjetividades e marca duas dentre as inúmeras conseqüências da investida – que ele chama de assalto – sobre a mesma. Primeiro ele destaca a visibilidade que a subjetividade ganhou. Segundo, ele coloca que fica evidente que a subjetividade não é dada, mas totalmente fabricada, produzida, moldada, e também, automodulável, o que traz como consequência – nós colocamos – uma postura, uma atitude ética – estética, um “cabe-nos”.

Talvez venham daí esses discursos contemporâneos mais preocupados em reinventar a subjetividade do que em decifrá-la. O que Foucault exprimiu da seguinte maneira: Cabe-nos ‘promover novas formas de subjetividade, recusando o tipo de individualidade que nos foi imposto durante séculos’ (PELBART, 2000, p. 12).

Pelbart (2000) tomando a tensão entre o corpo e os selves como eixo de leitura destas complexidades que incluem as tecnologias da comunicação aponta para mudanças nas noções de presença, de relação, de corpo, chamando a isso de deslocamento cibernético que pode estar anunciando uma reviravolta na dicotomia cartesiana corpo e mente. Ou seja, a idéia de si, pelos meios cibernéticos, reembaralha corpo e mente, possibilita o surgimento de corpos virtuais, a idéia de si desvincula-se do corpo biológico, novas corporificações são possíveis, emergem

múltiplos eus. Isto denotaria que há neste entroncamento entre homem e máquina, entre fluxos biológicos e cibernéticos, entre suportes materiais e imateriais uma incessante recriação da subjetividade.

O acompanhamento desses processos desafiam-nos a todo momento. Se por um lado somos chamados a pensar a evidente padronização na produção das subjetividades e uma homogeneização reducionista de suas configurações, por outro lado essa mesma produção é marcada pela polifonia, pela heterogeneidade, pela mestiçagem. Felix Guattari (2006) diz que essas transformações tecnológicas podem favorecer a isto ou aquilo. Se favorecem a homogeneização, podem também favorecer a heterogeneidade e singularização. Diz ainda que conjugadas com experimentações sociais talvez apontem saídas para aquilo que ele chama de período opressivo atual. Segundo Guattari (2006, p. 15) “O melhor é a criação, a invenção de novos universos de referência, o pior é a mass-midialização embrutecedora”.

Nossos olhares vão-se em treinos de práticas cartográficas, em tentativas de perceber que novos afetos, novos poderes, novas danças essas subjetividades nascentes fazem aparecer no cenário contemporâneo. Ou ainda, que novas e bemvindas forças de desmanche, de demolição, de ruptura ai se anuncia?

[...] o que faltava para preencher os espaços vazios e encurvar as superfícies esquadriadas talvez fosse uma enchente para estourar os condutos de água, ou uma invasão de raízes de árvores da alameda para arreventar a pavimentação (CALVINO, 1994, p. 112).

O cotidiano, exibição, artes de fazer

Há, decerto, uma relação, muitas relações, entre subjetividade e visibilidade, e estas relações incluem, indispensavelmente, as tecnologias comunicacionais-informacionais contemporâneas. As mudanças, inexoravelmente, se dão em *continuum*, modelam e remodelam subjetividades e seguem nesse processo indefinido sob a sombra, a força do olhar, sob a égide da visibilidade, nos ditames da exterioridade. E isto mais do que em qualquer outro período da história que nos precede define uma subjetividade já produzida para o olhar, para o endosso, para a sanção do outro.

Tanto quanto processo, como enquanto subjetividades aí colocadas – ao contrário dos processos de outros períodos da história em que se definiam como fundamentais a introspecção, a “vida interior”, a hermenêutica – o que se vai delineando como inegável é o acontecimento de uma subjetividade que se dá com, através da, para a exterioridade. E aqui, as tecnologias, especialmente as comunicacionais e informacionais, não apenas operam como dispositivos dessa produção, mas também e principalmente como expressão desses mesmos sujeitos produzidos.

Como o capitalismo no seu estágio atual de desenvolvimento articula-se como cultura, e cultura do bem-estar, do prazer, do corpo, do lazer, da moda, da imagem, todos os objetos e produtos desta produção cultural ganham o traço do consumo. O cotidiano será então o campo privilegiado dessa cultura. Os produtos ganham luzes, cenários, histórias, destaque, importância, enfim. E isto vale para todo e qualquer produto, desde a ração e acessórios os mais variados para cães e gatos até os produtos eletrônicos de “última geração”. Como nunca dantes todos os produtos – que incluem as pessoas e os seus modos de fazer as coisas – tornam-se ícones nos mais variados e criativos nichos, de donde são expostos aos muitos “devotos” olhares.

No entanto, o sujeito ordinário em seus múltiplos e inusitados desejos também se arvora com criatividade várias ao propor na improvisação de suas tentativas a exposição de si e de seus objetos de usos banais. Michel de Certeau (1998) apóia-nos com sua contundente reflexão.

Ao tratar das questões cotidianas, ordinárias, pequenas e banais Michel de Certeau (1998) privilegia o estudo do estranho, de certas estratégias para lidar com a vida, invenções, astúcias, bricolagens que se agregarão como recursos a serem usados nos jogos e relações com o estabelecido, com a ordem, com o dado cultural.

Assim, e dizendo com outras palavras, ao analisar essa produção sócio-cultural este autor percebe que os procedimentos populares, minúsculos e cotidianos, se constituem em “maneiras de fazer”, em práticas que permitem ao usuário dessa cultura uma reapropriação daquele espaço que fora organizado pelas técnicas da produção cultural.

Por esse prisma, a cultura popular se apresenta diferentemente [...] ela se formula essencialmente em 'artes de fazer' isto ou aquilo, isto é, em consumos combinatórios e utilitários (CERTEAU, 1998, p. 42).

O interesse de Certeau (1998), assim, se volta especialmente para o homem ordinário, comum, livre dos protocolos, mais propenso às transgressões, às ações destituídas de pudor. Não que nos meios “nobres” isto não aconteça, mas, o homem comum, por assim dizer, expõe-se, ou deixa-se à exposição sem tantos pudores. De início foi para os estudos de possessões, bruxarias e manifestações místicas que Certeau (1998) se voltou, e é frutuoso notar que estes estudos já antecipavam na evolução do seu pensamento o interesse por estas “maneiras de fazer” que surgem como invenções para se lidar com a realidade, invenções que fogem do que é proposto do caminho usual e estabelecido no sistema. Diz Luce Giard (1998, p. 31) no prefácio do livro *A invenção do cotidiano – artes do fazer*, que o pensamento de Certeau, dando atenção à sombra e à noite – metáforas para a inteligência ordinária, a criação efêmera – não se fazia cego em seu caminho filosófico através da “vida comum” às realidades políticas das épocas estudadas e à força da temporalidade.

Paralela à possessão diabólica do século xvi, a linguagem mística, seu homólogo e seu inverso, se define, na época, pela introdução de um inefável num texto recebido. Um ‘não sei quê’ fala, mas ‘este não sei que outro’ é introduzido e dito dentro de um sistema doutrinal, alterando o discurso do saber teológico, e não construindo um outro discurso (CERTEAU. 1982, p. 223).

Ampliando esta questão que nos traz Certeau (1982), a do outro – estranhos, feiticeiras, possuídos, despudorados – delineia-se em seus escritos uma perspectiva que também tomamos como nossa: um olhar atento para o que provoca estranheza, para o que rompe comedidas proporções e protocolos e o que atravessa como ventania as calmas planícies das certezas. “A cidade dos gatos e a cidade dos homens estão uma dentro da outra mas não são a mesma cidade. Poucos gatos lembram o tempo em que não havia diferença” (CALVINO, 1994, p. 115). Este olhar é para nós busca cartográfica, método de entendimentos da avalanche de sujeitos expostos na rede, da subjetividade constituída em exposição e alçada ao patamar do espetacular.

O outro, para o referido autor, indica que alguma coisa fala, há algo a ser ouvido, há alguma coisa, que ainda permanece indeterminada, mas que fala. Mas este

outro que fala pode também portar e comportar alternativas inusitadas, saberes e saídas eficazes no lidar com os obstáculos à vida e à alegria de viver. Bem recolhe Certeau (1982, p. 254) uma magnífica palavra de Rilke de suas cartas a um jovem poeta: “[...] lá onde existe poema não sou eu, mas é Orfeu quem chega e que canta”.

Isto também afirmam, a seu modo, Pelbart (2000) e Rolnik (1997) ao proporem que não necessariamente é o enfrentamento que se constitui como resistência aos modos de vida que são propostos-impostos, não, antes, a resistência se daria obliquamente, pela emergência no cotidiano das vidas dos sujeitos das chamadas linhas de fuga. Ou seja, modos de expressão, de lidar com a rotina, o trabalho, os obstáculos aqui e lá que, inexoravelmente, terá repercussões no processo dinâmico da constituição das subjetividades.

Ampliemos aqui o entendimento do que acabamos de dizer. A subjetividade consiste no que se dá num processo em que, por diversos modos, os indivíduos e as coletividades se tornam o que são (DELEUZE; PARNET, 2004), ou seja, a subjetividade não é algo da ordem da interioridade, antes, é algo constituído a partir do social, das relações e que se configura como elemento configurador deste social. Bem diz Pelbart (2000, p. 77) “[...] não é algo abstrato, trata-se da vida, mais precisamente das formas de vida, das maneiras de sentir, de amar, de perceber, de imaginar, de sonhar, de fazer, mas também de habitar, de vestir-se, de embelezar-se, de fruir [...]”.

O cotidiano, portanto, é o espaço onde os procedimentos minúsculos dos “consumidores” da produção sócio-cultural se tornam procedimentos de reapropriação da cultura. E importa, segundo a perspectiva de Certeau (1982), exatamente perceber estas “operações microbianas” que nele se dão. Ou seja, importa observar na ordinariedade dos dias os movimentos de criatividade que se exercitam por usos, astúcias que se desenvolvem, bricolagens e transformações do que ao “consumidor” são oferecidas e impostas. Ou seja, a rede mundial de computadores não apenas oferece a consolidação de uma cultura, mas também, ao dar-se ordinariamente a milhões de usuários, permite esses usos, imprevisíveis usos, essas surpreendentes maneiras de fazer que sempre surgem quando algo se dá cotidianamente, usos inventivos que atuarão como forças capazes de suscitar

mudanças. O uso da rede mundial de computadores, por consumos combinatórios, por modos de utilização que mesclam trabalho, lazer, prazer, etc., por articular arte e artimanhas, vai se tornando inegavelmente um campo de criação, experimentação, invenções. A exposição da dita intimidade, pode ser ou apontar para estes “usos”, movimentos da vida suscitadora de invenções que não poderão ser barrados, obstruídos.

Visibilidade espetacular

Ainda em tentativas de acompanhar estes movimentos do tempos atuais e as surpreendentes maneiras que os homens e mulheres em seus fazeres, em seu cotidiano, criam para dar sentido á vida nos aproximamos de Guy Debord – poeta, cinegrafista, ativista político, pensador – e especialmente dialogamos com sua obra *A sociedade do espetáculo*, publicada em 1967. “Numa determinada hora, como se um interruptor fosse acionado, cessavam a produção e, rua! lançavam-se todos a consumir” (CALVINO, 1994, p. 97).

Como Maria Rita Kehl (2005) perguntamo-nos se a internet e toda a tecnologia informacional e comunicacional oferecem novos paradigmas aqueles entendimentos de Guy Debord. Com ela também respondemos a indagação que, a despeito de todo o avanço tecnológico das últimas décadas as ideias do referido autor bem nos ajudam a entender o mundo contemporâneo e seus modos de produção de subjetividade, mesmo e apesar das realidades comunicacionais serem já bem diferentes.

O que Debord afirmava em 1967 – já antecipando os entendimentos do que viria a ser a poderosa expansão da televisão e a concomitante expansão da chamada indústria cultural – e que aqui tomamos como ponto de reflexão, é que o espetáculo tem se posto sobre toda a superfície da vida, e ainda mais nos dias hodiernos, e de modo mais contundente que nas décadas em que o predomínio das imagens se dava pela televisão.

Seguindo o pensamento deste autor percebemos na grande rede de comunicação – a internet – que até mesmo o cotidiano, vida foi tomada como conteúdo para a

exibição, ganhando, em suas ordinariedades, o glamour de um espetáculo. De acordo com Debord (2003, p. 13) “Toda realidade individual se tornou social”.

Cabe-nos entender as implicações disso. Segundo Debord (2003) as sociedades marcadas pelos modos modernos de produção se dão como acumulação de espetáculos, e as imagens então ganham autonomia e se vão desligadas da vida. Vale dizer que ele entende espetáculo como relação social entre pessoas mediatizadas por imagens. E esta relação social sempre é correlata e inseparável da relação produção e consumo. Ou seja, tudo está mercantilizado e envolvido por imagens e tudo em imagens está transformado. Consumem-se imagens e mercadorias e de mesmo modo se faz imagem-mercadoria para olhos ávidos e famintos. E como o poder espetacular está disseminado em todas as relações, também as banalidades são agregadas e atravessadas por este poder e ganham assim novas vestimentas e visibilidade. O olho não é mais o protótipo do controle e da disciplina, o olho é o garantidor da “certeza” de que se vive. Ou seja, viver é ser visto, e se assim o é, por conclusão, ser visto é um mercado.

Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui o modelo presente da vida socialmente dominante. Ele é a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e no seu corolário – o consumo (DEBORD, 2003, p. 10).

Também importa situar que, grosso modo, seguindo o pensamento deste autor a revolução tecnológica dos últimos tempos por assim dizer desmaterializa os produtos, de modo que a imagem tome o lugar da própria mercadoria. A imagem seria a concentração do capital. O capital se torna imagem. Neste mesmo ângulo as pessoas são colocadas, e a relação entre elas só pode se dar pelas imagens. Isso é o espetáculo, as imagens mediando a vida, e as imagens ganhando autonomia. O perigo estaria em perder o vivido em troca da imagem, ou seja, a contemplação (passiva) da imagem se daria em detrimento da vida, do que pode ser vivido. De acordo com Calvino (1994, p. 45) “O frio tem mil formas e mil modos de se mover no mundo”.

Parece-nos importante destacar aqui na sequência do pensamento com inspirações em Debord (2003), que nessa sociedade do espetáculo a imagem não tão simplesmente mostra e evidencia o que está nela, os sujeitos, seu cotidiano, mas também, e arditamente, a imagem se presta ao encobrimento. Encobre a vida. “É

a unidade da miséria que se esconde”, como diz Debord (2003, p. 35). Decerto, nesta perspectiva, é verossímil a afirmação que diz que não há vida senão no espetáculo. Ou seja, quanto mais o sujeito é tornado produto de exposição e mercantilização, mais ele se separa da vida. “Tudo isso é perfeitamente visível com relação á mercadoria, pois nada mais se vê senão ela: o mundo visível é o seu mundo” (DEBORD, 2003, p. 24).

De acordo com Debord (apud BUCCI; KEHL, 2004, p. 50) “[...] o homem cuja vida se banaliza precisa se fazer representar espetacularmente” [...], pois que a vida que lhe foi roubada fica assim substituída pelo desejo, pela obsessão da fama, da visibilidade. Como já foi dito, se sou visto existo. Além disso, e se somando a isso há uma espécie de “fé” ou uma garantia de que como afirma Debord (2003, p. 12) “[...] o que aparece é bom, o que é bom aparece”.

No entanto, como já foi marcado, a imagem também encobre. Para nós, e repensando a partir desta afirmação, dizemos que, da imagem que tudo quer expor e tudo quer capturar, a vida foge, escapa, ainda. Escapa na dor que lhe é inerente, na infelicidade que lhe adensa os momentos, no mistério que lhe plasma as invenções, no charme – como diria Deleuze e Parnet (2004) – que escancara a sua beleza e sua força no que é pequeno, frágil e delicado.

Assim, e alimentando-nos na perspectiva de que para além de toda captura há uma ponta da corda que se desprende, percebemos que a arte cinematográfica a que Debord se dedicou também parece querer apontar, pelos filmes que produzia, a possibilidade de outros mundos, recomeços, recomeços que poderiam se dar também pela arte. Arte como imagem despertadora, contemplação ativa, estratégia reequilibradora de olhares. Bem traduz isto as palavras iniciais, legendas sobre imagens – uma citação de abertura – no filme *A sociedade do espetáculo* (DEBORD, 1973), baseado no texto de mesmo nome:

Como cada sentimento particular é apenas parte da vida e não a vida em sua totalidade, a vida anela por uma completa multiplicação dos sentimentos como que redescobrimo a si mesma em toda sua diversidade [...]. No amor o separado ainda existe, mas existe dentro do conjunto, não fora dele: um reencontro entre vivos [...].

Não se furta o referido filme, no entanto, de afirmar categoricamente o uso da imagem para fazer dormir. Ele, Debord, no entanto como que usa as imagens do

filme para acordar deste sono-sonho hipnótico aqueles a quem este sono foi imposto.

A medida que a necessidade se encontra socialmente sonhada, o sonho torna-se necessário. O espetáculo é o mau sonho da sociedade moderna acorrentada, que não exprime senão o seu desejo de dormir (DEBORD, 1973).

Também desvelamos nas palavras do autor esta possibilidade de recomeços quando, por exemplo, ele fala do surgimento do barroco como arte de um mundo que perdeu seu centro ao ver a unidade da cristandade e o fantasma do império cair por terra. Não nos custa em nossos “desvios” também nos aproximar desta idéia de mundo que perdeu seu centro nestes dias que vivemos e aplicar a ele esta escolha, a vida. Bem diz Debord (2003, p. 120), “A arte da mudança deve trazer em si o princípio efêmero que ela descobre no mundo. Ela escolheu, conforme diz Eugênio D’ors, ‘a vida contra a eternidade”.

Mas o rio ali na cidade, que recebia restos, lixo e esgotos, inspirava-lhe profunda repugnância. ‘Tenho de procurar um lugar’, continuou, onde a água seja realmente água e os peixes realmente peixes. Ali vou jogar minha rede (CALVINO, 1994, p. 80).

No registro, as resistências

Evidencia-se que ao longo do artigo mais nos pautamos por tentativas de entendimentos destas realidades do que garantir prontamente, com base nos autores dos quais aqui nos aproximamos, firmes e bem delineadas conclusões. Assim, à guisa de conclusão seguem uns pontos que marcamos como novas estradas que se abrem para outros e novos pensamentos.

A escolha do que parece ter pouca coisa a dizer, a escolha das minudências, banalidades e insignificâncias para a exposição, por e nos vários dispositivos eletrônicos, pode traduzir uma negação do monumento, do herói, do messias, das grandes bandeiras, dos emblemas que em frustração já se deram depois de esfuziantes oferecimentos e propostas. Parece que ao mostrar o que se tem, a vida ordinária, afirma-se também, para além da apropriação e espetacularização do cotidiano, uma escolha de construir-se em novos moldes – no mínimo outros, se não novos – que não somente aqueles que os nobres protocolos estabelecem.

Aventamos também a possibilidade de que com sua exposição e a de seus banais o indivíduo, na situação extrema – esta que se vive hoje em que todos e todas as coisas foram submetidos ao poder “emprodutizador” e mercantilizador da sociedade contemporânea – o indivíduo encontre um viés de sobrevivência no olhar do outro. No outro, no seu esgarçado olhar, e ainda assim nesse olhar em farrapos está o sentido que se angaria para se continuar vivendo.

Ainda, a banalidade exposta parece estar respondendo a uma ampla demanda, a de ver ampliados as ocupações e preocupações, os pensamentos e os desejos, os sonhos e delírios, as beiras e os meios, as salas e os quartos, as roupas e os músculos e peles que delineiam em cenas humanas o que vive estes praticantes da internet. Praticantes que agora alcançam o poder de publicar e que até então se restringia nas mãos e decisões de alguns, controladores, editores, senhores.

Ou também, levantamos a idéia de que diante de milhões de outros postos por ai, cada um quer criar o espaço, um alargado – mesmo que minúsculo – um território para a imaginação, para a vida, aquela que se sente como própria. Belo é o verso escrito em 1976 da polonesa Wislawa Szymborska (1976, p. 1), prêmio Nobel de Literatura, e que a nosso ver bem traduz este sentimento do homem contemporâneo: “Quatro bilhões de pessoas nesta terra,/e minha imaginação é como era./Não se dá bem com grandes números./Continua a comovê-la o singular”.

Referências

- 1 BLANCHOT, M. **A conversa infinita 2: a experiência limite**. São Paulo: Escuta, 2007.
- 2 BUCCI, E.; KEHL, M. R. **Videologias**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- 3 CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das letras, 1993.
- 4 _____. **Marcovaldo ou as estações na cidade**. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- 5 _____. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

- 6 CALVINO, I. **Se um viajante numa noite de verão**. São Paulo: Planeta DeAgostini, 2009.
- 7 CERTEAU, M. de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- 8 _____. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- 9 DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. 1973. Vídeo. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=qt8c-Wy46S4>. Acesso em: 12 set. 2012.
- 10 _____. **A sociedade do espetáculo**. 2003. Disponível em: <www.cisc.org.br/portal/biblioteca/socespetaculo.pdf>. Acesso em: 5 set. 2012.
- 11 DELEUZE, G. **A imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- 12 DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Lisboa: Relógio d'água Editores, 2004.
- 13 GIARD, L. História de uma pesquisa. In: CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 9-32.
- 14 GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006.
- 15 KEHL, M. R. **Muito além do espetáculo**. 2005. Disponível em: <www.mariaritakehl.psc.br/conteudo.php?id=76>. Acesso em: 10 set. 2012.
- 16 NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das letras, 2009.
- 17 PELBART, P. P. **A vertigem por um fio: políticas de subjetividade contemporânea**. São Paulo: FAPESP Iluminuras, 2000.
- 18 ROLNIK, S. **Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura**. 1997. Disponível em: <<http://caosmose.net/suelyrolnik/pdf/sujeticabourdieu.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2012.
- 19 SENNETT, R. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2006.
- 20 _____. **A corrosão do caráter**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2009.
- 21 SZYMBORSKA, W. **Um grande número**. 1976. Disponível em: <<http://autoreselivros.wordpress.com/2011/10/31/um-grande-numero/>>. Acesso em: 12 set. 2012.

ARTIGO IV

FLUXOS, CONEXÕES, GAGUEIRAS, FABULAÇÕES: ARTEIROS USOS DA ESCRITA

Dauri Batisti

Resumo

A predominância da escrita na internet, ou a co-dominância – se admitirmos a predominância da imagem – tem levantado a questão da sua importância, não apenas pela sua função imediata de escritura, mas também como suporte, veículo para outros fluxos além dos que lhe são explicitamente inerentes. A escrita assim, nas mais variadas parcerias com imagens, e nas vastas alterações em seus usos e formas, ao modo de arte, não necessariamente arte, mas ao modo dos caminhos que a arte faz, de dar um sentido à vida, ao absurdo, merece aqui nossa atenção. Ou seja, por estes arteiros usos, a escrita parece expressar uma busca de sentido frente à mutabilidade incessante das realidades. O artigo que se segue se propõe a pensar estas atualíssimas e fugidias questões. Para isso nos norteamos pelo pensamento de Gilles Deleuze especialmente com o seu conceito de gagueira; com Bergson com seu conceito de fabulação, além de outras contribuições. Como expressão do nosso desejo de diálogo com outras vozes, e dando um tom polifônico ao texto, introduzimos também neste artigo a poesia de Bob Dylan.

Palavras-chaves: Subjetividade. Escrita. Internet. Arte. Bob Dylan.

Abstract

The predominance of writing on the internet, or co-dominance – if we assume the dominance of image – has raised the question of its importance, not only for its immediate function of writing, but also as a support vehicle for other streams beyond it are explicitly involved. A well written, in various partnerships with images, and the vast changes in their habits and ways, the way of art, not necessarily art, but the manner of the ways that art does to give meaning to life, to the absurd deserves our attention here. In others words, in these artful uses the writing seems express a search for meaning in the face of incessant mutability of realities. The following article proposes to consider these current and fleeting issues. For this we guided by the thought of Gilles Deleuze especially with his concept of stuttering, with Bergson with his concept of fabulation, and situating the present time from the perspective of Antonio Negri. As an expression of our desire to dialogue with other voices, and giving a polyphonic tone to the text, we also introduced in this article the poetry of Bob Dylan.

Keywords: Subjectivity. Writing. Internet. Art. Bob Dylan

Escrever é um fluxo entre outros, sem nenhum privilégio em relação aos demais, e que entra em relação de corrente, contracorrente, de redemoinho com outros fluxos [...] (Gilles Deleuze, 2009, p. 17).

Ouvi o ronco de uma onda

O olhar que esparramamos sobre a internet se volta para este rugido, essa grande onda que se avoluma sobre o mundo, estes fluxos infindáveis de escrituras, escrituras que transpiram vacilos próprios da vida, mas que também manifestam aspirações de mudanças e transformações em arteiras práticas.

E aqui pensamos estas artes e traquinagens com a escrita inspirando-nos na concepção de Deleuze e Guattari (1977, 2008) acerca do enfrentamento do caos quando, para criar sentido, o pensamento precisa fazer um daqueles três caminhos, filosofia, ciência e arte. Não que postulemos que a escritura na internet configure algo que perdure como arte, mas empreendemos tentativas de marcar o enfrentamento do caos, a tentativa de produção de sentidos que ali se instala. E ali se dá sua traquinagem, suas artes. “Eu ouvi o som do trovão, e o seu estrondo era um aviso, ouvi o ronco de uma onda que poderia afogar o mundo inteiro”¹⁶ (DYLAN, 1963).

Ao mesmo tempo em que lançamos nosso olhar para o que de mais presente há, esta larga e selvagem rede de comunicação, do mesmo modo nos voltamos – pelos recursos que ela mesma oferece – para as imagens e sons de umas décadas atrás e permitimos que ecoe pelos cingulos e vales do nosso pensamento a voz de Bob Dylan. Escolhemos, portanto, Bob Dylan como esta outra voz a se intrometer nos parágrafos que se seguem. “Reúnam-se aqui, por onde quer que tenham vagado/E admitam que as águas a sua volta tem subido. E aceitem que em breve vocês estarão encharcados até os ossos”¹⁷ (DYLAN, apud EPSTEIN, 2012, p. 17).

Na verdade esta outra voz nos incentiva a outros encontros e devires. E como dizem Deleuze e Parnet (2004, p. 17) encontrar é descobrir, capturar, roubar. Empenhamo-nos no desejo de forjar estes outros encontros sabendo que mais do

¹⁶ “I heard the sound of a thunder, it roared out a warnin/hear a roar of a wave that could drown the whole world” (DYLAN, 1963). Essa e todas as demais traduções contidas neste artigo foram feitas livremente pelo autor.

¹⁷ “Come gather round people/wherever you roam/and admit that the waters/ around you have grown/and accept it that soon/you’ll be drenched to the bone” (DYLAN, apud EPSTEIN, 2012, p. 17).

que meros encontros com um poeta vamos nos esbarrando com acontecimentos, movimentos, ideias, dores, imaginações, inventos, fabulações. Mais do que favorecer os devires queremos potencializar os que virão, os que se darão. Ah, quem dera nossos escritos aqui se dessem como criação, mais do que reflexão. É nesta perspectiva – também criar além de refletir – que deixamos ressoar pelo artigo afora a voz de Bob Dylan, um reinventador de músicas, de sonhos, de desejos, de visões. “Todos nós estávamos nos reinventando de algum modo, e esse rapaz queria levar isso adiante um ou dois passos” (EPSTEIN, 2012, p. 130).

Um acontecimento – Admitam que as águas a sua volta tem subido

Antes de seguirmos com a exposição de nossas ideias situemos melhor o que vivemos nos tempos atuais. O império está se materializando diante de nossos olhos (NEGRI; HARDT, 2006), caem os dias uns sobre outros em pesos de esmagamento, a vida segue em formatos que nos impõem modos de viver, estes que nos saciam no instante e nos inibem dia após dia nos nossos projetos de arte e beleza, de ética e estética. “As pessoas estão loucas e o s tempos estão estranhos. Estou preso em mim mesmo, fora de alcance, antes eu me importava, mas agora as coisas mudaram. Este lugar não está me ajudando em nada”¹⁸ (DYLAN, 2000). Cuidamos de nós no descuido de nós. Mas vamos seguindo, e nos acostumamos, e tudo vai ficando tão natural e ao mesmo tempo tão assim como a tarde que se repete, se repete em fins melancólicos. Telas, displays se renovam constantemente em mil imagens e estilos de vida, estes que compramos sem precisar, estes que tocamos sem sentir, que lemos sem ler... “Olhe, tudo isso está acontecendo no mundo, o que você vai fazer a respeito?” pergunta-se Brian Hilton (2009, p. 28) ao escrever sobre a discografia de Bob Dylan.

A música na praça, na rua, no carro se desvincula da poesia e do que seria capaz de dizer, e fragmenta-se em tons monocórdios de tédio, os impulsos de criação se esgotam em projetos repetidos e garantidos pelos modos estabelecidos de constituir mundos e subjetividades. Os livros se tornam itens de um mercado ávido de produzir; produzir é claro, além dos produtos, os consumidores. Os autores se

¹⁸ People are crazy and times are strange, I'm locked in tight, I'm out of range. I used to care, but – things have changes. This place ain't doin' me any good” (DYLAN, 2000).

repetem em histórias que sejam vendáveis, a literatura resiste para não se esquecer de suas vozes de liberdade e vida. “Todo mundo tem todo o dinheiro/Todo mundo tem todas as roupas bonitas/Todo mundo tem todas as flores/Eu não tenho uma única rosa/ Eu sinto que está acontecendo uma mudança”¹⁹ (DYLAN, 2009).

Irrompe, contudo, um fato colossal, de efeitos inesperados, que desvia a direção do formato monótono das regras anteriores, um acontecimento (SERRES, 2008). Janelas ainda que de mesmo formato se abrem, e mesmo que não consintam, permitem a rachadura de telas e grades e os braços e abraços se dão, sistemas se comunicam e uma grande rede vai se tecendo e se ampliando por todo o mundo como possibilidade de instauração de outros e, quem sabe, novos caminhos.

Ao mesmo tempo e rapidamente o movimento de globalização do capitalismo expande seus braços e estabelece a partir de seu difuso centro ramificações que maravilhosamente facilitam o surgimento de espaços para configurações do singular, mas que de fato são campos para cópias, efeito pastiche daquele coração calcinado, simulacros daquela difusa matriz.

O que se dá no mercado, nas aglomerações de interesses econômicos, seja de empresas ou de países, também se alastra e necessita se fazer presente na cultura, nos esportes, nas artes, na literatura. A literatura resiste para não se submeter. E seria impossível não ser assim, pois que há um mercado editorial sedento por editar muito, e vender muito, pra “todo mundo” ler. É o capital globalizado/globalizante quem diz o se deve ler, o que garantirá estar atualizado, o que é assimilar cultura, o que é adquirir saber. Inscreve, portanto, o mercado seus enunciados nas linhas da nossa vida, nos vincos de um corpo bem vestido e amarrado por marcas – diga-se grifes – nos átrios do coração docilizado, escreve-nos com falas que não são as nossas, dispõem-nos como atores em palcos e territórios onde nossos movimentos são teleguiados sem que nossas próprias expressões sejam reconhecidas.

Alguns são escolhidos para dizer, fazem-nos crer que estes são dotados de habilidades excepcionais, merecedores de toda a admiração. Outros são

¹⁹ “Everybody got all the money/everybody got all the beautiful clothes/everybody got al the flowers/I don't have one sing rose/I feel a change coming on” (DYLAN, 2009).

constituídos magnificamente para comprar, comprar – quis dizer – para ler. Uns poucos, ao sabor das cinzas ondas literárias do momento, são convidados a enternecer o mundo com suas histórias, a chocar com seus relatos de vida, suas vitórias, a saciarem de sentido os sedentos, emudecidos, renegadores do próprio pulso e do impulso para a própria escrita. “Todo mundo tem que saber o que se passa neste mundo cruel de hoje em dia”²⁰ (DYLAN, 2006).

Mas o ideal globalizante das economias e dos modos de viver, paradoxalmente, também permite – escapa-lhe – a conexão de milhões e milhões de sujeitos que se lançam numa aventura nunca antes imaginada, a da criação de uma comunicação "por navegação" que instantaneamente proporciona encontros, encontros e encontros pela escrita, pela leitura – encontros rápidos e fugazes, se pode dizer, mas nem sempre – em portos e cais dos mais variados territórios. As idades e os idiomas se articulam, limites se alargam, horizontes se abrem, encontram-se na virtualidade cientistas e garotas de programa, estudantes e executivos, médicos e donas de casa, todos navegadores do infundável mar.

Todos, de um modo ou de outro, participam de um processo de construção e reconstrução de modos de ser, de trabalhar, de viver e de dizer coisas a respeito disso. A rede possibilita, portanto, que a concretude do mundo e o rés das coisas participem deste processo, que é um processo de conexões, coletivo. A poderosa força da rede e da sua teia de fluxos se articula com insuspeitadas estratégias que recolocam em novos traços o rosto do sujeito assim constituído. Ao mesmo tempo apanhado pela rede e dela tecedor.

Nesta perspectiva a resistência não haverá de ser vista senão como um processo que articula um conjunto de singularidades que pelos meios comunicacionais e informacionais se forjam e se mostram. Ou seja, aí delineiam-se micropolíticas em macroprocessos. A singularização se faz e se mostra exatamente por estas novas modalidades de se agregar, de inventar usos, de criar sentido pelo uso destes meios cibernéticos e eletrônicos.

Se a globalização se desdobra em todas as suas vertentes e alcances, de um modo assimétrico com este processo, mas nele embutido e por ele, emergem

²⁰ “Everybody got to wonder what’s the matter with this cruel world today” (DYLAN, 2006).

essas possibilidades de resistências, estas que se antecipam ao fluxo de signos advindos da difusa matriz. Emergem no bojo das resistências, como processos singulares, outros modos de usar a língua, de fazer letras, literaturas, menores, filetes que escorrem despercebidos, ou quase, ao lado do caudaloso e turvo rio.

É surpreendente o número de blogues dedicados à escrita, à poesia, à literatura na internet. O que por interesse do mercado se mantém separado – o escritor de um lado, o leitor de outro – agora na rede, como um dos modos de subversão de jeitos e estilos de vida, ler e escrever se juntam num mesmo processo.

Desejos que se intertextualizam – Vamos ver o que eles dizem

Mas o que vemos? Desejos que se intertextualizam, textos que se interexistencializam, corpo presente, sonho a vibrar no que se quer dizer, mas que ainda não se articulou em boas frases, mas que se postou, que se publicou assim mesmo. Vemos dizeres incompletos que podem ser completados depois, corpo-escrito ainda em úteros de poucas palavras que logo pode ser abortado, ou logo recolocado lá. Escritura, todavia, escritura já e ainda não, mas escritura. Escritura mais que voz, sobre-voz, porta-voz, sub-voz, escritura-vibração, voz clamando por um povo, voz de minoria, política-poesia, vibrações de sangue, de desejos, de vida, de almas individuais e coletivas, gaguejos que se inquietam, se debatem, se contrapõem, ou, até mesmo, também fazem astutas alianças com as palavras de ordem, maiores. “Mas alguma coisa está acontecendo aqui, e você não sabe o que é”²¹ (DYLAN, 1965).

Tendo em vista que é sobre estes fluxos, que dentre outras formas também se evidenciam na forma de escrita na internet, os pensamentos que nos pensam e que definem em nossas mãos e dígitos os movimentos de escrever este artigo não seguem senão traídos e salvos pela mesma corrente, levados e trazidos pelos mesmos fluxos.

Resistem, portanto, também aqui, neste artigo, os gaguejos-desejos que se evidenciam na grande rede de computadores, gaguejos no pulso da escrita que vai

²¹ “But something is happening here and you don’t know what it is” (DYLAN, 1965).

acontecendo com o colorido das incertezas – a certeza pode ser monocromática – e que mancham a impensável página que se abre e se vai preenchida de ânsias de dizer. Dizer, quiçá, estes possíveis entendimentos acerca da constituição dos sujeitos em que a internet é um importante vetor.

O que dizem, o que escrevem?, perguntamos ampliando o eco do que aqui queremos problematizar. “Oh, como posso explicar? Isto é tão difícil”²² (DYLAN, 1966). O que precisa ser dito? Dizer o que não precisa ser dito, vem uma titubeante resposta. Não há lucro em dizer o que se diz, a despeito de que um ou outro possa fazer-se rico e famoso dizendo o que diz. Pois fazer famoso um pobre vassalo é de práxis no mundo contemporâneo. Mas dizer o que já foi dito, todas as frases bonitas, todas as metáforas, todos os temas explorados, todas as opiniões emitidas. Dizer o desastre então, como diria Blanchot (1995); o que não tem um ultimato para o limite, como ele, dentre outros modos, explica desastre. Dizer o que vibra, o que tem sido viver, o que pode ser viver, o risco, o banal e a arte, o paradoxo e o espanto; dizer, quem sabe, para delinear na escrita a possibilidade de novos sentidos, outros jeitos para a vida, escrever a vida. “É o que você não fala”,²³ diz Blanchot (1995, p. 4), é a transgressão, é o caminhar para o limite das páginas em branco – como diz Deleuze e Guattari (1977).

E do mesmo modo, como nos referimos acima, nós, neste texto, afetados pela mesma rede sobre a qual lançamos nosso olhar – olhar que se treina em cartografias – nos mesclamos de vários traços e tons. E por mais que tentemos nos arranjar em firmezas, o texto que daí decorre, o artigo que aqui escorre, adquire rugas precoces, dobras, plissados de belezas escusas, maleabilidade de instáveis saberes. “O homem em mim às vezes se esconde para não ser visto/mas é só porque ele não quer se transformar numa máquina”²⁴ (DYLAN, 1970). O intento, o que se tenta com este texto, o que já é tecido a partir do emaranhado de linhas e cenários também vai, decerto, se expondo às forças caóticas da vida.

Seguimos assim na e pela larga e selvagem rede mundial de computadores, em tentativas de cartografias, dirigindo o olhar para a profusão de escritas, indicativo

²² “Oh, how can I explain? It’s so hard to get on” (DYLAN, 1966).

²³ “It is not you who speak” (BLANCHOT, 1995, p. 4).

²⁴ “The man in me will hide sometimes to keep from bein’ seen/but that just because he doesn’t want to turn into some machine” (DYLAN, 1970).

da constituição das subjetividades na atualidade. E as indagações se levantam. Mas que desconjuntadas subjetividades são estas que se manifestam em escrituras na world wide web? Que subjetividades são estas que se fazem palavras ditas e reeditas, sem originalidade, mas que vibram, vibram? Que são, de que falam, o que falam estas produções de clandestinidades, manifestações indisciplinadas, territórios recriados e desestabilizadores de cânones, velório de sonhos de autoria, vibrações? “Os escritos nas paredes, vamos lê-los, vamos ver o que eles dizem”²⁵ (DYLAN, 2006).

Sigamos. Há que se dizer. Na profusão, na abundância, na desorganização, o exercício da escrita vai, entre outras ações, subvertendo um sentido coisificado e canonizado do que significa escrever, trabalhando no desmanche de velhos padrões interiorizados e temporalizados de vida, e no desmanche dos referenciais de controle e homogeneização de estilos de existência.

De que sofremos? De língua presa – É por isso que é bom escrever bastante poesia

Um dos traços mais importantes da contemporaneidade é aquele dado pela comunicação, pela língua. A palavra, as imagens, os signos os ícones se dão em obediência a um estatuto, aquele que se herdou da modernidade e que estabeleceu a razão e o homem como seu único fundamento, de onde se arvora em muitas ramificações a lógica que se imprimirá nas leis, nas ciências, na moral, na língua.

Aquele estatuto propõe uma língua única, uma língua oficial, uma língua enfim que prende. Sofremos, portanto, de língua presa e nem nos damos conta disso. Bem nos apontam, com lucidez admirável, Deleuze e Guattari (2008, p. 43) quando a partir de Proust assinalam a saúde, a saída para a língua presa: gaguejar. Sim, gaguejar, e ser bilingue, multilingue, mas em uma só e mesma língua. Se a língua oficial prende, a língua posta em vibração pode abrir saídas, ou seja, as atividades criativas com a língua instituem saídas ao modo único de pensar e falar.

²⁵ “The writing on the wall, come read it, come see what it say” (DYLAN, 2006).

Roland Barthes (2003, p. 33) em *Como viver juntos* diz que é bom que tenhamos várias línguas, veiculadas no e por nosso próprio idioma, pois que o desejo busca palavras. Deleuze e Guattari (2008, p. 176), dentre tantas belas afirmações sobre a escrita, afirma que se escreve sempre para favorecer a vida, para libertar a vida aí onde ela é aprisionada.

Bataille (apud WARIN, 1974) postula uma literatura insubordinada,²⁶ aquela que viola a linguagem. A literatura se daria por um uso ilegal da linguagem, deliberadamente ilegal, servindo-se da língua para não dizer nada. Como exemplo de violação da língua ele nos dá a poesia. Na poesia, segundo seu pensamento, a palavra é a vítima, aquela palavra que tem um uso, passa a ser outra coisa. A palavra é, portanto, sacrificada. A linguagem literária passa assim a ser o lugar da diferença e do desvio. Se o erotismo é uma perversão das funções reprodutoras da sexualidade, a literatura seria esse desvio, essa perversão das funções da linguagem. “É difícil ser livre em uma canção, juntar tudo nela. As canções são tão confinantes. É por isso que escrevo bastante poesia, se for essa a palavra correta” (DYLAN, apud DOGGETT, 2010, p. 103).

Sabemos, somos feitos prisioneiros de um horizonte relativo que se dá pela circulação estereotipada das opiniões dominantes e que nos fazem crer que não somos capazes de arteiros modos de inventar outros pensamentos e outros caminhos de pensar e viver. Os movimentos cessam, desejamos território bem cercado, estradas retilíneas, asfaltadas, não suportamos o balanço, o pequeno barco que faz a travessia do porto de Vitória em rebeldes e debochadas disputas com os navios sobrecarregados de contêineres, ou com cruzeiros de gigantesca brancura. Mas são infinitos os pequenos barcos navegando na internet, e a seu tráfego já não pode ser ignorado. A internet pode ser sim o lugar da cópia, do plágio, da imitação, mas também, não se pode negar, pode ser o lugar das reapropriações, das arteiras maneiras de se usar a rede, de inventividades dos produtores de surpresas. Deleuze (2009, p. 19) ao elogiar Bob Dylan destaca sua magnífica capacidade de produtor: “Como professor, gostaria de fazer um curso tal como Dylan compõe uma canção, assombroso produtor mais do que autor”.

²⁶ Para elaborar este parágrafo, utilizamos o artigo de François Warin (1974).

Gaguejar: você tomou minha realidade e atirou-a ao vento – Nunca mais serei o mesmo

Procuramos entender este rompimento nos padrões de aprisionamento que também se mostram na língua. O filósofo quando circula por entre os conhecimentos acaba por criar conceitos que de algum jeito, ou na primeira impressão, podem causar estranheza. O conceito de gagueira, proposto por Gilles Deleuze (1997) é um deles. O conceito aparece e reaparece em várias páginas do seu extenso trabalho, mas se mostra especialmente no texto “Gaguejou” no livro *Crítica e clínica* (1997).

A palavra gagueira, se afilia à palavra vibração, tremor. Vibração que afeta a língua especialmente quando o sistema é posto em desequilíbrio, em bifurcação. O que acontece na gagueira é a invenção de um uso menor da mesma língua, como na música, onde o modo menor, explica o filósofo, designa combinações dinâmicas em perpétuo desequilíbrio. Um exemplo de gagueira é a fala poética toda marcada de variações, modulações, bifurcações, de criações pela diferença, que espanta, que desequilibra um sistema bem acomodado, e que faz pensar. Vários escritores são citados pelo filósofo ao apontar para um outro uso da linguagem, aquele uso que faz surgir o espanto, a mutação, o novo, a criação, a diferença. Não consiste, contudo, a gagueira na invenção de palavras, mas no uso diferenciado das mesmas palavras que produz quase uma outra língua. Não é o léxico que importa, mas a sintaxe, e não apenas ela. Na nossa literatura de modo escancarado aparecem Guimarães Rosa, Manoel de Barros, Clarice Lispector como bons exemplos de escritores que fazem a língua gaguejar. A gagueira faz aparecer uma outra, estranha língua, uma língua-arte, bela, pois diferente, dentro da mesma.

A gagueira, portanto, não fala senão da intensificação da língua que resulta na expressão do inexprimível, do insondável, do intempestivo. Como a linguagem se faz de forças em desequilíbrios, há sempre muitas línguas dentro de uma mesma, a língua será sempre campo de devires.

O insólito, o extravagante, que indica funções em desequilíbrio na língua, evidencia também, ou pode evidenciar resistências, outras potências, proposições de outros

cenários e personagens. “Você tomou minha realidade/E atirou-a ao vento/E eu nunca mais serei o mesmo”²⁷ (DYLAN, 1985).

Mas, apesar de dar como exemplo uns grandes nomes da literatura não afirmamos que esta gagueira seja exclusiva de alguns iluminados e raros escritores. Propomos aqui a pensar a gagueira não mais como sendo a voz de uns escritores “clamando por um povo”, mas ao contrário, uma multidão de ordinários escrevedores clamando por vários povos, cotidianos sujeitos em bandos fazendo a língua gaguejar nas várias partes do globo, se não pela habilidade própria daqueles, mas por aquilo que aqueles não tinham: uma web, uma rede.

A web é esta máquina de desejos, máquina-presente que muda a língua, que resgata a língua, que faz falar-escrever de novo quem já tinha desistido. Se essas miríades de escrevedores são incapazes de escrever (como os grandes escritores) são, todavia, na rede, e em rede, encorajados a dizer: não “sabemos” escrever, mas escrevemos.

E o conceito de gagueira nos coloca em prontidão de escuta, possibilita olhares inusitados para este volume imenso de manifestações, para a trama sempre a se tecer entre tantos interlocutores. Quem seria capaz de negar que uma outra língua passa a vibrar, gaguejar – uma língua que todos sentimos em nossa própria – quando Amy Winehouse canta, ou quando canta *back to black*²⁸ especificamente? Ainda mais se pensarmos as palavras *black*, *blanco*, *branco* como tendo a mesma origem e o mesmo significado, ou seja, sem cor, sem instituído, só possibilidade, branco campo de todos os devires, ou se quisermos, preto campo dos devires. Impossível na sua música não ser tocado por uma coisa maior que a pessoa Amy, algo impessoal, um gaguejo, choro de um tempo, rumos que não se suportam, arte que fica, e que está nela, em sua voz, em suas letras e nas desses inumeráveis viventes que escrevem na rede, praticantes de outras coisas, ao mesmo tempo em que as atividades oficiais se dão. Praticantes de uma tecelagem em que os fios são poemas apressados que pingam dos seus cotidianos, citações em que o que

²⁷ “You took my reality/And cast it to the wind/And I ain’t never gonna be the same again” (DYLAN, 1985).

²⁸ Amy Winehouse, cantora e compositora inglesa nascida em 1983 e falecida em 23-7-2011. *Back to black* é uma de suas composições mais conhecidas e bonitas. Ver: Letra e vídeo em <<http://letras.terra.com.br/amy-winehouse/932418/>>. Acesso em: 8 set. 2011.

menos importa são os autores, frases, delírios de literatura, floração mesmo que empoeirada, ipês floridos de rosa, e roxo e amarelo e minério em pó, e fuligem e outros prejuízos. É quase impossível ouvir a música back to black uma só vez. Não é o que ela fala que importa, que me porta, que me fecha a porta na cara, que me esbarra, é o que ela gagueja, é o que ela faz ver. Assim, do mesmo modo na internet, não necessariamente o que importa é o que está escrito, mas os fluxos e desejos que se avolumam pela rede.

O conceito de gagueira nos põe, portanto, em contatos de aproximações dos gogos, dos seus bandos, também estes que mancham suas telas, carregam seus arquivos, avolumam os bytes com as produções da vida, com os excrementos da vida, com a saliva doce de um beijo, ou o grosso escorrer purulento de um furúnculo, palavras, escrituras de todos os jeitos, sem escolas, sem padrões, sem editor a quem se submeter, sem gramáticos e corregedores.

Não que haja aqui uma fantasia de ver em cada blogue, em cada perfil das redes sociais na internet uma arte – naquilo que se convencionou entender como arte literária, das academias, das livrarias e bibliotecas, nem no sentido de produto desejado pelo mercado. Também não se viaja na tentativa de forçar semelhanças com aqueles grandes escritores que, segundo Deleuze (1997), fizeram a língua gaguejar. Mas enxergando sim, cartograficamente procurando ver, a partir do seu conceito, na profusão de escritas, nas obviedades do cotidiano com seus banais, em contos, comentários, em tantas letras e páginas, o que nelas fica, o que nelas é, densidade e fluidez da vida que em modos de arte, – artimanhas – se apresenta no presente que nos assedia e que aponta para buscas sem garantias de êxito, desejos de atravessar o mar, destarte, de seguir por outros mundos, de levantar outros olhares, de se dar a avistamentos mais amplos, costurar bandeiras para novas terras. “Por este mundo que se abre e que estou prestes a percorrer/Pelo gelo e pela neve, granizo e chuva/Estou prestes a seguir pela ferrovia da manhã/Talvez eu morra nesse trem”²⁹ (DYLAN, 2005).

²⁹ “Through this open world I’m in a-bound to ramble/through ice and snows, sleet and rain/I’m in a-bound to ride that mornin’ railroad/Perhaps, I’ll die on that train” (DYLAN, 2005).

Contrariando o bom-senso: a busca por visões – Talvez eu morra nesse trem

Tudo já foi dito, tudo já foi escrito, a literatura já subiu ao seu pedestal no século XIX, os clássicos já foram definidos, os cânones estabelecidos, então por que escrever? Por que escrever poemas, contos, cromentários? Por que se aventurar pela fascinação da escrita, se não haverá leitores, tantos, para todos, tantos escrevedores? Por que escrever se o mercado com seus formatos e limites define quem chegará à glória de um livro? Mas, segundo Deleuze (1974, p. 23) o acontecimento é da ordem do que contraria o bom senso, é o que se diz das coisas.

O sujeito é conduzido pela busca e produção de um sentido que vai na contra-mão do rumo das coisas, o paradoxal. Há algo no sujeito que diz que não há sentido no que está dado, então ele inventa, quer inventar um sentido, no caso ele escreve, perde tempo escrevendo, publica, atualiza seu blogue, seu perfil nas redes sociais, ao modo de fazer com que seu cotidiano ganhe o empuxo, o alavancar do acontecimento. De todo modo a escrita ganha essa força de dar conta do paradoxo da vida, comum, repetitiva, ordinária. “Desde o dia em que você se foi/Sinto um imenso vazio/Não sei o que é certo e o que é errado/Eu apenas sei que preciso de forças pra lutar, forças pra lutar [...]”³⁰ (DYLAN, 2009).

Entendemos o que Deleuze (1974) diz, que o acontecimento é da ordem da linguagem, pois que a linguagem é o que se diz das coisas. Mas o que se diz, o que se conta, não é simplesmente o relato dos fatos, é a fala do que não tem explicação, e como é a fala do que não tem explicação, a fala, ela também se contagia do paradoxo, torna-se fabulação, diríamos usando a expressão de Bérqson. Diz Deleuze (1974, p. 23), “[...] a proposição condicionada ou concluída pode ser falsa, na medida em que designa atualmente um estado de coisas inexistentes ou não é verificada diretamente”. Ainda seguindo na mesma direção Deleuze (1974) explica que o que se coloca em oposição à verdade não é o falso, mas o absurdo. O sentido, portanto, é a tentativa de dar conta, por assim dizer, do paradoxo, e é através da linguagem que essa tentativa se dá sobremaneira, ou

³⁰ “Ever since the day, the day you went away I felt that emptiness so wide/I don't know what is wrong or right/I just know I need strength to fight, strength to fight...” (DYLAN, 2009).

seja, a linguagem se presta exatamente a esta criação de sentido frente ao absurdo.

Em *As duas fontes da moral e da religião* de Henri Bergson (1978), vemos o termo fabulação como um recorte do domínio vagamente e artificialmente denominado de imaginação. Dessa função, ele diz, decorre a novela, o drama, a mitologia com tudo o que a precedeu.

Bergson (1978) argumenta que a fabulação é algo que acaba por ocupar o lugar do instinto, e que é mais do que mera imaginação, é uma decorrência de exigências fundamentais da vida. Como relacionar a uma necessidade vital as ficções, ele se pergunta, se não estiverem ligadas às exigências fundamentais da vida. “Existe um momento quando/Todas as coisas velhas se tornam novas outra vez/Mas esse momento assim como vem pode ir/Tudo que tenho e que sei/É que este sonho com você me mantém vivo”³¹ (DYLAN, 2009).

Esta exigência da vida à fabulação entende-se como um contrapeso aos ditames do juízo e da razão, ao mesmo tempo em que interpela aos rumos impostos pela razão com a indicação de outras possibilidades. Ao mostrar à razão outras visões, a fabulação estabelece, por assim dizer, limites às pretensões ilimitadas daquela.

A fabulação, portanto, traz à cena os perigos a que a razão se submete, perigos que se abrigam nos edifícios que a própria razão constrói. Paradoxalmente a fabulação alerta sobre os perigos dos delírios da inteligência, delírios aprisionadores.

A fabulação compensaria assim a deficiência da razão. Se sua origem está na força da emoção criadora, sua ação se dá no apontar e fazer ver uma outra dimensão da vida presente nos humanos que vai para além da sua capacidade racional.

Deleuze (2009, p. 222) retoma o termo de Bergson e diz que a fabulação criadora não pode ser associada à lembranças pois o artista, o que se dá pela fabulação, extrapola os estados perceptivos e o vivido. Não há, portanto, projeção de eu. O artista pela fabulação criadora é um vidente, alguém que se torna, pois que viu na vida algo muito grande e intolerável, ou seja, viu a vida em luta com o que a

³¹ “There’s a moment when/All old things become new again/But that moment might have come and gone/All I have and all I know/ is this dream of you which keeps me living on” (DYLAN, 2009).

ameaça. A fabulação estabelece, portanto, contato com potências, visões, devires. Para reforçar esta ideia Deleuze (2009) inspirado em Bergson no segundo capítulo de suas *Duas fontes da moral e da religião* diz que toda fabulação é produção de gigantes, ou seja, toda fabulação se dá por potências, forças criadoras, constituidoras de deuses. Assim, a fabulação não é algo que meramente faz ver, mas que oferece visões.

Recorremos ainda à noção de língua menor de Deleuze e Guattari (2008). Recorrer a esta noção se dá como importante por pensarmos esta profusão de escritas, a infinita invenção com a escrita que se mostra na internet, como potência de variação dentro da constante da língua.

Os referidos autores distinguem línguas altas e maiores das baixas e menores, sendo aquelas definidas pela força de suas constantes e estas pela potencia de variação. Não há nisso, contudo, a qualificação de duas línguas, mas uma mesma, na qual a força de variação dentro da maior constitui aquilo que eles chamam de língua menor.

A língua também costuma ser chamada de língua-mãe, no entanto, eles esclarecem, o que existe é uma língua dominante, e esta sempre será política, ou seja, a ênfase nas suas constantes se dá como investimento político da língua e de suas palavras de ordem.

Não havendo duas línguas o que aparece são tratamentos diferentes que pode se dar à língua. Um tratamento consiste em extrair constantes das variáveis na língua e o outro tratamento consiste em colocá-la ainda mais em variação, em variação constante. E o que importa nisso é o devir. Ou seja, o que importa é conquistar a própria língua, colocando-a em variação constante, traçando por ela e nela guaguejos, rumores, introduzindo nela tensores, pondo-a em fuga, encontrando a língua menor. Dizendo ainda com outras palavras o devir se dá pela ação da minoria, a sua invenção se dá pela conjugação de muitos elementos de minoria. É bom dizer que a noção de minoria é complexa e, decerto, não pode ser tomada simplesmente como oposta à maioria. Dependendo do ponto de vista, um estado pode ser visto como minoria ou maioria, sejam estados de língua, sexo, etc. Uma minoria não é, portanto, a territorialização de um gueto. As minorias são germes de

devir, e o devir com suas potências se dá pela variação contínua, pela transposição de limites, pela ação sobre o padrão majoritário.

Re-existir em letras: concluindo – Por detrás de cada artimanha sempre há uma dor

O ato de ler e escrever, de escrever e ler, que se dá cada vez mais como possibilidade para muitos de modo conjugado na internet, poderia se constituir como um destes modos de resistência a que se refere Negri (2003) quando aponta para os processos de resistência que também se darão em rede, numa época de capitalismo generalizado e estabelecido em redes.

A world wide web (www), como já é sabido, foi criada pela máquina militar americana. Mas fazendo um caminho completamente imprevisível na época, por ela e nela se abre hoje um vasto campo e espaço para a circulação de criações, inventos, produções, além de informações, é claro; e, o espaço que se dá e o que nele acontece, não vai na direção da homogeneização e da anulação das diferenças como é comum na comunicação de massa. Estas produções, criações, inventos que se dão por esta máquina produtora de clandestinidades e facilitadora de manifestações indisciplinadas já operem, talvez, como resistências culturais na contemporaneidade; e a escrita, profusa, abundante, talvez possa ser elencada como um dos seus traços.

Esta escrita inacabada, apressada, publicada sem tempo de ser passado a limpo, sem jeito de produto, que não se vende e nem se compra, ganha ares de contra-informação, contra comunicação, aos modos da arte. Entendemos a escrita assim assemelhada a arte, não na falta de acabamento que na arte não se vê, mas nessa busca de sentido, de contraposição ao caos, nessa força de resistir, nessa dor de resistir, nessa beleza de resistir. “Por detrás de cada beleza sempre tem existido algum tipo de dor”³² (DYLAN, 1997). Ou, nessa inadequação ao real, como marca Barthes (2010), assumindo o que é sempre um delírio. E aí, na ampla, larga e selvagem rede predominam os desequilíbrios, que ao invés de representarem faltas são desequilíbrios, são propositores e inventores de novos acontecimentos.

³² Behind every beautiful thing there's been some kind of pain” (DYLAN, 1997).

Os fluxos de desejos na internet não se dão como um corpo organizado, um corpo com órgãos bem colocados e definidos, mas como produções fugazes como os dias, mas que o tempo todo rompem com a totalidade, e em instantes se constituem em outra coisa, atualizações indefinidas, conexões impossíveis de prisão e modelagens. “Amanhã será outro dia/Suponho que seja muito tarde para dizer coisas pra você/Aquelas que você necessitava ouvir de mim/Vi uma estrela cadente se indo”³³ (DYLAN, 1996). Aqui entendemos a escrita profusa, abundante, desorganizada, intertextualizada, sem autores, como usina de produção. O que se escreve não fica no lugar de nada que vem primeiro. Não falta nada ao desejo. A falta não vem primeiro, a produção, sim, uma produção pela ação de muitos praticantes. A larga e selvagem rede de computadores possibilita assim o “aparecimento” de todo um conjunto de desejantes e praticantes humanos propensos à invenção. Em arranjos, rascunhos, criações, repetições, diz-se, escreve-se.

Portanto, e ao final, retomamos a perspectiva que nos conduziu neste artigo, o da resistência não simplesmente como processos individuais e microscópicos, mas como atuações que se dão em macroprocessos. O que percebemos é que, se a internet possibilita processos de individualização segundo os padrões universais, individualizantes, do mesmo modo, ou também, nela e por ela se dá um outro processo, o da singularização, que se opõe ao primeiro e que se dá pela afirmação de outras sensibilidades, outros modos de ser.

Uma frase de Nietzsche (2006, p. 166) bem traduz esse impulso para a escrita que movimenta a muitos, a tantos: “[...] a minha mão é uma mão de louco; pobres de todas as mesas e de todas as paredes e de quanto ofereça espaço para rabiscos e borrões de louco”.

³³ “Tomorrow will be another day/Guess it’s too late to say the things to you/That you needed to hear me say/Seen a shooting star tonight/slip away” (DYLAN, 1996).

Referências

- 1 BARTHES, R. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2010.
- 2 _____. **Como viver junto**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- 3 BERGSON, H. **As duas fontes da moral e da religião**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- 4 BLANCHOT, M. **The writing of the disaster**. Nebraska: University of Nebraska Press, 1995. Disponível em: <<http://books.google.com.br/>>. Acesso em: 9 set. 2012.
- 5 DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva/Universidade de São Paulo, 1974.
- 6 _____. **Crítica e clinica**. Tradução de Peter Pal Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- 7 _____. **O que é filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2009.
- 8 DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka: por uma literatura menor**. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- 9 _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2008. v. 2.
- 10 DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Lisboa. Relógio D'água, 2004.
- 11 DOGGETT, P. **Dylan: 100 canções e fotos**. São Paulo: Madras, 2010.
- 12 DYLAN, B. A hard rain's A Gonna fall. Intérprete Bob Dylan. In: _____. **The Freewheelin**. New York: Columbia records, 1963. 1 Disco, faixa 6.
- 13 _____. Ballad of a thin man. Intérprete Bob Dylan. In: _____. **Highway 61 revisited**. New York: Columbia records, 1965. 1 Disco, faixa 5.
- 14 _____. Visions of Johanna. Intérprete Bob Dylan. In: _____. **Blonde on Blonde**. New York: Columbia records, 1966. 1 Disco, faixa 3.
- 15 _____. The man in me. Intérprete Bob Dylan. In: _____. **New morning**. New York: Columbia records, 1970. 1 Disco, faixa 10.
- 16 _____. Never gonna be the same again. Intérprete Bob Dylan. In: _____. **Empire burlesque**. New York: Columbia records, 1985. 1 Disco, faixa 5.

- 17 DYLAN, B. Shooting star. Intérprete Bob Dylan. In: _____. **MTV unplugged**. New York: Columbia records, 1995. 1 Disco, faixa 2.
- 18 _____. Not dark yet. Intérprete Bob Dylan. In: _____. **Time out of mind**. New York: Sony Music, 1997. 1 Disco, faixa 7.
- 19 _____. Things have changed. Intérprete Bob Dylan. In: _____. **The essential**. New York: Sony Music, 2000. 2 Disco, faixa 12.
- 20 _____. Man of constant sorrow. Intérprete Bob Dylan. In: _____. **Bootleg series**, v. 7: No direction home. New York: Sony Music, 2005. 1 Disco, faixa 9.
- 21 _____. Thunder on the mountain. Intérprete: Bob Dylan. In: _____. **Modern times**. New York: Sony Music, 2006. 1 Disco, faixa 1.
- 22 _____. Life is hard. Intérprete Bob Dylan. In: _____. **Together through life**. New York: Columbia records, 2009. 1 Disco, faixa 2.
- 23 _____. The dream of you. Intérprete Bob Dylan. In: _____. **Together through life**. New York: Columbia records, 2009. 1 Disco, faixa 7.
- 24 _____. I feel a changing coming on. Intérprete: Bob Dylan. In: _____. **Together through life**. New York: Columbia Records, 2009. 1 Disco, faixa 9.
- 25 EPSTEIN, D. M. **A balada de Bob Dylan**: um retrato musical. Rio de Janeiro: zahar, 2012.
- 26 HINTON, B. **Bob Dylan**: gravações comentadas e discografia completa. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.
- 27 NEGRI, A. **5 lições sobre império**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- 28 NEGRI, A.; HARDT, M. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- 29 NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratrusta**. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- 30 SERRES, M. **Ramos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- 31 WARIN, F. Georges Bataille e a maldição da literatura. **Discurso**, ano v, n. 5, 1974. Disponível em: <www.fflch.usp.br/df/site/publicacoes/discurso05.php>. Acesso em: 7 set. 2012.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vida

Há sempre no que escrevo e leio, no impulso da mão, na agilidade dos olhos ou no vigor do pensamento um movimento que se avizinha ou se afilia, em ligações não muito claras, com a rebeldia. No contato com as palavras daqueles autores que me povoam de seus personagens e conceitos, de suas fabulações e histórias se estabelece como que um tremor de rebeldia. Ao mesmo tempo, todavia, um tremor de espanto, de admiração diante da lucidez e da maestria que se alojam em suas palavras, da força e do assombro dos cavalos alados e dragões de fogo que habitaram seus corações a suscitarem-lhes tais pensamentos. Ampara-me, no entanto, a palavra de Kafka ao seu amigo Gustav Janouch (2008) “Isso me acontece com frequência quando escuto meus amigos. São tão eloqüentes que me obrigam sempre a pensar por mim mesmo”.

Vai dizendo Calvino (1999) em *Se um viajante em uma noite de inverno*, gostaria que todos os detalhes que escrevo concorressem para evocar uma sequência de deslumbramentos que remetam a algo que permanece fora do alcance da vista. E o que ocorre fora do alcance da vista, – ousou, e digo – é o que funda a própria visão, que plasma do olho o seu humor vítreo e transparente, que pontilha de sensibilidades sua retina, que abre através do caos as janelas ao sentido e ao encanto: A vida.

Sim, a vida que está sempre além do alcance individual da vista. Tudo. Nada. Nada comporta a vida, nenhuma porta dá acesso direto ao salão de suas virtualidades, nenhum domínio lhe alcança em todos os seus horizontes. Nenhum sentido fácil veste sua pele, nenhum manto pré-tecido esconde sua nudez, sua prenhez vazia.

Vida, a que não nasce e nem parte, parteira é que sim, a que forja nascimentos. Rizoma, raiz esparramada, rede entrelaçada de muitos fios e meadas, força que aflora aqui, acolá, em mim, em milhões. Magma de profundezas rubras solidificando-se em sonhos na superfície, sobre a face, sorrisos e lágrimas, ossos, carne e vibração. Vida recta, ressurrecta em cada um dos seus berços e túmulos.

Vida que não se esgota em “eus”, mas que se extravasa em multidões; que não privilegia indivíduos, mas se expande em pluriversos; que não se ensoberbece autoritariamente em ser uma, mas se embeleza sendo trina, trilhada de devires; que não se cansa, que não cessa, mas processa-se a cada instante, faz-se outra.

Ah, sequência de deslumbramentos que remetam à vida. Deslumbramentos, lubre, lume, luzes intensificadas a dar acesso aos detalhes, às delicadezas. Deslumbramentos a nos dar suavidades, delicadezas, beleza. Pretendemos. Quiçá não tenhamos sido de todo capturados pela língua das dissertações, pelos palavreados cifrados das erudições, erudições que de tão “ex-rudis” nos fazem voltar ao “rude” sem que nos demos conta.

Mas é certo, a vida ganha superfícies, super-faces, sobre as faces se dobra, lábios e olhos, orifícios e almas. Plissa-se a vida elegantemente de várias rugas, aplica-se, complica-se, explica-se de várias dobras, torna-se subjetiva.

Vai a rusticidade marcada de muitos embates, tempos e ventos, cansaços e desgastes, consumos e desencantos, esgarçam-se seus traços pela megamáquina capitalista. Sim, bem pergunta-nos Pelbart (1993) na como abrir-se para a vitalidade das subjetividades emergentes, neste contexto? Foi decerto um desejo de dar-se com estas vitalidades que nos impulsionou nos passos desse caminho que ora encerramos. Foi decerto no resgate da crença no mundo, nos acontecimentos, aqueles que traduzem das realidades mais duras, do horror mais amedrontador a poesia da coragem de um passo a mais, não na escrita de outro texto que porventura se fecunde a partir deste, mas na poesia da política que se faz na eira do que se escreve.

Sim, pois que não há escapatória: quem se dá aos pensamentos, quem se põe em tentativas de polir a rudeza, de “ex-rudir”, de pôr-se fora da aspereza, não apenas torna-se um produtor de conhecimentos e saberes, mas permite, em primeiro lugar, que tais entendimentos atuem sobre si próprio. A isto também poderíamos chamar de espiritualidade, tornar-se suavemente outro.

Vitalidades

A busca por suavidades e vitalidades que empreendemos ao longo destes artigos e de todo o processo que como o seu substrato possibilitou sua escrita, foi, com certeza, na consciência de que é cada vez mais denso, sinuoso e envolvente o poderio capitalista que se vai estabelecendo em tudo e em todos, para além de quaisquer limites geográficos e muralhas. Poderio que nas últimas décadas, sobremaneira, expandiu seus territórios sobre os mais recônditos grotões: a

subjetividade de cada um. Capitalismo, portanto, que não apenas quer agir sobre as subjetividades, mas antes quer concebê-las no líquido de seus fluxos determinando-se matriz impiedosa de filhos servidores de sua magnitude e “magnanimidade”.

Há que se afirmar mais uma vez que não é etereamente que entendemos subjetividade, antes, tomamo-a como campo de experiências de vida, como a própria vida em todas as suas dimensões e variações, afetos, dores, sonhos, conexões.

Se a internet e todos os meios comunicacionais e informacionais com todos os seus fluxos de informação, serviços, saberes se prestam a esta expansão e assimilação por parte de todos dos modos capitalistas de viver, se estes meios plasmam e vendem subjetividades, do mesmo modo, e a despeito da circulação do capitalismo nas veias das subjetividades constituídas nestes tempos, ainda assim a vida se levanta para além dessas amarras.

Sim, a vida se articula em reapropriações, em arteiros modos de usar o patrimônio do império, de se aproveitar de seus bytes e becos para fazer fluir fugidias sensibilidades, para montar astutas agremiações, para fazer escusas, escuras e brilhantes trocas e barganhas, para marcar com os desvalorizados e “inocentes” banais os fronteiras dos territórios reconquistados, para forjar os sentidos da própria vida no desmonte da velha e cultuada intimidade em função de inusitados e inesperados jeitos de construir sentidos.

Mas esta busca das vitalidades que escapam e sorrateiramente se traduzem em modos de fazer uso da internet, das redes, dos dispositivos eletrônicos para criar novos territórios existenciais, novas conexões de sentido não se dará se também não tivermos “olhos pra ver”, parafraseando um velho mestre de Nazaré. E se nos perguntamos se estamos dispostos a sair em busca dessas visões, já estaremos em processo de descobri-las. Se as forças do que se pode chamar também – além de outros nomes – de capitalismo cultural se tecem em redes, de que modo a vida em toda a sua plasticidade e beleza estará respondendo, mesmo que em insipientes iniciativas, de se manter e se expandir em novos hortos, territórios, mundos. É preciso buscar visões.

Visões

Ao final, e afinal, parece urgente dar-se em paciente labor, em andanças cartográficas pelas ruas e bytes de nossas cidades, pelos bytes e fluxos dos enredados mundos “virtuais” em busca de visões. E uso aqui, com as devidas licenças poéticas, a expressão “visões” para traduzir o que se avista, o que se pode avistar, mesmo que em enevoados traços: o costeiro de novas terras, o horizonte de novos sonhos.

Mas a busca dessas visões exige que ao quadrante, ao astrolábio e à balestilha se associe a percepção de um olho vagante de menino, não a entender o uso do brinquedo, mas em ganhar conhecimento de como fazer o desmonte de suas peças. Há de se associar aos instrumentos da cartografia a insistência de um certo capitão em capturar a baleia que o havia mutilado. Há de se lançar mão dos saberes das artes, das forças imaginativas da literatura. Há, assim, e também, de se invocar a doçura, a leveza, a força e o poder de cavalos alados.

Ou seja, esta busca por “visões” quer expressar a convicção que para além da vitalidade seqüestrada, para além das redes de captura da vida, captura de sua força criativa, de seus pássaros de levezas inventivas, para além da transformação das potencias de vida em riquezas de uma economia imaterial, para além de tudo isso há aqui e acolá a manifestação dessas inventividades.

REFERÊNCIAS

- 1 AGAMBEN, G. **A comunidade que vem**. Lisboa: Editorial Presença, 1993.
- 2 _____. **Infância e história, destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- 3 _____. **O rosto**. 1996. Disponível em: <www.4shared.com/dir/V6eKPCdk/Giorgio_Agamben.html>. Acesso em: 20 jul. 2012.
- 4 _____. **Profanações**. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.
- 5 ANDREJEVIC, Mark. **I spy**. Kansas: University Press of Kansas, 2007.
- 6 BARROS, M. de. **O livro das ignorâncias**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- 7 BARTHES, R. **Como viver junto**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- 8 _____. **O grau zero da escrita**. São Paulo: Martins fontes, 2004.
- 9 _____. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- 10 _____. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2010.
- 11 BBC Brasil. **Saiba mais sobre o Bóson de Higgs, a 'partícula de Deus'**. 2011. Disponível em: <www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/12/111212_boson_higgs_saiba_mais_entenda_mm.shtml>. Acesso em: 27 jan. 2012.
- 12 BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política. In: _____. **Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 1.
- 13 BERGSON, H. **As duas fontes da moral e da religião**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- 14 BLANCHOT, M. **The writing of the disaster**. Nebraska: University of Nebraska Press, 1995. Disponível em: <<http://books.google.com.br/>>. Acesso em: 9 set. 2012.
- 15 _____. **A conversa infinita 2: a experiência limite**. São Paulo: Escuta, 2007.
- 16 _____. **Espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- 17 _____. **A arte do fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- 18 BUCCI, E.; KEHL, M. R. **Videologias**. São Paulo: Boitempo, 2004.

- 19 CALVINO, I. **Marcovaldo ou as estações na cidade**. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- 20 _____. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das letras, 1993.
- 21 _____. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- 22 CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- 23 _____. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- 24 DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. 1973. Vídeo. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=qt8c-Wy46S4>. Acesso em: 12 set. 2012.
- 25 _____. **A sociedade do espetáculo**. 2003. Disponível em: <www.cisc.org.br/portal/biblioteca/socespetaculo.pdf>. Acesso em: 5 set. 2012.
- 26 DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. São Paulo, Perspectiva, 1975.
- 27 _____. **Abecedário**. 1988. Disponível em: <www.ufrgs.br/corpoarteclinica/obra/abc.prn.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2012.
- 28 _____. **Critica e clinica**. Tradução de Peter Pal Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- 29 _____. **A imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- 30 _____. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- 31 _____. **Conversações**. São Paulo, Ed.34, 2008.
- 32 DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka: por uma literatura menor**. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- 33 _____. **Mil platôs 3: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1996.
- 34 _____. **Mil platôs 2: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2008.
- 35 _____. **O que é filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2009.
- 36 DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Lisboa. Relógio D'água, 2004.

- 37 DOGGETT, P. **Dylan**: 100 canções e fotos. São Paulo: Madras, 2010.
- 38 DOMINGUES, L. **À flor da pele**. Porto Alegre: Editora Sulina/UFRGS, 2010.
- 39 DYLAN, B. A hard rain's A Gonna fall. Intérprete Bob Dylan. In: _____. **The Freewheelin**. New York: Columbia records, 1963. 1 Disco, faixa 6.
- 40 _____. Ballad of a thin man. Intérprete Bob Dylan. In: _____. **Highway 61 revisited**. New York: Columbia records, 1965. 1 Disco, faixa 5.
- 41 _____. Visions of Johanna. Intérprete Bob Dylan. In: _____. **Blonde on Blonde**. New York: Columbia records, 1966. 1 Disco, faixa 3.
- 42 _____. The man in me. Intérprete Bob Dylan. In: _____. **New morning**. New York: Columbia records, 1970. 1 Disco, faixa 10.
- 43 _____. Never gonna be the same again. Intérprete Bob Dylan. In: _____. **Empire burlesque**. New York: Columbia records, 1985. 1 Disco, faixa 5.
- 44 _____. Shooting star. Intérprete Bob Dylan. In: _____. **MTV unplugged**. New York: Columbia records, 1995. 1 Disco, faixa 2.
- 45 _____. Not dark yet. Intérprete Bob Dylan. In: _____. **Time out of mind**. New York: Sony Music, 1997. 1 Disco, faixa 7.
- 46 _____. Things have changed. Intérprete Bob Dylan. In: _____. **The essential**. New York: Sony Music, 2000. 2 Disco, faixa 12.
- 47 _____. Man of constant sorrow. Intérprete Bob Dylan. In: _____. **Bootleg series**, v. 7: No direction home. New York: Sony Music, 2005. 1 Disco, faixa 9.
- 48 _____. Thunder on the mountain. Intérprete: Bob Dylan. In: _____. **Modern times**. New York: Sony Music, 2006. 1 Disco, faixa 1.
- 49 _____. Life is hard. Intérprete Bob Dylan. In: _____. **Together through life**. New York: Columbia records, 2009. 1 Disco, faixa 2.
- 50 _____. The dream of you. Intérprete Bob Dylan. In: _____. **Together through life**. New York: Columbia records, 2009. 1 Disco, faixa 7.
- 51 _____. I feel a changing coming on. Intérprete: Bob Dylan. In: _____. **Together through life**. New York: Columbia Records, 2009. 1 Disco, faixa 9.
- 52 EPSTEIN, D. M. **A balada de Bob Dylan**: um retrato musical. Rio de Janeiro: zahar, 2012.

- 53 EVANGELHO DE SÃO MATEUS. **Cap. 5, versículo 14**. Disponível em: www.bibliacatolica.com.br/01/47/5.php>. Acesso em: 2 jul. 2012.
- 54 FENG, Y.; BONVICINO, R. (Org.). **Um barco remenda o mar**. São Paulo: Martins fontes, 2007.
- 55 FITZGERALD, F. S. **Crack-up**. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- 56 _____. **O grande Gatsby**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- 57 _____. **O último magnata**. São Paulo: Record, 1968.
- 58 _____. **Suave é a noite**. São Paulo: Nova Cultural, 2003.
- 59 _____. **The diamond as big as the ritz**. New York: Penguin Books, 1996.
- 60 FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 14. ed. Tradução de Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo. Loyola, 2006.
- 61 _____. **Ditos e escritos 3**. 2. ed. São paulo: Forense Universitária, 2009.
- 62 _____. **A hermenêutica do sujeito**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- 63 FOUCAULT, M., BONNEFOY, C. Entrevista. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/fsp/mas/fs2111200424.htm>. Acesso em: 16 jul. 2012.
- 64 GIARD, L. História de uma pesquisa. In: CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 9-32.
- 65 GUATTARI, F. **As três ecologias**. Campinas, S.P.: Papyrus, 1990.
- 66 _____. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2006.
- 67 _____. Da produção da subjetividade. In: PARENTE, André (Org.). **Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999. p. 177-191.
- 68 GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- 69 HINTON, B. **Bob Dylan: gravações comentadas e discografia completa**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.
- 70 JANOUCHE, G. **Conversas com Kafka**. Osasco, SP: Novo Século, 2008.

- 71 KEHL, M. R. **Muito além do espetáculo**. 2005. Disponível em: www.mariaritakehl.psc.br/conteudo.php?id=76>. Acesso em: 10 set. 2012.
- 72 _____. **A constituição literária do sujeito moderno**. 2001. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/19133258/Maria-Rita-Kehl-A-constituicao-literaria-do-sujeito-moderno>>. Acesso em: 2 jul. 2012.
- 73 KUNDERA, M. **A arte do romance**. Tradução de Teresa Bulhões C. da Fonseca e Vera Mourão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- 74 LEVY, P. **As tecnologias da inteligência**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- 75 NEGRI, A. **5 lições sobre império**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- 76 NEGRI, A.; HARDT, M. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- 77 NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratrusta**. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- 78 _____. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das letras, 2009.
- 79 NOGUEIRA, E. **A dificuldade da poesia**. Disponível em: <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,O14605214-EI13894,00-A+dificuldade+da+poesia.html>>. Acesso em: 27 jan. 2012.
- 80 PARENTE, A. (Org.). **Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.
- 81 PELBERT, P. P. **A nau do tempo-rei**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- 82 _____. **A vertigem por um fio: políticas de subjetividade contemporânea**. São Paulo: FAPESP Iluminuras, 2000.
- 83 _____. **Vida capital**. São Paulo: Iluminuras, 2011.
- 84 PRECIOSA, R. **Rumores discretos da subjetividade**. Porto Alegre: Editora Sulina/UFRGS, 2010.
- 85 RABINOW, P.; HUBERT, D. **Foucault: uma trajetória filosófica**. São Paulo: Forense Universitária, 1995.
- 86 ROLNIK, S. **Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura**. 1997. Disponível em: <http://caosmose.net/suelyrolnik/pdf/sujeticabourdieu.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2012.
- 87 SENNETT, R. **A corrosão do caráter**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2009.

- 88 SENNETT, R. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2006.
- 89 SERRES, M. **Os cinco sentidos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- 90 _____. **Ramos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- 91 SIBILIA, P. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- 92 SHÔNAGON, S. **O livro de travesseiro**. Porto Alegre: Escritos, 2008.
- 93 SZYMBORSKA, W. **Um grande número**. 1976. Disponível em: <<http://autoreslivros.wordpress.com/2011/10/31/um-grande-numero/>>. Acesso em: 12 set. 2012.
- 94 TCHÉKHOV, A. **Sem trama e sem final**. São paulo: Martins Fontes, 2007.
- 95 WARIN, F. Georges Bataille e a maldição da literatura. **Discurso**, ano v, n. 5, 1974. Disponível em: <www.fflch.usp.br/df/site/publicacoes/discurso05.php>. Acesso em: 7 set. 2012.